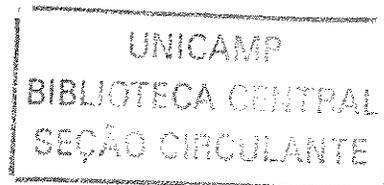


ERIBERTO JOSÉ LESSA DE MOURA

AS RELAÇÕES ENTRE LAZER, FUTEBOL E GÊNERO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
DEZEMBRO
2003



ERIBERTO JOSÉ LESSA DE MOURA

AS RELAÇÕES ENTRE LAZER, FUTEBOL E GÊNERO

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação de Mestrado defendida por Eriberto José Lessa de Moura e aprovada pela comissão julgadora em 09 de Dezembro de 2003.



Orientadora: Prof.^a Dr.^a Heloísa
Helena Baldy dos Reis

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

2003

UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	T/UNICAMP
	M865r
/	EX
OMBO BC/	65367
ROC.	16-86-05
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	11,00
DATA	24-8-15
Nº CPD	

16. ID 361681

FICHA CATALOGRÁFICA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP

M865r Moura, Eriberto José Lessa de
As relações entre lazer, futebol e gênero / Eriberto José Lessa de Moura. - Campinas, SP: [s.n], 2003.

Orientador: Heloisa Helena Baldy dos Reis
Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Futebol. 2. Lazer. 3. Gênero. 4. Mulheres. I. Reis, Heloisa Helena Baldy dos. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

Autor: Eriberto José Lessa de Moura

Título: As relações entre Lazer, Futebol e Gênero

BANCA EXAMINADORA:

PROFESSORA DR^a. HELOÍSA HELENA BALDY DOS REIS (ORIENTADORA)
INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS-UNICAMP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

PROFESSORA DR^a. SURAYA CRISTINA DARIDO (TITULAR)
INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA-UNESP

PROFESSORA DR^a. HELOÍSA TURINI BRUHNS (TITULAR)
INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS-UNICAMP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

200518301

Campinas, 09 de Dezembro de 2003

AGRADECIMENTOS

- A todos os funcionários da FEF-UNICAMP em especial: Seu Pedrinho, Sinval, Marli, Tânia, Beth, Márcia, Cléber, Cesinha e Geraldo e Geraldinho.
 - Ao pessoal da Informática capitaneado pelo Felipe: Ricardinho, Diego, e todos os estagiários que passaram por este departamento.
 - Aos funcionários do arquivo Edgar Leuenroth-IFCH-UNICAMP: Emerson, Izabel, Roberta, Sílvia, Joana, Cleunice, Elaine, Maria Helena, Silvana, Marineide, Conceição, Emma e todos os estagiários e bolsistas que me auxiliaram neste projeto.
 - Aos professores da FEF-UNICAMP, em especial: Jocimar, Lino, Joãozinho Freire e Sérgio Stucci.
 - Ao CNPq pela resumida mais importante bolsa.
-

HOMENAGENS

- Aos meus pais, Maria Odair e Euclides, nordestinos e batalhadores, apaixonados pela vida e pelos seus filhos e netos.
- Ao meu irmão Vado, meu eterno ídolo, dentro e fora das “quatro linhas”.
- A minha mana Sissi, por ter ensinado constantemente para mim como tentar entender às mulheres.
- A minha irmã Cely, primeira mulher que vi jogar, grande lutadora e amiga.
- Ao meu mano Gó, companheiro de violão, de escola, de futebol, mentor deste texto e grande figura intelectual, que me ensinou que tudo que for “humano/a” faz sentido.
- A minha sobrinha Joanna, surfista, Skatista, adoradora da boa música e jogadora de futebol.
- A minha outra sobrinha Bernadete, mesmo “distante” de mim o meu carinho e admiração.
- A meu pequenino e caçula sobrinho Caio, nascido pouco tempo, que os encantos do futebol e da arte brasileira e universal lhe iluminem sempre.
- A Minha querida Lúcia Helena pelo companheirismo e que sempre acreditou em mim mesmo sendo do seu jeito, de sua maneira.
- Aos meus cunhados e cunhadas Arthur, Cléber, Elis e Gaby, meu respeito e carinho por me reconhecerem como amigo e por serem carinhosos com meus manos e manas.
- Aos meus tios, tias, primos e primas da família Lessa e Moura.
- Ao meu primo-irmão Joãozinho Moura, companheiro das “peladas imortais” no campinho de nosso bairro na Gruta de Lourdes em nossa querida Maceió.
- A José Humberto, que junto com seu filho Júnior Beltrão e A meu Tio Eraldo Lessa, por serem os primeiros a me levarem ao Trapichão (estádio Rei Pelé) se tornando os grandes responsáveis por eu ter definitivamente me apaixonado pelos encantos da “divina esférica”.
- A Manelito Miranda e a família Jurema, em especial: Kleber, Dulinha, Nena, Lica (im memoriam) e Hayton, companheiros de futebol, conhecedores dos segredos e mistérios do futebol.
- A minha querida amiga de todas as horas, Rosely.
- A minha querida “mãezona” de Campinas, Leninha, por sempre acreditar que tudo pode ser alcançado.
- A minha orientadora Heloísa, minha eterna gratidão.
- A memória do professor Casemiro dos Reis Filho, pelos seus conselhos e comentários sobre a vida cotidiana e o universo acadêmico brasileiro.
- A Dona Cacilda pelo seu acolhimento e carinho.
- Ao Professor da FEF-UFAL, Verter Paes Cavalcanti incentivador de minha vinda para Campinas e primeiro incentivador de meus estudos para a pós-graduação.
- Ao professor da FEF-UFAL, Antônio Passos, por ser meu primeiro mestre que me mostrou o caminho de uma Educação Física diferente que enxerga as diferenças e as respeita.

- Ao professor Maurício Roberto e a Professora Iracema pela amizade e paciência ao me auxiliarem na elaboração definitiva deste projeto.
 - Ao professor do IFCH-UNICAMP Fernando Lourenço o idealizador deste projeto, minha gratidão e amizade.
 - Ao meu amigo Corinthiano Mário Martins, pelas intermináveis conversas sobre o universo do futebol e pelas as orientações precisas para esta pesquisa.
 - Aos meus Amigos da Pós-graduação do IFCH e FEF, em especial: Daneil Romero, Ronaldo Bahia, Paulo Denisar, Juliana, Gabriela, Thelma Polato, Cíntia, Marquinho Betine, Fabiano, Andréia Silva, Ana Carolina, dentre outros.
 - A Dulce e ao Gonzaga, funcionários da FEF-UNICAMP, pela paciência ao ensinarem os segredos da pesquisa numa Biblioteca.
 - Ao Beroth e a Fátima, que tiveram paciência nas horas de sufoco quando o computador “emperrava”.
 - Aos meus eternos amigos Albert Queiroz e Cicinho companheiros da FEF-UFAL e de grandes momentos de minha vida universitária.
 - Aos que fizeram o PANELA FUTEBOL CLUBE, equipe itinerante de futebol da FEF-UFAL em especial: Falcon e Carlos Jorge, entre outros.
 - A minha turma 86.2 da FEF-UFAL, em especial: Beth Vôlei, Beth DCE, Waltinho, Manoel Silva, Adriana Valença, Marilene, Marilzete, Eliane Sapoti, Beth Branca e Patadaio.
 - Ao meu amigo Ricardo Oliveira, que me ensinou com seu exemplo, como superar os meus limites.
 - A memória do amigo Jorge Hermida, torcedor do Nacional de Montivideo, que me ensinou que os grandes jogadores são eternos.
 - Ao meu amigo tricolor Carioca Marquinhos Guimarães, acima de tudo meu maior amigo.
 - Ao meu também importante amigo botafoguense Marquinho Zabumba, por sempre acreditar em mim.
-
- Aos meus mais novos amigos Léo, Lucas Barata, Dudu e Charles, amantes do futebol como eu, e admiradores das mulheres, como eu.
 - Ao Jornalista Luiz Sugimoto, divulgador de nosso trabalho perante a grande mídia universitária, nacional e internacional.
 - Ao meu amigo conterrâneo Seu Luís da Xerox do IFCH-UNCAMP, nordestino como eu e um apaixonado pela vida e pelos alunos e alunas.

Dedico este trabalho a
memória de meu eterno e
insuperável amigo
Valdir Accioly dos Santos

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo identificar, discutir e compreender as possíveis articulações entre Lazer, Gênero e Futebol. Para tanto realizamos um breve percurso histórico social do futebol feminino no Brasil, analisamos como se processa a construção dos papéis sociais colocados para a mulher relacionando-a com o espaço de exclusão/inclusão no universo futebolístico nacional e norte-americano. Esta trajetória procurou manter-se atrelada ao desenvolvimento da formação social da mulher brasileira, observando os diferentes contextos, grupos e classes sociais que as mesmas pertencem. Utilizamos alguns autores da historiografia como Rago, Hobsbawn e de alguns autores que versam sobre as relações de gênero como Louro, Scott e Mourão, dentre outros. Realizamos um estudo de caso da extinta Equipe de Futebol Feminino do Guarani F.C., tendo sua existência ocorrida nos anos de 1983 a 1985, na cidade de Campinas, SP. Através de entrevistas concedidas por ex-atletas dessa equipe, observamos que as mesmas indicaram a sua prática no interior do futebol estava atrelada aos conteúdos do lazer. Finalizamos esta pesquisa defendendo a idéia de que o futebol é um espaço também das mulheres. Este “pedaço” se define com o direito de sua participação. Aceitamos a participação conjunta entre ambos os sexos, mas também entendemos que às particularidades da diferença deva articular um caminho para o respeito da convivência, e o respeito de uma identidade possível do gênero humano.

ABSTRACT

This research aims at identifying, discussing and understanding the possible articulations between leisure, gender and football. For this purpose we have made a short tour through the social history of female football in Brazil, we've analyzed how the social roles put to women are built relating this to the inclusion /exclusion space on the Brazilia and North-American universe of football. This route has tried to keep attached to the development of the social formation of the Brazilian woman, observing the different contexts, groups and social classes to which they belong. We have used some authors from the historiography such as Rago and Hobsbawn as well as authors which deal with relations of gender like Louro, Scott and Mourão among others. We have done a case-study of the extinct female football team of the Guarani Football Club which existed from 1983 to 1985, in the city of Campinas in Sao Paulo. Through interviews given by the ex-athletes of this team, we've observed that they have indicated that their practice inside the football was somehow attached to contents of leisure. We end this research defending the idea that the football is also a space of women. This "bit" is defined with the right of their participation. We've accepted the joint participation of both sexes, but we also understand that the peculiarities of the differences must articulate a path for the respect of living together, and the respect for a possible identity of the human gender.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I.....	5
INTRODUÇÃO AO CENÁRIO DA PRÁTICA DO FUTEBOL FEMININO NAS CIDADES DE SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO.....	5
1.1. O “pontapé Inicial” no Brasil e no Mundo e a questão feminina.....	8
1.2. Na “Pauta de reivindicações”, o futebol fica de fora.....	12
1.3. Higienização da mulher.....	14
1.4. Belle-Époque: da Casa para a Rua... Da Rua para a Arquibancada.....	18
1.5. As práticas físico-esportivas do gênero feminino e os hábitos esportivos nos anos 20 na cidade de São Paulo.....	23
CAPÍTULO II.....	28
O FUTEBOL COMO “ESPORTE FEMININO” E A EUGENIA NO ESTADO NOVO.....	28
2.1 O Futebol Feminino “no banco dos réus”(?!): Médicos e Jornalistas !.....	30
2.2. Um “corretivo” para as mulheres: normatização e proibição de seu futebol.....	40
2.3. Distintas classes, esportes, comportamentos e conquistas.....	48
2.4. Da “Questão da Mulher” ao fim da proibição.....	53
2.5. Às vésperas do 3º milênio!.....	60
CAPÍTULO III.....	63
O FUTEBOL COMO UM CONTEÚDO DO LAZER: A EXTINTA EQUIPE DE FUTEBOL FEMININO DO GUARANI F.C.....	63
3.1. O Espaço do Lazer na cidade de Campinas na década de 80.....	64
3.2. O Início do futebol feminino na terra de “Carlos Gomes”.....	66

3.3. O futebol feminino no Bugre.....	67
CAPÍTULO IV.....	74
O FUTEBOL COMO ÁREA RESERVADA MASCULINA.....	74
4.1. O Corpo na esfera Pública e Privada.....	77
4.2. O Futebol como Área Exclusiva Masculina.....	79
4.3. Bola para os meninos! Boneca para as meninas!.....	80
4.4. Futebol é jogo de mulher! Na terra de Jordan!.....	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	91
ANEXO.....	95

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Fonte Arquivo do Estado de São Paulo.....	17
Figura 2. Fonte AEL.....	32
Figura 3. Fonte AEL.....	33
Figura 4. Fonte AEL.....	36
Figura 5. Fonte AEL.....	39
Figura 6. Fonte Folha de São Paulo.....	53
Figura 7. Fonte Revista Placar.....	55
Figura 8. Fonte Revista Placar.....	56
Figura 9. Fonte Revista Placar.....	59
Figura10.Fonte Revista Placar.....	59
Figura11.Fonte acervo particular.....	69

INTRODUÇÃO

O fenômeno futebol em nosso país vem, atualmente, sendo estudado por diferentes áreas do conhecimento. Houve um considerável aumento de pesquisas nos últimos anos, publicações em artigos, dissertações e teses que, de alguma maneira, tomam, como foco principal ou secundário, este fenômeno. No campo da História, da Antropologia e da própria Educação Física, o futebol ganha, portanto, um relativo *status* como possibilidade de fonte para o entendimento sobre as práticas cotidianas da sociedade brasileira em seus diversos campos, setores e classes.

Ao nos inserirmos na área de Estudos do Lazer, percebemos que a mesma já despertou alguns olhares importantes. O futebol como conteúdo do lazer já vem sendo estudado, recebendo múltiplos olhares, tendo, como exemplo disso, sua relação junto aos grupos sociais que o vivenciam de maneira contemplativa e/ou como atividade dando significados diferentes do seu referencial mais conhecido, que é sua prática esportiva profissional.

Nesta leitura preliminar, percebemos a necessidade de relacionar nossas experiências com o futebol ou como praticantes e espectadores ou como professores de Educação Física, com a teoria do lazer, compreendida por nós, como um campo importante de análise (mas não o único), que traria algumas perspectivas de respostas para nossas indagações. E uma delas, como tantas outras, é o fato do porquê o futebol em nosso país, sendo uma das formas mais importantes de expressão da cultura brasileira, permanece como uma área exclusiva (ainda hegemônica, mas não total) de lazer dos homens brasileiros. Este fato acompanhou as nossas experiências como professores de Educação Física. Fato este que emergia quotidianamente frente às alunas que queriam participar do “divino” universo futebolístico e eram-lhe negadas esse direito.

A partir disso, procuramos, nesta dissertação, desenvolver parâmetros iniciais de análises que nos auxiliassem a encontrar o caminho para estas indagações. Para tentar responder estes e outros questionamentos, partimos da necessidade de compreendermos como o futebol feminino desenvolveu-se no Brasil em suas expressões possíveis e, em especial, como conteúdo do lazer frente às mulheres brasileiras.

Para isso, realizamos, no Capítulo I, uma breve abordagem histórico-social do futebol praticado pelas mulheres brasileiras em suas diferentes épocas, setores e grupos sociais. Delimitamos o estudo no período de 1913 aos anos 20, nas cidades de São Paulo e do Rio de

Janeiro. O motivo de nossa escolha deve-se ao entendimento de que o futebol, nessas duas metrópoles, acompanhou aceleradamente as mudanças ocorridas em toda a sociedade brasileira, seja econômica, política, cultural e esportiva. Utilizamos, como fonte de pesquisa, os periódicos com publicação diária, quinzenal e mensal. A coleta de dados foi realizada nos respectivos locais: Arquivo Nacional e Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro); Arquivo Edgar Leuenroth e Centro de Memória (UNICAMP-Campinas); e Arquivo do Estado de São Paulo.

No Capítulo seguinte, enfocamos a presença da mulher nos subúrbios, praticando o futebol no ano de 1940. Utilizamos, como fonte de pesquisa, a cidade do Rio de Janeiro. O motivo para nossa escolha baseou-se no forte enfoque dado pela grande imprensa carioca desta época, que percebeu o futebol feminino como um “novo” acontecimento esportivo da cidade. A prática do futebol pelas mulheres suburbanas tornou-se foco de discussão, envolvendo personagens da imprensa, populares, intelectuais, professores e médicos. Defender ou atacar o futebol feminino era o principal objetivo. A Eugenia é utilizada, nesta discussão, como ponto de referência para proibir tal prática. O Governo Vargas, através da criação de uma legislação esportiva nacional, operou para que isso ocorresse. Também apresentamos, neste tópico, que o futebol feminino, nas duas décadas posteriores, retraiu-se, aparecendo somente ao final dos anos de 1970, quando ocorria no Brasil um tímido processo de “abertura” política. Finalizamos o capítulo com uma análise de algumas reportagens publicadas na revista *Placar* (período de 1978 a 1983) sobre o futebol feminino e o seu desenvolvimento na década de 1990.

No Capítulo III, abordamos um grupo específico de mulheres que praticaram o futebol como lazer. Para tanto, realizamos um estudo de caso junto a algumas jogadoras da extinta equipe de futebol feminino do Guarani Futebol Clube, da cidade de Campinas, em atividade no período de 1983-1985, para identificar como surgiu, como foi vivenciado e de que maneira se extinguiu esse grupo, que via, na prática do futebol, uma atividade de lazer, além de uma possibilidade de auto-afirmação societal. Utilizamos, como fonte de pesquisa, a análise de periódicos e de entrevistas com algumas ex-jogadoras de tal associação. A coleta de dados dos periódicos foi realizada no Centro de Documentação – Cedoc (Rede Anhangüera de Comunicação – Campinas).

No quarto e último capítulo, abordamos a problemática acerca da vinculação do futebol à figura masculina. Também neste capítulo, comparamos semelhanças e diferenças entre as sociedades, utilizando, como exemplo, a brasileira e a norte-americana, que nos auxiliam na

compreensão das dificuldades enfrentadas pelas mulheres, no que se refere ao aspecto do futebol como possibilidade de expressão do componente lúdico e do lazer. Com esse propósito, fizemos algumas incursões na teoria, que versa sobre Gênero, entendendo que esta delega possibilidades de um alcance crítico-explicativo do problema.

Por fim, apresentamos uma última parte, com as considerações finais sobre o tema, percebendo a necessidade de continuação da pesquisa. O objeto de estudo, por nós apresentado, necessita de outras abordagens e perspectivas que, certamente, irão aumentar o leque de entendimento sobre o mesmo. Desta maneira, tal objeto poderá ter uma possibilidade de inserção definitiva no universo acadêmico.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO AO CENÁRIO DA PRÁTICA DO FUTEBOL FEMININO NAS CIDADES DE SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO

Neste Capítulo, procuramos desvendar os primeiros sinais da participação da mulher brasileira no futebol enquanto manifestação cultural, realizando um breve percurso histórico-social desta prática. Para delimitarmos este estudo, é necessário, preliminarmente, enfatizar que nosso objetivo não se coaduna com uma forma de pesquisa que se preocupa em descobrir ou garimpar datas e fatos históricos isolados de um contexto mais amplo. Portanto não nos interessa determinar (como se isso fosse possível!) quando e como foi o “primeiro jogo” de futebol feminino ou qual foi o grupo, associação, que teria dado o “primeiro ponta-pé” numa bola em nosso país. Este tratamento feito por nós não é exclusivo do futebol feminino, pois a própria história do futebol masculino no Brasil também não poderia ser anunciada, como fonte de pesquisa, através do entendimento, ainda hegemônico, de que o “Pai”, o “fundador” do futebol em nosso país fosse *Charles Miller*. Conforme Pereira (2000, p. 23):

Ao eleger como marcos iniciais do futebol no Brasil figuras como Charles Miller e Oscar Cox, memorialistas e historiadores participaram do processo de criação de uma memória do futebol brasileiro que, no fundo, nada tinha de original: vendo nos seus primeiros tempos um perfil aristocrático e elitista, fizeram da história particular do jogo o reflexo de uma história mais ampla criada para os primeiros tempos da jovem República, que lhe atribui uma marca oligárquica e excludente. Histórias como a de Cox, Muller e outros jovens endinheirados que, como eles, deram os primeiros impulsos ao futebol no país, foram parte importante da difusão do esporte; elas não bastam, porém, para explicar toda a história do jogo em seus primeiros anos no Brasil.

Esta é a mesma opinião de Santos Neto (2002, p. 32-33) ao afirmar que:

Várias hipóteses podem explicar a origem do mito segundo o qual Miller seria, além de grande craque e divulgador pioneiro, o ‘pai’ do futebol entre nós. A primeira diz respeito à inserção dos jogos entre os clubes de elite nos jornais paulistas. [...] Além disso, deve-se ter em conta a força cultural desses grupos socialmente dominantes [...] bem como o fato de os primeiros arquivos sistematizados serem provenientes dos clubes e das ligas que os reuniam. [...] Tudo isto, porém, não pode criar uma muralha documental que encubra o fato de que o futebol já era praticado, embora com outro espírito e menor organização, pelos membros das elites nos colégios brasileiros [...].

Mas isso não impede que realizemos, num primeiro momento, uma investigação, utilizando fatos históricos ocorridos no Século XX, que evidenciaram, cada um com suas particularidades, a participação das mulheres na prática do futebol em nosso país.

Para isso, utilizamos momentos distintos da prática do futebol pelas mulheres nos anos de

1913 e 1921. Lembramos que, mesmo havendo distinção de tais momentos, percebemos que os mesmos estabelecem relações e nexos com o processo mais amplo, no caso, o cenário societal.

Para a construção deste cenário histórico, é necessário salientarmos nosso entendimento sobre o passado, presente e futuro, nossa temporalidade, ou seja, o que pressupomos ser a historicidade. Segundo Rago (1995/1996: 42):

[...] o passado é necessário para garantir a construção de nossa identidade, fundando nossas tradições, enraizando-as no tempo e no espaço, definindo nossas raízes. Uma referência histórica, uma garantia psicológica e um porto seguro emocional, a partir da construção de uma linha de continuidade, que nos localizaria no tempo.

A reflexão proposta, portanto, pressupõe uma concepção concreta sobre a história da formação social da mulher brasileira, dialogando com o desenvolvimento do futebol no Brasil. É importante sublinhar que a reflexão sobre o futebol feminino pressupõe, naturalmente, a recusa de uma percepção tradicional do devir histórico. Entendemos que, além dos espaços já consagrados nos estudos históricos, que priorizam os aspectos das lutas sociais, do mundo da produção etc., há, também, possibilidade de desenvolvermos nossas respostas, através do espaço lúdico e esportivo. Rago (1995/1996: 18) afirma que “[...] se é importante perceber a presença feminina nos acontecimentos históricos do tipo das greves e lutas sociais, também o é na própria produção discursiva, literária e científica, instituinte do imaginário social”.

Temos a mesma opinião de Dunning e Maguirre (1997: 323), quando afirmam que “[...] o esporte, diferentemente do que se compreende dele, é um dos lugares-chaves para o estudo dessas questões”. No entanto, lembramos que todas as esferas que regem a vida societal tornam-se importantes como espaço de entendimento de universalidade deste campo.

A mulher na História do Brasil, nas palavras da historiadora Mary Del Piore, tem surgido recorrentemente só à luz de estereótipos, dando-nos enfadada ilusão de imobilidade. Tais estereótipos buscam negar o papel histórico da mulher na constituição da nossa sociedade. Escrever uma História do Futebol Feminino no Brasil é perceber que deve ser descartada a idéia de que a “questão da mulher” apenas interessa exclusivamente a elas mesmas. Por esta compreensão, usamos as palavras de Hobsbawn (1987: 123), nas quais este coloca que:

As mulheres, frequentemente, salientaram que os historiadores do sexo masculino no passado, inclusive marxistas, ignoraram, grosseiramente, a metade feminina da raça humana. A crítica é justa: este escritor aceita que se aplique a sua própria

obra. Entretanto, se essa deficiência deve ser corrigida, não poderá ser simplesmente pelo desenvolvimento de um ramo especializado da história que lide exclusivamente com as mulheres, porque na sociedade humana os dois sexos são inseparáveis.

1.1. O “pontapé Inicial” no Brasil e no Mundo e a questão feminina

A prática do futebol pelas mulheres, no Brasil, é algo ainda a ser desvendado. As dificuldades de referência, acerca do futebol feminino brasileiro perpassa por toda a produção escrita em nosso país. Através de um levantamento bibliográfico e documental, foram revelados três momentos que evidenciaram a participação da mulher no universo futebolístico. No entanto, antes de demonstrar de que maneira este processo se desenvolveu, mergulharemos no cenário futebolístico além de nossas fronteiras.

No contexto mundial, tomamos, como exemplo, o surgimento das primeiras partidas do *Football Association*¹ em 1863 na Inglaterra, onde aparece, posteriormente a esta data, os primeiros jogos de mulheres. Mesmo levantando esta referência, torna-se difícil afirmar quando aconteceu a primeira partida. Quando tomamos como base os dados da *Fédération Internationale de Football Association (FIFA)*, a data que surge é de 1880, quando, na Inglaterra, Nettie Honeyball organizou uma partida. No entanto, surge, no livro de Bill Murray (2000), a afirmação de que em 1895, em Crouch End (Londres), Nettie (e não Nettie, como aparece nos arquivos da FIFA) Honeyball organizou um jogo entre mulheres do Norte e do Sul da Inglaterra, que atraiu oito mil espectadores. Outra data, que aparece como da primeira partida oficial, é 1898, quando ocorre o jogo entre as Seleções da Inglaterra e da Escócia. Segundo Murray (2000), a febre futebolística tomou conta do público feminino e, com isso, já em 1902, houve a primeira retaliação da Federação Amadora Inglesa (FA), banindo tal futebol. Na França, os primeiros clubes femininos surgiram por volta de 1910.

No Brasil, temos, como data da primeira partida de futebol feminino, o ano de 1921, ocorrida na capital paulista no dia 28 de junho, na qual se defrontaram senhoritas Tremembenses e Cantareirenses.² No entanto, esta data contradiz as informações de José Sebastião Witter, apud

¹ Com este termo, funda-se, em 1863, na Inglaterra, a prática do futebol tal qual conhecemos até os dias de hoje, diferenciando-se de outra vertente solidificada com o termo de “Rugby”.

² GUARANI Futebol Feminino. Disponível <<http://www.guaranifutebolfeminino.hpg.ig.com.br>> acesso: 20 mar 2002.

Franzini (2000: 51): “[...] no Brasil, o primeiro jogo de futebol feminino de que se tem notícia foi disputado em 1913, entre times dos bairros da Cantareira e do Tremembé, de São Paulo”.

Pesquisando nos periódicos da época, os dados acima não se revelaram totalmente corretos. No jornal *Correio Paulistano* encontramos evidências para afirmarmos que o dado de Witter, com relação ao ano, estava certo, mas quanto aos protagonistas, não. O texto do referido periódico, do dia 25 de janeiro de 1913, evidenciava tal aspecto da seguinte forma:

Realiza-se hoje, no Velodromo Paulista, uma *attrahente* festa sportiva, em beneficio do hospital das crianças da Cruz Vermelha. Foi organizado um interessante *macht* de *foot-ball*, no qual os rapazes do *Sport Club Americano* preparam magníficas surpresas. Esse *match* será jogado entre um *team* de senhoritas e outro de rapazes. A iniciativa coube á senhorita Catharina Bertoni, que infelizmente não poderá tomar parte no grande ‘*match*’, visto ter sido *victima* de um *accidente*, num dos *ultimos trainings*.⁵ (*Correio Paulistano*, 25/01/1913)

No mesmo dia 25, outro jornal paulista, o *Diário Popular*, publicou uma nota sobre tal jogo em sua primeira página. Entretanto, o conteúdo da notícia era diferente, comparado ao primeiro periódico aludido. Seria, na verdade, uma partida de futebol com a participação exclusiva das mulheres? Assim era o comentário deste jornal:

(...) Em beneficio do Hospital das crianças da Cruz Vermelha, será jogado amanha, no Velódromo, um ‘*match*’ de ‘*foot-ball*’ á phantasia entre um ‘*team*’ de senhoritas contra o *Sport Club Americano*. Como é um ‘*match*’ em beneficio de uma instituição tão útil, é de se esperar que não haverá nenhum lugar vago no Velódromo.

Outro periódico da cidade, *A Gazeta*, trazia um comentário parecido sobre a “surpresa” que tal jogo iria causar no público. Este jornal publicou, ainda, na referida matéria, a escalação dos respectivos *teams*, relacionando o nome de senhoritas da alta sociedade e dos jogadores do *Sport Club Americano*:

(...) Senhoritas: Mle. Moraes Barros; Mle. J. D. Lima – Mle. Z. Cardozo; Mle. O. Engler – Mle. C. Bertoni – Mle. J. Alves; Mle. H. Malta – Mle. A. Month – Mle. E. Mendes e Mle. J. Castro. Rapazes Hugo; Cyro – Menezes; Bicudo – Bertoni – Eurico; Irineu – Alencar – Mazini – Eurico (?) – J. Pedro. (*A Gazeta*, 25/01/1913)

Como vimos acima, o jornal relacionou os nomes das senhoritas com os respectivos

sobrenomes, prática cotidiana da época para se referir às mulheres da alta sociedade. Parece que tal dúvida sobre a participação das mulheres desaparece quando olhamos para uma extensa reportagem do jornal *O Commercio de São Paulo*, publicada no domingo, dia 27. Este periódico até argumentava que o evento seria o “primeiro jogo” de futebol com a participação de mulheres, como relata a matéria abaixo:

FOOT-BALL. Match interessante – Senhoritas versus Rapazes – em benefício da Cruz Vermelha. Pela primeira vez será disputado nesta capital, e talvez nunca o tenha sido em parte alguma, um interessante match de foot-ball no qual tomarão parte: de um lado um team de rapazes e de outro lado (aqui é que está a novidade...) um team de senhoras. Nada mais seria necessário accrescentar, si não acreditássemos com segurança que muitos, sinão todos, que nos lerem, não nos darão credito. – ora, dirão, senhoritas jogando foot-ball, entre as charges violentas e as corridas rápidas, os pouls e tantas ‘cositas más’ que muito ‘pomer’ não escora... Não, não póde ser; o feminino é planta que não floresce num campo bem adubado, quanto mais num ‘ground’ duo, amassado pelos ‘44 bico largo’ dos foot-ballers... Não... é blague... - Não é tal, obtemperaremos: no match a que nos referimos, e que se realizará hoje no Velódromo Paulista, tomará parte um team composto ‘exclusivamente’ de senhoras em carne e osso (...) Para maior recomendação da festa sportiva que se realizará hoje no Velodromo, si não bastasse o facto de ser ella verdadeiramente uma ‘premiere’ para todos nós, está em que o seu producto reverterá em beneficio dos cofres da Cruz Vermelha (...) O fim caridoso que tem o torneio sportivo que hoje assistiremos (...) Será bastante para levar ás suas archibancadas suma multidão selecta e numerosa (...).

Na continuação da matéria acima, saía os nomes das senhoritas Graciema, Lili, Laura, Heloisa, Zuleika etc. A reportagem apresentava as características de cada “jogadora”, elogiando a “performance” e competência das mesmas. Destemidas e seguras de si, boa passadora de bola, muito ágil, firmeza etc. eram atributos às jogadoras.

Parece, porém, que estes atributos, de uma maneira geral, não eram dirigidos para a mulher da elite. A elas, cabia este momentâneo tratamento, que poderia levar-nos a crer numa conquista feminina definitiva dos espaços na esfera pública. Mas a sua função social, esperada pela sociedade, era a que estava ligada à beneficência. Esse mesmo jornal, acima citado, publicou um artigo assinado por Erasmo Braga, intitulado “Aspectos do Feminismo”. Nele, desenrolava-se uma discussão acerca das mudanças ocorridas na sociedade e do papel social, que a mulher deveria exercer, apontando o feminismo como um movimento digno, mas que deveria estar voltado para

³ Em *O Estado de São Paulo*, 26 de janeiro do mesmo ano, aparece: “O laureado primeiro «team» do Americano não vai medir forças esta tarde com os seus valorosos antagonistas dos campeonatos; vai degladiar-se com um grupo de senhoritas”.

um determinado tipo de reivindicação. Este texto enfatizava a iniciativa do jogo acima relatado em benefício da Cruz Vermelha. O articulista colocava que:

Não se deve desconhecer que as profissões liberais têm exercido grande atracção sobre o espírito de nossas patricias. A muitas, no que lhe for parcimoniosa a fortuna, compensou a educação com dar-lhes meios de subsistência, posição social e ás vezes marido vadio (...) Agora dêem á mulher campo vasto para a sua acção benéfica (...) Como essa da Cruz Vermelha (...) há um feminismo salutar e legítimo, ao qual não se póde mesmo negar o direito de fiscalizar e influir no organismo social (...).⁴ (*O Commercio de São Paulo*, 02/02/1913)

Como vimos, ao se referirem a outra classe social, como à que vivia do trabalho, as denominações e funções eram distintas. Tanto no grupo social da elite quanto no meio operário, havia diferenças de atitude e divergências acerca do entendimento de qual papel e função social a mulher deveria exercer. No campo esportivo, todavia, a participação feminina limitava-se, na primeira década do século XX no Brasil, praticamente às atividades exercidas pela mulher da elite: jogar tênis, cavalgar, nadar etc..

Nesses anos 10, vários grupos de mulheres organizaram-se em nosso país, acompanhando o movimento operário. O grupo dos Libertários (Anarquistas) era um bom exemplo disso: mulheres participavam das lutas pela diminuição da jornada de trabalho para 48 horas semanais; pelo direito à licença-maternidade, para não exercerem o trabalho noturno, juntamente com as crianças; pela formação de creches para seus filhos etc. Viam, como fator de libertação, a necessidade de uma instrução escolar generalista. Também combatiam o Militarismo e a Igreja, participando do movimento Anti-clerical.

Nesses anos, o voto feminino ganhou espaço. Em 1917, o Deputado Mauricio de Lacerda encaminhou um projeto à Câmara dos Deputados, em prol do sufrágio feminino. Em 1919, sob a liderança de Bertha Lutz, é fundada a *Liga pela emancipação Intelectual da Mulher*, sendo substituída, em 1922, pela *Federação Brasileira pelo Progresso Feminino*.

É bom nos atentarmos novamente para a existência de diferenças entre os movimentos de mulheres nessa época. Os grupos da elite, que também ansiavam por mudanças, concentravam seus esforços em direção à legalização do voto feminino em nosso país, tendo a Legião da Mulher

⁴ Também nesse mesmo periódico, eram publicados artigos a respeito do movimento feminista na Europa e na América do Norte. As “sufragistas” recebiam uma considerável atenção deste jornal. Como exemplo, ver manchete na primeira página do dia 29 de janeiro de 1913.

Brasileira como órgão representativo. As mulheres operárias, principalmente o grupo ligado às idéias libertárias como vimos acima, entendiam que esta luta era justa, mas seu alcance era limitado e favoreceria apenas um grupo específico de mulheres da sociedade. A luta política era importante, porém consistia apenas num ponto do universo das mudanças que deveriam ocorrer. Portanto, para estas, a transformação verdadeira era a que indicasse uma emancipação total e plena da lógica societal que as escravizava. Maria Lacerda de Moura criticava a postura das mulheres, que viam o sufrágio feminino como único obstáculo para a libertação das mulheres frente ao “domínio” de uma sociedade regida pelo patriarcalismo. Discordando desses grupos, ela dizia: “De que vale a igualdade de direitos *juridicos e politicos* para meia *duzia* de privilegiadas, tiradas da *propria* casta dominante, si a maioria feminina continua vegetando na miséria da escravidão milenar? [...]” (Moura, 1922: 12)

Ela, porém, não parava por aí, fazendo outras considerações sobre o assunto. No que tange à prática feita pelas mulheres da elite na esfera da saúde etc., Moura, em sua análise, comentava que a mulher não deveria abraçar a idéia da caridade e da filantropia, prática comum da burguesia, no intuito de “amenizar” o sofrimento das camadas populares, achando que, com isso, os problemas enfrentados pelos “desfavorecidos” seriam resolvidos em um futuro próximo. Ela tecia os seguintes comentários:

O trabalho feminino tem sido, até aqui, todo dispersivo: a própria beneficência tem esse caracter. E a solução não é a caridade humilhante ou a filantropia, mesma a mais altruista, e sim a evolução, o desenvolvimento do cerebro feminino para a compreensão do papel individual á mulher destinado na multiplicação do bem-estar (...) A equidade está acima da caridade. (Moura, 1922: 14)

1.2. Na “Pauta de reivindicações”, o futebol fica de fora

A participação das mulheres no meio futebolístico não era bem visto até mesmo pelas próprias militantes feministas. O seu movimento no Brasil estava preocupado com outras questões, como o voto feminino, os direitos iguais no trabalho, a licença maternidade e a redução da jornada de trabalho. No “I Congresso Feminino Brasileiro”, realizado no ano de 1922, não encontramos indicações quanto à prática esportiva ou qualquer referência ao lazer das mulheres. Esta preocupação surgiu apenas, e de maneira pouco expressiva, no ano de 1931, no “II Congresso Internacional Feminista”, realizado na cidade do Rio de Janeiro. No item VI, aparecia a seguinte

resolução: “Estimular a criação de tardes recreativas para as mulheres operárias e domésticas, como justa recompensa de suas lides quotidianas”.⁵ (June, 1978: 105)

A feminista Maria Lacerda de Moura, que era ligada aos ideais anarquistas,⁶ cobrava dos intelectuais, dos artistas e das poetisas uma ação política para uma transformação radical da sociedade. (*Rev. Renascença*, 5-6/1923) Militante mineira, mulher de classe média e professora, Moura realizou várias palestras nos meios intelectuais e fundou, em 1921, a Federação Internacional Feminina. Na revista *Renascença*, reclamava da atitude de mulheres que faziam assistência ao futebol. Apesar de, já nesta época, este esporte estar presente em todos os lugares e ter conquistado todas as camadas da população, ainda era um evento social, um local de encontros, flertes e admiração dos *sportmen*. Para Moura, “[...] a mulher de hoje quer admirar a grandeza moral do companheiro e não se contenta com as formas do seu corpo ou com os seus músculos de *sportmen*”. (*Rev. Renascença*, 7/1923) Ela tinha seus motivos de desconfiança, pois estava presente, em sua luta diária como feminista, a busca da emancipação da mulher frente a um mundo machista, patriarcal e capitalista. Defendia que a mulher deveria desenvolver sua intelectualidade e entrar na luta política. Talvez por isso não visse, com bons olhos, a mulher se preocupar tanto com o seu físico e deixar de lado o intelecto.

Nas palavras de Mourão (1998: 20), “[...] na escassa literatura que retrata a história do esporte da mulher brasileira não se encontram fatos que possam nos remeter a movimentos de resistência feminina ou presença ativa de feministas em movimentos esportivos no Brasil”. Semelhante fato aconteceu na Grã Bretanha. Dunning e Maguirre (1997: 342) afirmam que, na Inglaterra, o movimento sufragista, que reivindicava o direito de voto das mulheres, tomava o futebol como espécie de símbolo do chauvinismo masculino. Ao longo de todo o ano de 1913, as *suffragettes* recorreram ao militarismo e à violência, danificando campos de futebol e prédios relacionados a este. Para Mourão (1998) o processo de emancipação esportiva feminina, a luta por um espaço para tal prática na sociedade, não esteve e nem está atrelado, de maneira direta e determinante, aos movimentos e às conquistas das mulheres brasileiras.

⁵ II Congresso Internacional feminista, Rio de Janeiro, 1931.

⁶ Os Anarquistas eram contra o casamento burguês e a favor do amor livre.

1.3. Higienização da mulher

Não era para menos, nem em vão, que o evento beneficente em prol da Cruz Vermelha tivesse recebido um tratamento importante pelos jornais da época. Na Primeira República, a elite paulistana, “preocupada” com a miserabilidade em que se encontravam as crianças das camadas populares e com a alta taxa de mortalidade infantil, utilizou-se de atividades filantrópicas como essa na tentativa de amenizar tal situação. A idéia da construção de um hospital para crianças partiu da médica Maria Renotte. A Companhia Territorial Paulista cedeu o terreno no bairro de Indianópolis para a instalação do mesmo, que funcionou de 1918 até 1982.

Iniciativas como essa, realizadas pelas mulheres, coadunavam com o papel social esperado e praticado por uma mulher da burguesia. Os papéis colocados para ela eram distintos do destinado ao homem. É bom lembrarmos que, nas primeiras duas décadas do Século XX, o Estado Brasileiro ainda não possuía um efetivo plano de gerenciamento do espaço público e privado da sociedade. Suas ações eram incipientes em vários setores, como saúde, infra-estrutura, transportes etc.. O desamparo das crianças era evidente, não havendo uma legislação que obrigasse o Estado a exercer papel mais efetivo no combate a este problema. A legislação, desde o código penal de 1890, passando pelo código civil de 1917 e pela legislação ordinária, não concebia ao menor nenhum direito, não só às condições básicas de sobrevivência, mas também à saúde e à educação (Netto, 1988).

Todavia a burguesia, que participava e ditava o funcionamento estatal, traçava, com seus próprios pés, objetivos de ordenamento e controle social. Segundo Lopes (1985), os projetos de reforma, colocados em prática pelas elites, eram: invadir os lares e os espaços públicos, ordenar e regular o lazer, controlar os velhos hábitos e estipular novas atitudes de ordem e regularidade, modificando as fronteiras entre o público e o privado.

Nesses projetos, as práticas assistenciais, que permitissem a “melhoria” das condições de saúde das classes populares, eram cultivadas pelas senhoras da elite. E tais práticas baseavam-se no processo de higienização, que já vinha acontecendo (centralizado nas metrópoles, como Rio de Janeiro e São Paulo e, mesmo assim, “tacanho” em sua eficiência) nos primeiros anos da República.

Conforme Soares (2001) é com a instauração da República no Brasil que as ações intervencionistas sanitárias, apoiadas pelo Estado, objetivavam a manutenção da ordem,

ampliando, para o conjunto da população, a determinação de normas para alcançar uma vida saudável e, com isso, o pleno funcionamento da sociedade.

E, para tal empreitada, era necessário preservar a área “mais importante”, que fornecia as bases para este “pleno funcionamento”. Os médicos higienistas perceberam isso, enfatizando para que área e indivíduo social o Estado e o setor produtivo deveriam se preocupar. Tal preocupação estava voltada para a maternidade e a infância. Nas palavras de Lopes (1985: 07 e 09), é:

(...) Em torno da maternidade e da infância, da função reprodutora da mulher dentro da sociedade que se centralizam, basicamente, as preocupações dos diferentes setores sociais, pois a figura feminina encarna uma dupla função: ser simultaneamente produtora e reprodutora da força de trabalho. (...) Dos males advindos pela saída da mulher em direção do trabalho fora de casa e que poderiam conduzir a desagregação familiar, o abandono das crianças desde a mais tenra idade, o esgotamento físico pelo esforço duplo e conseqüentemente pela depleção física eram os que preocupavam as autoridades médicas, pois conduziram à degeneração irreversível da raça.

O movimento Higienista, preocupado com a “degeneração da raça”, colocou um modelo higienizado de mulher, mãe asséptica, que se conduziria de acordo com os padrões da medicina moderna, dando ênfase, também, ao ensino de noções de puericultura (LOPES, 1985).⁷ Se este modelo estava voltado para o cotidiano das mulheres que viviam do trabalho, diferente era o tratamento dado para às da Elite, como vimos em páginas anteriores. O referido jogo beneficente da Cruz Vermelha mostrava qual papel a mulher da classe burguesa deveria desempenhar: ser uma “mãe caridosa”, que ajudaria outro indivíduo. No caso, crianças desamparadas, mas poderia ser, também, um elemento de divulgação para outras mulheres, de qualidades a serem copiadas, como uma mãe higienizada e sabedora de seus deveres perante a família.

Devemos lembrar que a iniciativa para o referido jogo beneficente fora de duas mulheres. Para a arrecadação dos fundos em prol do hospital, estava à frente a médica Maria Renotte; e à organização específica do evento era capitaneado pela “senhorita Catharina Bertoni”. Esta referência nos leva a acreditar que, neste evento esportivo-social-beneficente, o papel de protagonista era das mulheres. Através desse exemplo, queremos demonstrar a formação de um

⁷ Segundo SOARES (2001), a *puericultura* surgiu em fins do Século XIX na França e propunha-se a normatizar todos os aspectos que dizem respeito à melhor forma de se cuidar das crianças, com o objetivo de alcançar uma saúde perfeita. Os cuidados eram voltados para todas as crianças, especialmente àquelas nascidas num meio social desfavorável. Era uma das intervenções feitas pelo aparato estatal para atuar sobre a forma de vida dos indivíduos em sua intimidade: na família, no trabalho, no cotidiano.

“mito”, ou seja, uma mística da participação das mulheres em várias épocas no universo do futebol, possuindo uma função diferente da habitual, que era somente na assistência: a de jogadora, ainda que visando a caridade. Praticar o futebol não seria o problema, desde que no limite dado, ou seja, voltado para a filantropia e não direcionado para sua expressão corporal ou como um novo espaço de lazer.

Quando nos deparamos, no entanto, com a reportagem do dia seguinte ao referido evento beneficente, as coisas mudam de figura. Vamos a ele:

FOOT-BALL. O 'match' de hontem em beneficio da Cruz Vermelha. Teve o successo esperado o 'match' de foot-ball que hontem se disputou no Velodromo Paulistano. Para encher o Domingo não faltaram acrações: kermesse, carnaval, cinemas, corso na avenida etc., e no entanto as archibancadas do Velodromo Paulistano ficaram repletas de senhoras, senhoritas e cavalheiros. E as pessoas que hontem estiveram no Velodromo nada perderam, nada ficaram a dever as outras que procuraram outros pontos para gosar a tarde dominical: ao lado do agradavel passa-tempo numa interessante prova sportiva, tiveram tambem a satisfação de que estavam praticando um acto de generosidade, concorrendo com uma esmola para um hospital que aqui em S. Paulo se pretende instituir para recolher as crianças pobres. Attrahida pela originalidade do torneio que se annunciava e ainda mais, e isso nós afirmamos considerando o espirito caridoso da sociedade paulistana, attrahida pelo desejo de attender um appello altruistico, qual o de auxiliar o trabalho de protecção á infancia desamparada, numa selecta e numerosa concorrencia affluiu ao Velodromo, emprestando um aspecto encantador. Enquanto aos poucos as archibancadas iam ficando repletas, num dos compartimentos do Velodromo as 'sportwomen' cuidavam de sua 'toillete'. Às 4 horas as equipes apresentaram-se em campo, debaixo de prolongadas palmas da assistencia, que não soube esconder a sua surpresa vendo no 'field', ao invex de senhoritas, destemidos rapazes mettidos num elegante uniforme e com as faces 'totalmente' amassadas, á força do 'carmin' e de outros preparados pela moda. Foi um logro, sem outras consequencias pregado ao publico... Logro? Acreditamos que não, porque ninguem, absolutamente ninguem, podia imaginar que senhoritas se metessem em campo a disputar um 'match' de 'foot-ball'. Quem nos leu hontem, ficou sciente da peça que os rapazes do Americano Preparavam... Enquanto a 'toillete' com que elles se apresentaram, desde a toca japonesa ao saio, não se podia dizer que alli estavam os heroes do sexo forte... Mas... O bico largo, o formidavel 44 condenava as pseudo-senhoritas, e todos, sem excepção, apontavam aqui Bertone e Otavio, alli Cyro e Jose Pedro e alem Décio, Ruffin, Giuzio, applausos aos 'foot-ballers' que promoveram e que nelle tomaram parte. O jogo decorreu sempre com muita animação quer da parte das 'senhoritas' quer da parte dos rapazes. No primeiro tempo 'off-time' o 'team' 'forte' conseguiu marcar três 'goals' contra dois dos adversarios. No segundo as 'senhoritas' firmaram mais ataque, vencendo então por 6 'goals' contra 4.⁸ (O Commercio de

⁸ Encontramos referência parecida confirmando que, na verdade, o jogo tinha sido entre rapazes no jornal carioca *O Imparcial* (03/02/1913). A revista *Careta*, de 15/02/1913, também noticiou o jogo, afirmando que “As senhoritas eram

São Paulo, 27/01/1913).

Através de tais evidências apresentadas pelos periódicos da época, vimos que, na verdade, no jogo beneficente, não houve a participação das mulheres como jogadoras. O jornal *A Platéia*, do dia 28 de Janeiro, estampou uma foto, logo na primeira página (coisa rara de acontecer quando a referência era algum jogo de futebol) dos rapazes do Americano, vestidos com trajes de mulheres.



Figura 1. Fonte Arquivo do Estado de São Paulo.

Isso, porém, não desautoriza nossas afirmações acerca do entendimento de que, nesse evento, nossas patricias da elite paulistana estavam no papel de protagonistas, pois, como dissemos anteriormente, a idéia partiu delas. É bom frisarmos que o futebol, nesta época, era encarado, pelas elites, não só como um novo espaço de lazer, mas também como um momento social de afirmação

nada mais nada menos que alentados *foot-ballers* do *proprio* Americano, de gorro, blusa e saio (...)", e que tal evento

de seus valores enquanto classe. Por isso o articulista colocou que as pessoas que estiveram no Velódromo “[...] nada perderam, nada ficaram a dever as outras que procuraram outros pontos para *gosar* a tarde dominical”. O espaço social de convívio da elite, portanto, foi idealizado e gerenciado pela batuta das mulheres.

Estaria longe ainda, todavia, o tempo da participação efetiva das mulheres nos gramados, seja de que classe for. Até os anos 20, com relação a esta prática esportiva, esse quadro não se modifica. O local destinado às “filhas de Eva” era a assistência.

1.4. *Belle-Époque*: da Casa para a Rua... Da Rua para a Arquibancada

No cenário social da *belle-époque*, os papéis tradicionais da mulher entraram em conflito com o novo reordenamento urbano-industrial. A vida doméstica deparou-se com as novas possibilidades de atuação profissional. Respeitando as diferenças entre as camadas sociais, no que tange ao seu enquadramento da lógica societal, as modificações no mundo do trabalho, como o deslocamento do eixo, outrora exclusivo, do modelo agro-exportador para a Indústria, fez com que a necessidade de mão de obra abundante fosse resolvida com a absorção das mulheres e crianças, vindas da classe operária. Moraes (1996: 29) afirma que “[...] a produção capitalista — deslocando a unidade produtiva da moradia para a fábrica — rompeu com a unidade entre a vida doméstica e a vida produtiva. Para a mulher abria-se a possibilidade do público”. De acordo com Sevchenko (1992: 51):

As mulheres definitivamente ganhavam o espaço público. Elas estavam por toda à parte, a qualquer hora. Tecelãs, costureiras e aprendizes, cedo pela madrugada, em busca das fábricas e oficinas de modas. Balconistas, atendentes e serviçais do comércio logo depois [...] O agito indiscriminado das compras trazia mulheres de todas as classes, etnias e idades para o centro.

No meio futebolístico, a mulher tinha, nesta época, seu lugar assegurado na assistência aos jogos dos *sportmen*. As senhoras da aristocracia enchiam os campos, pois era um evento social deveras adequado para a “fina flor” da alta sociedade. Para se ter uma idéia de como isso acontecia, na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, datado de 01 de junho de 1908, aparece a seguinte nota:

atraiu “Uma *concorrença* que verificando o logro, achou-lhe *immensa* graça e riu-se a valer durante a pugna toda”.

Merece registro especial à concorrência *selecta* e numerosa que afluíu ao campo, que *apesar* de não *offerecer* ainda as *commodidades* do fluminense, achava-se repleta de gentis senhoritas que são a alma dos jogadores, *entusiasmando-os* com as suas palmas e vivas.

Percebe-se que o papel social da mulher, perante o universo futebolístico, caracterizou-se, em seu primeiro momento, como incentivador dos *clubs* e dos *sportmen*. Por outro lado, este aspecto apontava apenas a classe social burguesa. Somente no final dos anos 10 do Século XX, é que houve uma disseminação dos conhecimentos sobre o futebol por parte de todas as mulheres. Na revista carioca *Fon-Fon*, de 06 de janeiro de 1917, aparece um artigo, de cunho jocoso, no qual há um relato de uma briga conjugal em que a esposa torcia por um certo *Club X*, enquanto o marido por outro:

Até o segundo *anno* de casamento, esse desentendimento deu lugar apenas as discussões na mesa do almoço [...] De domingo a domingo, porém, de *match* em *match*, a dissidência *aggravou-se* [...] A discussão azedouse [...] que se travou em casa uma *seria* partida [...] de *rugby*.

Acontecimentos banais como esses mostra-nos como o futebol era visto pelo alto ou pela base da hierarquia social, no centro ou na periferia. O futebol propiciava o embaralhamento das posições relativas, suscitava identificações desautorizadas, invadia espaços interditos e desafiava tanto o tempo do trabalho quanto o do lazer. (Sevcenko, 1992: 61).

Mesmo no espaço resumido da assistência, a mulher procurava inserir-se no cenário futebolístico, exclusivo dos homens. Em uma carta endereçada ao jornal *O Paiz*, do dia 25 de maio de 1920, uma torcedora, de nome *Lili*, demonstrava seus conhecimentos, enfatizando como o seu time Progresso F.C. deveria ser escalado para ser campeão, dando a formação dos 1º, 2º e 3º *teams*. Terminava a carta com esses dizeres: “[...] com estes *teams*, treinados, seria, no meu modo de pensar, e no de minhas amiguinhas, o glorioso e invencível campeão de 1920”.

Os periódicos da época perceberam a importância da assistência e efetuaram concursos entre as espectadoras.⁹ Eram lançados pelos jornais concursos de beleza e de madrinhas dos clubes. Estes acontecimentos estavam ligados ao papel social reservado para a mulher no meio futebolístico, tendo como funcionalidade possível no trato com a bola dar o pontapé simbólico nas

⁹ Ver Revista *Vida Esportiva*, n. 141, maio de 1920, que lançava um concurso de beleza entre as lindas torcedoras do Botafogo F.C.; *O Paiz*, 08/05/1920 e 29/06/1920.

partidas. Num festival esportivo promovido pelo *1º de Maio E.C.*, para a inauguração de seu campo, foi realizada uma partida contra o *Luso-Americano E. C.*, e o jornal *O Paiz* (06/05/1920) relatou o fato, veiculando a figura de uma mulher dando a saída de jogo: “[...]A saída foi dada pela senhorita Carmen Almeida, passando a pelota à linha local, que investe sem resultado”.¹⁰

A participação da mulher como espectadora também era um dos assuntos que interessavam não só aos jornais diários, como também às revistas mensalistas. Com o título “*Frivolidades*”, a revista carioca *Vida Sportiva* (13/07/1918), preocupada com o afastamento das senhoritas dos campos, afirmava:

Porque motivo *mlle. desapareceu* dos nossos campos de ‘*football*’? *Mlle.* ignora então que a sua *ausencia ahi* é sentida por todos que apreciam a *belleza* e a nostalgia? No entanto, *mlle. vae* ao cinema do elegante bairro onde reside. Porque essa *preferencia*? Acha que é mais elegante ir ao cinema ao *envez* de frequentar os campos de *football*? Não, *mlle.* mude de resolução, porque muita gente assim o deseja.

Sobre este mesmo assunto, um correspondente brasileiro, que vivia na Inglaterra, publicou, no jornal *O Paiz* (15/04/1920), que o estilo de jogo do futebol do nosso país (menos correria e mais dribles) era melhor que o jogado pelos ingleses (o oposto de nossas características). O mesmo afirmava: “[...] Bem poucas senhoras ou moças vão ao campo de *football* (na Inglaterra). É muitíssimo maior o número de nossas patricias que se interessam pelo *football*”.

Antes de qualquer coisa, é bom lembrarmos que, nos frementes anos 20 do século passado na Inglaterra, como afirma Murray (2000), a Federação Amadora (FA), entidade esportiva mais importante deste país, preocupada com o crescimento do futebol feminino, deliberou sua proibição, afirmando que o esporte era “inadequado” para as mulheres e que sua prática “não deveria ser estimulada”. Os clubes foram proibidos de dispor seus campos para a participação feminina. Isto talvez explique a maior assistência por parte de nossas espectadoras em relação às inglesas. Lá iniciava-se um revés efetivo quanto à participação da mulher no universo do futebol, enquanto aqui aumentava-se, consideravelmente, tal número, ainda que o espaço de nossas *patricias* fosse restrito à assistência, diferentemente das inglesas e francesas, que já tinham “invadido” o espaço exclusivo masculino, o “gramado”.

A maneira de inserir-se como “espectadora” não trazia apenas um sentido de passividade

¹⁰ Ver também em 20/06/1920, no mesmo jornal, nota semelhante.

perante o esporte. No interesse das mulheres pelo futebol, estava presente o desejo de ver o jogo e seus protagonistas. Em algumas colunas de jornais dessa época, apresentava-se a mulher como apreciadora do “Sport Fino Bretão”, dando-lhes, muitas vezes, o sentido de participação ativa, mesmo não praticando o futebol. E não era só nos periódicos que isto se evidenciava. Encontramos um bom exemplo no início de uma peça de teatro, intitulada “As Torcedoras” e escrita por Luiza Iglesias e M. Paradella (1927). O texto discorria sobre as relações de suas filhas com sua madrasta, a vontade destas em sair para a rua e também flertar com seus pretendentes no interior da própria moradia coletiva, no caso, a pensão. O personagem Marvino ajudava as meninas a encobrir uma possível desobediência à Regina, a madrasta. Havia vários personagens, dentre outros, Maurício, Margarida, Rosa, os dois rapazes que as garotas flertavam etc.. Assim era a fala de Margarida no segundo ato da peça:

Eu... eu... Queria que *papae* me desse licença para ir ver o jogo de hoje! (...) Ih *Papaesinho*! Se o senhor soubesse como eu gosto de ver *aquelles* almofadinhas mettendo o pé na bola (...) eu fico tão satisfeita quando vou assistir ao *foot-ball*. E seu pai Maurício respondia a tal indagação: “Pois, sim, minha filha acredito. Todas as moças da época gosta de bola. Mas, eu não posso relaxar as ordens da tua madrasta.

Nesta parte do texto, o assunto principal era o fato de como as garotas Margarida e Rosa fariam para se desvencilhar das ordens da madrasta, que não queria ver suas enteadas “soltas pela rua”. O personagem Marvino ajudava-as a encobrir uma possível desobediência que arquitetavam. De fato, elas flertavam com dois garotos dentro da própria pensão.

O que importa para nós, nessa breve apresentação da peça, é o fato de que o futebol não era um esporte desconhecido e estranho no universo de lazer das mulheres. Sair de casa, ir para a rua, para o jogo e, assim, ter as possibilidades do convívio, do “namorico”, enfim, de se colocar além das fronteiras do permitido, era barganhar atitudes e posições com o universo futebolístico masculino.

Flertar com os jovens das arquibancadas e tratar os próprios jogadores como objeto de desejo poderiam apontar um certo posicionamento diferente do habitual, que vê as mulheres, ainda hoje, como passivas perante a sociedade e o futebol. Este sentido é bem apresentado numa carta enviada por uma leitora, de nome “Gaby”, à revista *A Cigarra*. Esta escrevia a respeito do comportamento das senhoras e senhoritas perante um jogo que havia acontecido na cidade paulista de Atibaia, de um clube local contra um time da capital. O comentário era o seguinte:

[...] Destre a numerosa e selecta assistencia, notei: Lucilla, entusiasmada com a brilhante estreia do *Freundenreich* em Atibaia: Henriqueta, torcendo em prestações...(olha lá!) Lourdes, um tanto tristonha, quasi não torceu (alguma ausência?). As Campos, como sempre, sedutoras, fizeram sucesso [...] Herminia, esquecendo o Kepper, por um sympatico Back [...] Murano, tão lindinho porem muito fiteiro! *Freundenreich*, como sempre, mostrando ser o *succo* dos campeões! (*A Cigarra*, 01/03/1921)

Como vimos na carta da senhorita “Gaby”, os homens é que eram os “escolhidos” o “objeto de desejo”. Contudo, sabemos que esse tipo de atitude não era hegemônico. Um pensamento diferente poderia nos remeter para uma análise simplista, aceitando a idéia de que, com o passar do tempo e a evolução da sociedade, aconteceria uma mudança mais ampla no que diz respeito ao papel social-esportivo da mulher em nosso país. Pelo contrário, as evidências nos mostraram que seu local reservado, na maioria das vezes, era a de uma “assistente passiva”, uma figura a ser vista como “troféu”. Utilizamos o texto abaixo para demonstrarmos tal semelhança:

Cupido e... o futebol. O Amor é um sensacional ‘match’ de futebol, no qual a sogra faz a Zamora na vida: defende assombrosamente o ‘goal’ da pequena... O pae e a madrinha são os ‘fullbacks’ que formam com a sogra um triangulo de pedra mármore, quase intransponível (...).

Em sua continuação, o texto comentava que as “tias solteironas” eram os “half-backs”; a cozinheira de casa, a que levava os recadinhos da pequena ao “extrema direita”; e o mocinho, o “center”, que buscava, a todo o momento, o “goal” e a “taça”:

(...) A pequena é a ‘taça’. A opinião publica serve de ‘referee do jogo’. A vizinhança faz assistência, ‘torce’ invariavelmente para que o ‘jogo’acabe em sururu. O conselho deliberativo da Liga aprova e legaliza o ‘match’ (...) Epilogo: O CASAMENTO. (Mazzoni, 1928: 22)

Considerando as afirmações enfrentadas pelas mulheres no futebol brasileiro, observamos o comentário de Souza (1996: 137), afirmando que:

Às mulheres resta o papel de auxiliares dos homens no futebol, torcendo em função de laços sociais próximos (com homens) e gerando condições favoráveis para que estes homens desfrutem do futebol. A mulher geralmente acompanha o futebol em função de que os homens próximos (marido, pai, irmão, amante, namorado, primo etc.) o fazem.

1.5. As práticas físico-esportivas do gênero feminino e os hábitos esportivos nos anos 20 na cidade de São Paulo.

No início dos anos 20, São Paulo transforma-se, definitivamente, em cidade industrial, operária e cultural. Uma moderna metrópole, espelho da Elite Cafeeira, que deveria refletir aquele ar sóbrio, que só as ricas capitais européias eram capazes de ostentar (Marques, 1994). E, para alcançar esse objetivo, era necessário combater todo tipo de “obstáculo” a esta modernidade. Um dos empecilhos era a existência das camadas populares. Operárias(os), desempregados, prostitutas e loucos, vivendo em cortiços, moradias insalubres, deveriam ser normatizados, controlados e punidos, caso atrapalhassem a dinâmica da “Modernidade”. Nas palavras de Marques (1994: 26):

A delimitação dos espaços e das ocupações norteariam uma nova ordem urbana, cuja técnica principal foi dada pelo gerenciamento da população, tarefa que a higiene tomou para si investindo-se do poder de gerir também a esfera do privado [...].

Nada poderia impedir tais transformações. O desenvolvimento da cidade, da nação, dependia de indivíduos que estivessem ajustados aos preceitos de tal gerenciamento. E, para tanto, era necessário investir num aspecto que os higienistas já defendiam, ou seja, o melhoramento das condições de vida das camadas populares, pois estes não poderiam continuar naquele estado de inércia, insalubridade e pauperização. Defender uma urbanização “sadia” era a base para se obter uma nação formada por uma raça forte e desbravadora. Os métodos de “assepsia” para o controle social, utilizados na primeira década do Século XX, não se enquadravam mais nesse novo cotidiano urbano. Precisava-se de novas fórmulas, métodos e técnicas para isso, sendo a eugenia o remédio que iria determinar uma nova concepção corporal, baseada na “cientificidade” e que pregava a educação no lugar da coerção.

Nos anos de 1920, a eugenia toma corpo no discurso científico de médicos, educadores e intelectuais.¹¹ O movimento eugenista ampliou os objetivos da higiene. Marques (1994) afirma que a higiene se inseriu no Brasil como um agente coercitivo, e a eugenia completou essa funcionalidade de controle da espécie, da raça. Nas palavras desta mesma autora:

¹¹ No ano de 1918, é fundada a Sociedade Eugênica de São Paulo, tendo em seu meio ilustres médicos da época e intelectuais simpatizantes do movimento, como Fernando de Azevedo.

Se a higiene, a filantropia higiênica, a educação associaram-se na conformação de uma São Paulo, disciplinar, estabelecendo laços entre seus habitantes de forma a permitir a efetivação do modelo jurídico-político-liberal, a eugenia estabeleceu-se como ‘instrumento científico’ por excelência para articular esses saberes. (Marques, 1994: 47)

Marques (1994) também remete-nos para o entendimento de que, no imaginário dos eugenistas, havia a necessidade de construir uma nova representação do homem brasileiro, diferente daquela tão difundida nos manuais de higiene que alardeavam a degradação racial e moral das populações. A esta, os eugenistas contraporiam os ideais do corpo sadio, higiênico e embranquecido, idealizado e defendido pelas elites no transcorrer do século XIX, em nosso país.

A respeito disso, nos anos de 1920, essa nova configuração é exigida. Num aspecto, os eugenistas assemelhavam-se ao movimento higienista: era a importância dada ao papel da mulher no aspecto da formação do “novo homem brasileiro”. Tal importância será balizada em todos os seus aspectos. Portanto, não eram apenas os ligados diretamente à assepsia, ao controle de doenças e à insalubridade que os eugenistas se preocupavam. As práticas corporais também eram foco de atenção.

O alcance da Educação Física, nessa época, ainda era incipiente, não havendo um plano educacional nacional oferecido pelo Estado Brasileiro. As práticas corporais sistematizadas estavam concentradas nos clubes e associações das cidades e dos colégios freqüentados pela elite. A atividade física era defendida, pela medicina eugênica, como o melhor meio de “regeneração física” de homens e mulheres. Mas, para que isso alcançasse melhores resultados, era necessário fazer com que a Educação Física estivesse presente no cotidiano urbano. O sociólogo e educador Fernando de Azevedo defendia o processo educacional como instrumento para alcançar tal objetivo. Segundo ele:

A eugenia não é só a intervenção da prophylaxia [...] Nem é somente a engenharia sanitária [...] Nem é apenas a defesa higienica [...] É também a applicação de uma educação enérgica para a conquista da plenitude das forças physicas e moraes [...] É a regeneração physica dos povos, por uma completa cultura esportiva [...]. (Azevedo, 1919: 116-7)

Essa intervenção teria sucesso, segundo Azevedo, pela “regeneração física” da mulher brasileira, sendo isto “o mais lógico e mais seguro” meio de obter uma geração sadia e robusta.

Entender o processo de redefinição do papel da mulher frente a este cotidiano pleno de

transformações possibilita-nos compreender novas formas de constituição da cidadania, portanto novas disciplinas corporais (Schpun, 2001). Segundo a autora, é nesse quadro que há um elogio da juventude, das práticas esportivas, dos critérios de beleza e das regras de apresentação.

Continuando seu raciocínio, Schpun (2001: 21) coloca-nos que:

A urbanização exigia assim uma nova cultura física masculina e feminina, novas atividades e novas formas de apresentação corporal própria à cidadania que se institui na cidade grande. O apelo mais freqüente à exibição pública está vinculado à diferença entre os gêneros: a experiência de homens e mulheres é fundamentalmente distinta.

Outros papéis estavam para serem vivenciados pelas mulheres no campo físico-esportivo. Nas palavras de Mourão (1998: 120-1):

[...] os anos 20 encontram um panorama complexo da Educação Física, construído de avanços e recuos, com um discurso que está fundamentado na importância da educação física para a mulher, e um outro que mantém as expressões de preocupação com a perda da delicadeza através da prática de exercícios e assume o ideário segundo o qual a educação física deve preparar as futuras mães.

Esse discurso aparece num artigo da *Revista Feminina*. O texto, sem assinatura, comentava sobre os “efeitos negativos” dos esportes na maternidade, salientando também que os mesmos traziam “anomalias fisiológicas” para as novas gerações, com gravidade para o “desenvolvimento da raça”. A matéria prosseguia, alertando para o fato de que as mulheres deveriam evitar exercícios atléticos “viris” e “rígidos”, optando pelos exercícios “artísticos” e “naturais”, e finalizava com as seguintes palavras: “[...] Felizmente, no Brasil, as moças não cultivam o Athletismo, senão os sports delicados, como o tennis, a dança, o ping-pong. E é pena que mesmo esses sports, ellas cultivam tão pouco”. (*Revista Feminina*, 08/1921)

Outra revista da época, diferentemente da revista aludida no parágrafo anterior, referia-se ao esporte como a principal forma de lazer e não como um novo elemento de expressão da mulher, que poderia, se não houvesse cuidados, trazer males à mesma:

Hoje a característica da vida feminina é o ‘sport’, o único e verdadeiro passatempo da mulher moderna. Vive na contínua febre de excitação, reclamando constantemente tudo que fortaleça e a torne sempre mais *bella*. As damas *contemporaneas* são *enthusiastas* ‘sportwomen’. E, por isso, as vemos hoje obter *premios e triumphar* quer no ‘tennis’, no ‘golf’, no *automovel*, na aviação, como nas caçadas e partidas de pesca. A mulher moderna adora todos os *sports* com *allucinante* paixão. (Rev. *Eu sei tudo*, 01/1919: 84)

Parece, porém, que as “sportswomen” continuariam ligadas às práticas físicas e esportivas, consagradas femininas, como a dança, a ginástica, o tênis, o ping-pong, a natação. Todas com ressalvas em sua forma de execução, ligadas à funcionalidade terapêutica ou como passatempo fortuito.

Não podemos esquecer que a prática esportiva era para a mulher da elite em nosso país. Pensar nela exercida por outras classes não condiz com a realidade daquela época. Os esportes divulgados para as mulheres, tanto pelos jornais da época quanto pelas revistas femininas, espelhavam-se no discurso hegemônico da Medicina Esportiva do período. A natação e o tênis eram esportes indicados pelos teóricos que definiam “cientificamente” qual prática era condizente para a mulher.

O futebol nos anos de 1920, definitivamente, tornou-se o principal meio de expressão lúdico-esportivo nas grandes cidades de nosso país. Só na cidade de São Paulo, fundaram-se clubes, associações e grêmios, tendo o futebol como prática principal (senão a única).¹² E tal prática continuaria mantendo-se como exclusiva dos homens, não importando sua classe social. Operários, desocupados e homens da elite utilizavam o “esporte bretão”, cada qual à sua maneira.

No entanto, essa “exclusividade”, a seu tempo, seria invadida pelas mulheres. Diferentemente do evento beneficente do ano de 1913, apareceu no periódico paulista *A Gazeta*, em 28 de junho de 1921, uma nota sobre uma partida de futebol jogado efetivamente por mulheres.

O evento aconteceu em comemoração às festas juninas no bucólico e fascinante bairro do Tremembé, em São Paulo. O conteúdo da nota era o seguinte:

Um jogo de futebol entre senhoritas. Teremos hoje, em Tremembé Tramway da cantareira, um interessante jogo. É o seguinte: SENHORITAS TREMEMBENSES X SENHORITAS CANTAREIRENSES. – Em prosseguimento as festas em honra a S. Pedro, realiza-se hoje, às 15 horas, no campo do Tremembé F. C., um interessantíssimo jogo de futebol entre dois quadros femininos. Os quadros obedecerão a seguinte organização: (Vermelho) Margot; Lili e Zélia; Rosa, Zica e Dalila; Jo (ilegível), Fany, Ruth, Mariazinha e Quiteria. (Verde) Marieta; Pequena e Lourdes; Cornellia, Norma e Zezé; Bellinha, Fenanda, Tita, Nenê e Consuelo.

A respeito desse jogo, temos apenas esta nota, mas é interessante percebermos que este evento indica características peculiares. A primeira, o fato de que tal acontecimento não envolvia

¹² Para se ter uma idéia dessa dimensão, havia 362 sociedades e clubes sem filiação alguma a qualquer entidade que lhes representasse. Entre esses, 104 clubes tinham em seu nome a denominação “Futebol Clube”. (Mazzoni, 1928).

interesse beneficente, sendo o principal motivo do encontro as comemorações a São Pedro. A segunda seria o fato de ser um jogo efetivamente de mulheres, sendo um momento diferenciado do habitual, registrando-se a estréia da participação feminina no futebol.

Na década de 1930, as práticas corporais, realizadas pelas mulheres, deixaram definitivamente de ter apenas como foco a ginástica e a dança. No campo esportivo, sua presença já se consolidava. Temos, como exemplo, a natação, praticada nos clubes da cidade de São Paulo. De fato, sua prática restringia-se basicamente às mulheres da elite, mas em vários acontecimentos, organizados por alguns grupos e associações operárias, o elemento esportivo estava presente. Ciclismo, corridas de média e longa distância apareciam em seus eventos, denominados de “festivais”. O basquetebol e o futebol seriam outra prática a ser incorporada como “esporte feminino”, colocando para a comunidade que ambos não seriam somente práticas ligadas a eventos “exóticos ou beneficentes”.

No próximo capítulo, veremos como a prática do futebol, pelas mulheres do subúrbio, colocou “em xeque” a classificação do “esportes femininos”.

CAPÍTULO II
O FUTEBOL COMO “ESPORTE FEMININO” E A EUGENIA NO ESTADO
NOVO

Durante o Estado Novo, os especialistas que produziam as teorias médico-esportivas escreviam e divulgavam suas teses em revistas especializadas e em congressos científicos. Na *Revista Brasileira de Educação Física* de 1943, aparece as resoluções do II Congresso Sul Americano de Medicina Desportiva, realizado no ano de 1941 e seis anos antes em Buenos Aires, recomendando o seguinte termo:

O II Congresso Sul Americano de Medicina Desportiva declara que a prática dos exercícios físicos beneficia grandemente as mulheres, porém é necessário escolher cuidadosamente as atividades esportivas femininas, de *acôrdo* com o biotipo, aptidão e condições orgânicas de robustez e saúde, bem como ausência de lesões, especialmente nos órgãos de reprodução.¹³

Neste período, o culto do corpo feminino foi dominado pelo discurso da *eugenia*, limitando as mulheres à prática de alguns esportes que não condiziam com suas funções de futura mãe responsável pela geração de uma “nova raça”. Esportes como a natação, o tênis e o voleibol eram os mais indicados pelos especialistas. O professor da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, Waldemar Areno, catalogou em três grupos os “desportos femininos”, dividindo-os em “indicados”, “permitidos” com reservas e “contra-indicados”. Referindo-se aos contra-indicados, ele afirmou: “É evidente que o futebol não pode fazer parte dos desportos femininos, nem mesmo como grande *Jôgo*”. (*Revista Brasileira de Educação Física*, 01/1947: 31-3) O interessante é que ele prescrevia apenas o conhecimento teórico dos esportes masculinos, restringindo a vivência prática destes, pois ele os contra-indicava para as futuras professoras da Escola Nacional de Educação Física e Desportos.¹⁴ Portanto, mesmo as alunas, que seriam as futuras profissionais a ministrarem aulas de Educação Física para a comunidade em geral, não podiam praticar os “esportes masculinos”.

Embora presentes estas limitações para a prática do futebol e de outros esportes, as evidências apontam para uma luta diária contra as restrições, pelas mulheres que buscavam uma maior vivência no campo esportivo, até então dominado pela esfera masculina. Conforme Arantes

¹³ No I Congresso Panamericano de Educação Física, realizado no Rio de Janeiro em 1943, aparecia no item 21 a conclusão de que “os regimes de exercícios para o sexo feminino devem ser diferentes dos do sexo masculino e condicionar-se às características morfo-fisiológicas da mulher e à sua preparação para a maternidade”. (*Revista Brasileira de Educação Física*, 08-09/1943).

¹⁴ “Para as futuras professoras especializadas é útil e necessário o ensino de todos os desportos em uma aprendizagem sem execução, nas escolas de Educação Física”. (*Revista Brasileira de Educação Física*, 08/1947: 33).

(1993), para a mulher participar do universo do lazer (principalmente no esporte e em atividades que implicam o uso de espaços e equipamentos públicos), significa, cotidianamente, desafiar expectativas de comportamentos e de desempenho, que são fortemente referidas às definições estereotipadas de masculinidade.

2.1 O Futebol Feminino “no banco dos réus”(!): Médicos e Jornalistas !

A medicina Eugenista no Estado Novo dominou a Educação Física brasileira, e é neste período que encontramos uma retomada do aparecimento do futebol feminino. Sua prática começou a despertar interesse nos médicos e na imprensa esportiva. No ano de 1940, surgiu um artigo na *Revista Brasileira de Educação Física* que versou sobre a prática do futebol pelas mulheres na cidade do Rio de Janeiro. Era do médico Hollanda Loyola o artigo, que colocava:

Há cerca de uns três meses um grupo de moças dos mais conceituados clubes esportivos dos subúrbios de nossa capital iniciou a prática do futebol feminino entre nós [...] *teem* as nossas patrícias disputado várias partidas entre vários clubes... A imprensa esportiva explorou-a habilmente através de um noticiário minucioso e de uma propaganda, intensa, aumentando o entusiasmo do público e o ‘*elan*’ das jogadoras. (Loyolla, 1940: 20).

O artigo defendia a prática do futebol feminino, mas com ressalvas, exigindo normas racionais e um método científico. Continuando o artigo, nas palavras de Loyola:

(...) A mulher pode praticar o futebol... Fazemos, no entanto, sérias restrições à maneira pela qual nossas patrícias o estão praticando nos subúrbios, absolutamente empírico, sem cuidados médicos e sem princípios fisiológicos.

Este não foi o marco da primeira tentativa de discutir o futebol feminino, nem, muito menos, o primeiro a defendê-lo, ainda que com ressalvas. Em 1930, Orlando Rangel Sobrinho publicava a obra *Educação Física Feminina*. Conforme Mourão (1998: 125), este referido autor “[...] assumiu atitude de vanguarda recomendando até o futebol como modalidade esportiva para a mulher, apenas tendo o cuidado com a dosagem e duração de sua prática”. Também é importante lembrar que, em 04 de abril do ano de 1920, no jornal *O Paiz*, apareceu, na coluna esportiva, a divulgação da programação de um festival patrocinado por um clube do subúrbio carioca, *Penha A. C.* Estes festivais eram divididos em provas para crianças, adolescentes, pessoas idosas e mulheres adultas. Na 7ª prova, foi programada a seguinte atividade: “[...] às 15 horas — ‘Américo Pacheco’ — *shoot* em distância – para moças”. Nos festivais da década de 1920, aparecia, de

maneira esporádica, a participação individual de mulheres, chutando bolas de futebol nos intervalos dos jogos. Estes acontecimentos não nos autoriza a afirmar que haviam partidas de futebol feminino de maneira efetiva, com torneios. O que podemos colocar é que a prática de futebol pelas mulheres era uma possibilidade de expressão de novo espaço de lazer, que aconteceu no início de 1940 na capital carioca.

No mês de dezembro de 1940, o médico Humberto Ballariny condenou a prática do futebol feminino. No artigo intitulado “*Porque a mulher não deve praticar o futebol*”, publicado na Revista Brasileira de Educação Física, n. 49, ele afirmou o seguinte: “(...) Achamos ser o futebol, pela sua natural violência, um exacerbador do espírito combativo e da agressividade, qualidades incompatíveis com o temperamento e caráter feminino”.

Esta discussão levou outro médico de renome, Waldemar Areno (1940: 22), a publicar um artigo na mesma época, no qual afirmava que:

A arquitetura mecânica da mulher e a natureza das finalidades a que se destina implicam na escolha de desportos condizentes... Visando em primeiro plano a beleza — qualidade de apanágio da mulher [...] Ninguém negará que não cabe à mulher a participação em provas de *Football*... Porque *teem* finalidade desenvolver qualidade não visadas da mulher.

Vamos perceber que estas duas correntes possuíam discursos diferenciados. No entanto, os dois médicos estavam preocupados, cada um à sua maneira, em normatizar e controlar a prática do futebol, que vinha sendo desenvolvida pelas mulheres do subúrbio carioca.

As limitações eram impostas pela Medicina Esportiva, ora indicando sua proibição ora aceitando o futebol, mas com ressalvas, visando a “proteção” da mulher, a fim de que esta não realizasse papéis “masculinos”, jogando de maneira “agressiva e com combatividade exacerbada”, características não condizentes com o campo esportivo “feminino”, que possuía especificidades compatíveis apenas à prática do esporte de maneira recreativa. Conforme Bruhns (2000: 74):

(...) O futebol feminino demonstra outra trajetória (...) o grupo feminino sempre pertenceu às classes menos favorecidas, razão pela qual as atletas apresentarem comportamentos bastante parecidos com os de seus colegas homens, comportamentos repudiados pela elite, numa atitude de evitação, recebendo julgamentos como ‘falta de classe’, ‘mau cheiro’, ‘povo grosseiro’ e outras denominações atribuídas àquela camada da população.

A imprensa carioca divulgou, no ano de 1940, reportagens sobre o futebol feminino. Para esta pesquisa, tomamos como base os jornais *O Imparcial* e o *Correio da Manhã*. No primeiro, as

A imprensa carioca divulgou, no ano de 1940, reportagens sobre o futebol feminino. Para esta pesquisa, tomamos como base os jornais *O Imparcial* e o *Correio da Manhã*. No primeiro, as reportagens foram incentivadoras no começo, mas, com o passar do tempo, passou para o discurso combativo. O segundo praticamente só lançava notas e, na última que versava sobre o assunto, do ano de 1940, o articulista escrevia com desdém, anunciando o fim do futebol feminino. A primeira nota (figura 2) sobre a sua prática aparece no jornal *O Imparcial*, do dia 24 de abril, em que vemos:

NOS DOMINIOS DO FOOTBALL FEMININO. Dia a dia, toma vulto a prática do 'association' entre o sexo feminino. Já têm organização *efficiente*, os *clubs* *Casino do Realengo, Eva, S. C. Brasileiro, Valqueire* e outros. Os jogos femininos são bem interessantes e transcorrem sempre com muita animação.



Figura 2. Fonte AEL

O artigo explicava como seriam as formas de disputas e o tempo de jogo, fornecendo também a tabela do torneio. O *Bomsuccesso E. C.* era o anfitrião, emprestando o campo para os *matches*. No dia 1º de maio, aconteceu este torneio, “patrocinado por alguns *sportmen* e incentivadores”.¹⁵ (*O Imparcial*, 01/05/1940) O jornal *Correio da Manhã* (01/05/1940) também lançava uma nota: “Será realizado hoje, no campo do *Bomsuccesso*, um torneio de *football* feminino (...)”. Seguia-se a nota dando o horário e os embates. O interessante é que, no meio do torneio, foi incluído um jogo masculino entre o *S. C. São Jorge* e o *Belford Roxo E. C.* Este acontecimento nos sugere a possibilidade de *inversão de papéis*, pois o espaço dominante não era o dos homens, mas, sim, o das mulheres que iriam participar do principal acontecimento do dia.

¹⁵ Nesse mesmo dia, o periódico carioca *Jornal dos Sports* também publicava uma nota sobre este jogo. Este jornal estava voltado hegemonicamente para assuntos relacionados ao esporte, sendo o veículo de maior tiragem e abrangência da cidade do Rio de Janeiro.

Portanto, ao menos nesse dia, como nos acontecimentos de 1913 e 1921, o futebol masculino era coadjuvante aos olhares dos espectadores. Com a manchete “*UM ESPECTÁCULO IMPRESSIONANTE: O TORNEIO DE FOOTBALL FEMININO*”, era estampada uma notícia considerável na página esportiva do periódico *O Imparcial*, do dia 03 de maio de 1940. Apareceu uma foto de uma das equipes, com as jogadoras abraçadas, perfiladas e com o sorriso estampado em cada rosto (figura 3) e, mais abaixo, duas jogadoras disputando uma bola.



Figura 3. Fonte AEL

E o artigo do referido jornal sublinhava que:

Foi com surpresa, que vimos a affluencia de assistentes apinhados às dependencias do Bomsucesso E. C. e maior a nossa admiração, ao vermos a forma desenvolta e *technica*, com que *actuaram* as equipes femininas presentes ao festival realizado *ante-hontem* [...] Nas equipes *actuaram* jogadoras com muita intuição da *pratica* do ‘*association*’ e os jogos empolgaram realmente a assistência. Não temos *duvida* em afirmar que está *victoriosa* a *pratica* do *football* entre o sexo feminino [...] A renda bruta do festival *atingiu* a apreciável *somma* de quatro contos.

Fica patente a preocupação do jornalista em mostrar que o futebol feminino veio para ficar. O artigo faz comentários sobre como foi a partida final e como as equipes tinham suas especificidades técnicas. O interessante é a ausência de referências às questões levantadas

posteriormente pelos médicos, que iriam discutir à prática do futebol feminino meses após a este torneio. Outro dado, a ser percebido, é a ausência, no discurso jornalístico desta época, de qualquer jargão preconceituoso ou mesmo limitador sobre a prática do futebol pelas mulheres. O articulista utilizava adjetivos como “dinâmica”, “notável rapidez” e “técnica”, demonstrando que as mulheres tinham competência, tanto quanto os homens, para seguir em frente com o futebol.

Este mesmo pensamento era cultivado por Claudionor M. da Silva, proprietário da *Casa Edyr*, loja de calçados. Este comerciante se interessou em patrocinar o futebol feminino, tornando-se o incentivador do torneio de *Bomsucesso*. No jornal *O Imparcial*, do dia 05 de maio de 1940, era publicada uma nota comentando a sua participação como o animador do futebol feminino. A publicação relatava que:

Ecos do Torneio de Football Feminino. Conforme antecipamos, o Sr. Claudionor M. da Silva proprietário da Casa Edyr, *offereceu hontem* á jogadora Zinzinha, do S. C. Brasileiro, dois pares de calçado, *premio* que lhe coube por haver aberto o *score* [...] Prosseguindo a sua missão de animador das boas iniciativas, Claudionor Silva tem á disposição da jogadora Targina, do *Casino do Realengo*, um par de *baskets* especiais, *premio* que coube á jogadora mais *efficiente* do *certamen*.

Com todas essas afirmações animadoras e positivas apoiando o futebol feminino, só poderíamos pensar que se iniciava uma nova prática esportiva como forma de lazer no subúrbio do Rio de Janeiro, sendo, se não um marco da permanência, pelo menos uma referência importante no cenário futebolístico feminino nacional.

Para se ter uma idéia da “febre do futebol feminino”, de maio até agosto de 1940, foram fundados vários clubes de futebol feminino. Eram publicadas notas e reportagens sobre partidas na capital paulista, que ocorreriam entre equipes cariocas, como forma de exibição. No *Correio da Manhã*, de 03 de maio de 1940, publicava-se uma nota referente a este evento: “[...] Estão sendo encaminhadas negociações para que as equipes femininas de foot-ball do S. C. Brasileiro e Casino de Realengo joguem em São Paulo, a 14, como preliminar do jogo inaugural dos reflectores de Pacaembu”. Utilizamos o *Jornal dos Sports* para demonstrarmos esse detalhe: no dia 04 de maio, este periódico publicava uma nota sobre a fundação do PRIMAVERA F. C. e também sobre o evento a ser realizado na capital paulista. O *Jornal dos Sports* também publicou, no dia seguinte, uma reportagem sobre a exibição a ser realizada na *paulicéia*. O texto da reportagem afirmava que,

abrangência da cidade do Rio de Janeiro.

após várias negociações entre o representante da Liga Paulista de Futebol e do representante do Rio de Janeiro, foi definida a participação dos dois times.¹⁶

O *Imparcial*, do dia 12 de maio de 1940, colocava que, de início, houve uma dúvida se a diretoria de esportes do Estado de São Paulo permitiria a realização do jogo de exibição (figura 4) programada até então. No entanto, o jogo entre as equipes cariocas seria realizado na data prevista, pois houve o consentimento. Em sua dissertação¹⁷, o Historiador Fábio Franzini (2000: 51) utilizou, como fontes, Thomaz Mazzoni e a *Gazeta Esportiva* ao referir-se ao futebol feminino. Comparando, em nossa pesquisa, o periódico *O Estado de São Paulo* com as fontes de Franzini, acreditamos que o mesmo cometeu equívocos de datas, quando se referiu ao jogo de exibição, realizado na capital paulista. Em sua dissertação, aparece os seguintes dizeres: “(...) Caberia ao São Paulo F. C. realizar os primeiros jogos Rio x São Paulo, no Pacaembú, com grande sucesso. O primeiro jogo, contra o América, obteve o recorde de renda inter-clubes (...) Nesse jogo como preliminar foi lançado o futebol feminino, cujo interesse se limitou a esse único jogo. Morreu logo o futebol de moças”. Em outra passagem, Franzini, utilizando como fonte A *Gazeta Esportiva* de 06 de maio de 1940, p. 2, colocou: “O jogo que faria a preliminar de São Paulo e América na noite de 11 de maio de 1940 no *Pacaembú* só poderia mesmo causar indignação [...]” (2000: 55). Como vimos, o futebol feminino já era praticado antes de 11 de maio e, se não temos com certeza o início do futebol feminino, não podemos falar de seu fim. O jogo entre São Paulo e América ocorreu na data prevista, contudo, a preliminar deste contendo foi entre as “Equipes dos Cronistas esportivos x Elementos das nossas estações de Rádio”, com o placar de 4 x 2, vencido por este último (*Ultima Hora*, 12/05/1940). Verificamos que a data correta do jogo de exibição entre as equipes femininas Casino Realengo e S. C. Brasileiro é o dia 17 de maio de 1940, na preliminar do jogo São Paulo x Flamengo. Encontramos a seguinte reportagem no jornal *O Estado de São Paulo* de 17 de maio: “[...] É com justificado interesse que o publico esportivo de S. Paulo vem aguardando a *realização* do encontro interestadual desta noite, no *pacaembú*, entre os quadros do S. Paulo F. C. e do C. R. do Flamengo [...] Preliminar entre os quadros femininos: jogarão, numa *exibição* de 30 x 30

¹⁶ O *Jornal dos Sports* publicou reportagens também nos dias que precediam o evento (dias 11, 15 e 16 de maio de 1940); no dia do jogo (dia 17) e num dia subsequente ao jogo (dia 21).

¹⁸ No *Jornal dos Sports*, foi publicada, em 21/05/1940, uma nota sobre o jogo realizado em São Paulo, com o resultado da partida: 2 x 0 para o S. C. Brasileiro. Na partida ocorrida em Santos, este periódico colocou que o Casino do Realengo havia ganhado por 1 x 0.

SUBURBANA DE FUTEBOL. Esta entidade do subúrbio carioca congregava diversos clubes do futebol masculino e não via, como empecilho, o fato das mulheres também praticá-lo. Muitos clubes, filiados a esta federação, emprestavam seus campos para que as mulheres pudessem realizar seus jogos. Além disso, o futebol feminino era colocado na programação dos festivais esportivos promovidos por estas agremiações. Como exemplo, colocamos abaixo um trecho de uma reportagem aludindo tal fato:

[...] No campo do River [...] Será realizada amanhã uma grande tarde esportiva, da qual participarão fortes conjuntos suburbanos. A prova que mais interesse está despertando é a que se *vae* realizar entre as equipes femininas do S. C. *Opposição* e Independente F. C., aquele filiado á Federação *Athletica* Suburbana. Tanto o Independente como o S. C. *Opposição* possuem quadros bem treinados, sendo de esperar um combate bastante movimentado. (*Jornal dos Sports*, 01/06/1940: 5)

Parecia mesmo que o futebol feminino, definitivamente, “fincava” suas bases no subúrbio carioca e, a partir desse local, alcançaria outras camadas sociais. A sua prática estava tão intensa que até ouve uma tarde esportiva especificamente feminina, como aconteceu no mês de junho. Mais uma vez, o *Jornal dos Sports* publicava uma reportagem sobre o acontecimento:

[...] No campo do S. C. Parames será realizado hoje um grande festival *sportivo*, promovido pelo Primavera F. C., o novel grêmio feminino do Engenho Novo. O *programma* organizado para esse festival é o seguinte: 1ª. Prova [...] Às 13:45 horas – S. C. *Villa* Valqueire X Independentes [...] Às 16 horas – EVA F.C. X Primavera [...]. (*Jornal dos Sports*, 09/06/1940: 4)

A prática do futebol feminino não era o único evento dessas tardes esportivas. Ele estava também envolvido com outras formas de lazer suburbanas. Em diversos momentos após os jogos, havia os bailes dançantes oferecidos às mulheres que praticavam o futebol, e a assistência acompanhava este “novo” acontecimento esportivo.

Essas afirmações positivas com relação à participação das mulheres no campo, na verdade, não eram hegemônicas na Comunidade Social e Científica da época, recebendo críticas de todos os lados. Uma carta, datada de 25 de abril e endereçada ao Presidente da República Getúlio Vargas, no corrente ano de 1940, deu mostras da discórdia quanto à sua prática. O remetente era um morador da cidade do Distrito Federal, de nome José Fuzeira. O popular vinha:

Solicitar a clarividente atenção de V. Ex. para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil. Refiro-me, *Snr.* Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de

môças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar *êsse* esporte violento, sem afetar, seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que *dispoz* a ser mãe... Ao que dizem os jornais, no Rio, já estão formados, nada menos de dez quadros femininos. Em S. Paulo e Belo Horizonte também já estão Constituindo-se outros. E, neste crescendo, dentro de um ano, é provável que, em todo o Brasil, estejam *organizados* uns 200 clubes femininos, de futebol, ou seja: - 200 núcleos destroçadores da saúde de 2.200 futuras mães que, além do mais, ficarão presas de uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes. (In: Franzini, 2000: 53)

Segundo Franzini (2000), as “preocupações”, que apareceram na carta acima em prol das “futuras mães destroçadas de saúde”, receberam não só parecer favorável da “voz da ciência”, da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde, bem como todo o seu apoio na cruzada contra a invasão das mulheres no “association”:

O gesto do *Snr.* José Fuzeira, determinando o debate *sôbre* uma questão que poderia ter *consequências* nocivas para a saúde de grande número de moças, é digno de todos os louvores. Efetivamente, o movimento que se esboçou nesta Capital, para a formação de vários quadros femininos de futebol, e que tomou corpo com o apoio que alguns jornais cariocas deram, é desses que merecem a reprovação das *pessoas* sensatas, já pelo espetáculo ridículo que representa a prática do ‘*association*’ pelas mulheres, como também pelas razões de ordem *fisiologica*, que desaconselham sumariamente um gênero de atividade física tão violento, incompatível mesmo com as possibilidades do organismo feminino [...] Existe hoje uma interminável bibliografia sobre assuntos referentes a educação física e desportos, sendo todos os autores *unanimis* em profligar o jogo do ‘velho esporte bretão’ pelas mulheres, por acarretar traumatismos que podem afetar departamentos do organismo feminino especialmente delicados e de *importancia* vital.¹⁹

Essas vozes foram ouvidas pelos jornais, e estes mudaram seus olhares acerca do futebol praticado pelas mulheres do subúrbio. Era estampado um título de manchete que tomava toda a página n^o 9, do periódico *O Imparcial* do dia 08 de maio de 1940, com os dizeres: “*Condenada a pratica do football feminino!*”. A matéria mostrava uma foto do S. C. Brasileiro (figura 5) e vinha com os seguintes comentários do chefe do departamento médico da Liga de Futebol do Rio de Janeiro: “[...] Como espetáculo *theatral* muito *attrahente*, mas *attentatorio* a todos os *principios eugenicis*”. Portanto, de maneira sucinta, o futebol feminino voltava-se para seu velho problema: ser controlado pelos “princípios” médicos da eugenia, que o condenava, sendo um problema para a

¹⁹ Parecer da Sub-divisão de Medicina Especializada a Despacho do Exmo. Snr. Presidente da República, assinado por Paulo (?) Frederico de Figueirêdo Araújo. Rio de Janeiro, 17 de maio de 1940. (Franzini, 2000: 53).

sua sublime função de mãe. (Mourão apud Rangel, 1998: 34) O próprio texto do jornal, que dias antes fazia vários comentários positivos, opinava de forma diferente: “[...] *O Imparcial* havia reparado que o jogo de *football* praticado pelo sexo feminino precisava de um *contrôle*, de alguma coisa que evitasse graves conseqüências no organismo das jovens praticantes [...]”. (*O Imparcial*, 08/05/1940: 9) Dando continuação ao texto deste artigo, o jornal comentava que achava o futebol praticado pelas mulheres “interessante” e passa a palavra ao Dr. Leite de Castro, para este “dar o parecer decisivo sobre o caso”, como pode ser visto abaixo:

Como diversão, novidade e alegria dos ‘fans’ sequiosos por emoções *differentes*, *póde* ser tolerado o *football* praticado pelo sexo *fragil*, mas dentro dos *principios* de educação *physica*, e pelo lado estético e *biologico*, é *contraindicado*... Para a mulher, existem outras praticas, verdadeiramente *sportivas*, como a *gymnastica* e principalmente a natação, incapazes de *trazar* os *disturbios* e as más *consequencias* do ‘*association*’... As vesperras de uma regulamentação e *contrôle* official dos *sports*... A lei porá *entao* embargos á pratica prejudicial, ao organismo, á *graça*, e a *belleza* da mulher.

“COMO ESPECTACULO THEATRAL MUITO ATTRAHENTE NA
ATTENTATORIO A TODOS OS PRINCIPIOS EUCENICOS” — DI
CLARA O COEFE DO DEPARTAMENTO MEDICO DA U. F. R. J.

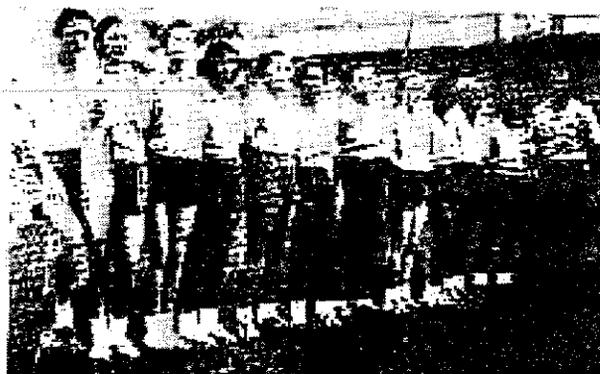


Figura 5. Fonte AEL

Diversos aspectos apareceram neste artigo acima referido. A imprensa, que apontava para a novidade, passou para o lado da palavra oficial dos especialistas, que eram contra ou faziam ressalvas para a prática do futebol pelas mulheres. Nas notas e artigos anteriores, o termo “sexo frágil” não aparecia. No momento em que se dá a versão dos médicos, o jornal já utiliza este termo, colocada abaixo da foto colocada da manchete, e o texto termina com estas palavras: “[...]”

termo, colocada abaixo da foto colocada da manchete, e o texto termina com estas palavras: “[...] Diante de tão fortes argumentos, ficam aqui elucidadas *duvidas* que poderiam existir e feita à advertência aos dirigentes das organizações que entregaram *às* moças este passatempo impróprio”. (*O Imparcial*, 08/05/1940: 9)

2.2. Um “*corretivo*” para as mulheres: normatização e proibição de seu futebol

O assunto, porém, não terminava com estas palavras. Durante o restante do mês de Maio, continuavam a surgir notas e artigos sobre o futebol feminino nos jornais cariocas, *O Imparcial* e *Correio da Manhã*, e na Gazeta Esportiva de São Paulo. Também é bom frisarmos que, no ano de 1940, travou-se, junto com os acontecimentos do futebol feminino, toda uma discussão sobre a regulamentação dos esportes no Brasil, tanto por parte do Governo Vargas quanto pela sociedade representada pelos clubes de futebol, federações, membros da Medicina Esportiva, imprensa e Revista Brasileira de Educação Física.²⁰

No ano anterior (1939), o Governo Federal, através de seu *Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)*, já manifestava seu interesse pelo que representava o Esporte, tendo a compreensão de que o mesmo (principalmente o futebol) já era uma manifestação popular que poderia auxiliar como um elemento de aglutinação da Identidade Nacional e melhoramento da Raça. Num documento publicado pelo *DIP*, aparece um artigo que se coaduna com nossa afirmação:

O Ministério da Educação considera o esporte como uma modalidade de cultura popular, constituindo atividade de grande repercussão no sentimento da população, despertando o culto pela beleza e a perfeição física. Interessa-lhe mais o reflexo dos campeonatos na massa popular, do que o campeonato em si. Para que essa influência cultural do esporte seja cada vez maior, o Ministério subvenciona sociedades e *clubs sportivos*, e vai organizar, no decorrer deste ano, o esporte nacional, *creando* a legislação necessária. (Departamento de Imprensa e Propaganda, 01/02/1939)

O tipo de interesse estava exposto. Para o Governo Vargas, importava não só identificar/divulgar o esporte como simples instrumento de diversão e passatempo, mas tratá-lo

²⁰ Como exemplo, temos os jornais *O Imparcial* e *O Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, que passaram todo o ano de 1940 publicando discussões acerca da regulamentação dos esportes pelo Governo Vargas e as opiniões dos clubes e das federações de esportes. O Estado de São Paulo, por sua vez, publicou alguns artigos sobre estas discussões.

como “meio de educação moral” e “elevação cívica e aperfeiçoamento da raça”.²¹

No dia 10 de maio de 1940, *O Imparcial* publica uma matéria, que se coaduna com a normatização do esporte nacional até então discutida por todos os esportistas de uma maneira geral e específica, no caso, o futebol feminino, e torna-se interessante vermos na íntegra todo o seu conteúdo:

Ninguém no Rio de Janeiro — será mesmo somente aqui? — ignora o surto *notavel* que teve o *foot-ball* feminino de alguns dias para cá. *Clubs*, às pressas, eram organizados e jogados aos campos para enfrentar adversárias já treinadas — com entrada paga! — Porém, há males que vêm para bem. Um moralista — se não nos enganamos Sr. Fuzeira — resolveu por cobro á questão. Endereçou, há dias passados, uma carta-aberta ao Chefe da nação onde relatava os inconvenientes que existiam para o sexo *fragil*, desde que viessem praticar o *foot-ball* em *constancia*. E, agora, o primeiro magistrado da Nação acaba de enviar o protesto ao ministro da Educação, sr. Gustavo Capanema para tomar as medidas que achar conveniente. Entretanto, apesar dos maiores esforços desenvolvidos, ainda não se conseguiu saber qual será a *attitude* que irá tomar o sr. Capanema. Parece, todavia, que extinguirá o *foot-ball* feminino. Isto acontecendo, terá dado S. Ex. provas *cathegoricas* que zela pelo *reerguimento* da raça, impedindo a pratica de *sports prohibidos*, em todo o universo, pelas maiores sumidades *medicas*.

Com a criação da Legislação Esportiva em 1941, o Governo baixou normas para um “desenvolvimento” e “enquadramento saudável” das práticas físico-esportivas vivenciadas pelas mulheres. Com isso, de maneira legal, veio às proibições de algumas práticas “não condizentes” para o corpo feminino. Dentre essas, estava a prática do futebol.

Um colunista da Gazeta Esportiva de São Paulo, de nome Helenico, também possuía opinião parecida, considerando o futebol praticado pelas mulheres como “(...) Um verdadeiro atentado à educação física, ao esporte e mesmo à organização esportiva do nosso Estado (...)”.²² E ele pedia duras medidas à sua proibição. E as medidas foram tomadas.

Conforme Franzini (2000: 54), “[...] A Subdivisão de Medicina Especializada recomendou que se fizesse uma campanha de propaganda mostrando os males que o futebol praticado pelas

²¹ O ano de 1940 é percorrido por uma discussão acerca da legalização dos esportes. O Governo Vargas constituiu uma comissão, tendo, como coordenador, o Ministro da Educação Gustavo Capanema, para formular uma legislação esportiva nacional, com o objetivo de organizar, administrar, fiscalizar e controlar todo tipo de atividade física e esportiva no país. O Estado Novo deu um prazo às várias federações e clubes de futebol, para que estes enviassem pareceres e sugestões para a comissão criada pelo governo. Ao implantar tal legislação, o governo deferiu normas e regulamentos para todas as áreas esportivas do país.

²² Helenico. “Deve ser Proibido!”. (*A Gazeta Esportiva*, 06/05/1940: 2). (In: Franzini, 2000: 55).

mulheres podiam causar as mesmas”. E não tardou para isto acontecer, se não de “fato”, pelo menos de “direito”. O governo Vargas, através do Ministério da Educação, baixou, em 1941, o Decreto Lei de nº. 3.199, que foi regulamentado pela deliberação nº 7/65 e que ficou em vigor até 1979, cujo artigo 54 dizia: “[...] Às mulheres não se permitirão a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. Fica patente que o futebol feminino era um dos esportes atingidos com tal lei. E parecia o seu fim.

No universo dos jornais cariocas, havia um periódico que não mediu esforços para que o futebol feminino não perecesse. Esse veículo de comunicação era o *Jornal dos Sports*. Como vimos anteriormente, este publicou várias reportagens sempre incentivando a sua prática, virando espécie de “paladino” pela defesa do futebol feminino. Mesmo quando os outros periódicos, baseados no discurso médico, deixaram de apoiá-lo, publicando pareceres, entrevistas e artigos contra o futebol feminino, este jornal continuou divulgando-o.

No dia 10 de maio de 1940, o *Jornal dos Sports* lançou uma matéria que respondia às acusações e depreciações ao futebol feminino. A reportagem publicada era uma entrevista da jogadora e presidente do S. C. Brasileiro, de nome Adyragram. Convicta de que o futebol era também uma prática de lazer para as mulheres, respondeu ao articulista do jornal, com o argumento de que tal esporte era um “assunto feminino”. Assim era a matéria:

Defendem-se as praticantes do *Foot-ball* Feminino. Só criticam a *pratica* do violento *sport* bretão *aquelles* que na vida jamais entraram numa praça de Educação *Physica*, declara a presidente do S. C. Brasileiro. Recebemos *hontem* a visita da jogadora Adyragram que exerce as funções de presidente do quadro feminino do S. C. Brasileiro. Veio dizer-nos algo desconhecido nos *sports*. Em resumo disse-nos a já popular jogadora do S. C. Brasileiro: - Li com atenção a carta dirigida pelo Sr. José Fuzeira a um vespertino de nossa cidade. A principio tomei o caso a serio. *Reflectindo*, perguntei a mim mesma: Quem será esse Sr. Fuzeira? Verifiquei desde logo que esse cavalheiro é desconhecido no *sport*, faltando-lhe, portanto, autoridade para discutir o *assumpto*. Pretendeu *celebrisar-se* nos meios esportivos apenas com uma carta dirigida ao mais alto magistrado do país. Ha homens cujas ocupações lhes dão tempo até, para tratarem de *assumptos* femininos. Mas, todas as vezes que o fazem, procuram *celebrisar-se*, dando o nome, residência e ate o telefone. Adyragram prossegue: - O Sr. Fuzeira deve assistir á *pratica* do *football* feminino, para verificar quão é salutar é esse *sport* e os benefícios que o mesmo presta as suas praticantes. É verdade que o *football*, como os outros *sports*, não pode ser praticado por todos, principalmente por *aquelles* que têm aversão á educação *physica* e que só fazem *gymnastica* pelo radio, *receiosos* de se apresentarem em publico graças as *deficiencias organicas* com que a natureza os brindou. Prossegue ainda Adyragram: - O Sr. Fuzeira, qualquer dia achará que a natação é prejudicial ao sexo feminino, porque a água poderá *gripar* as concorrentes e as roupas curtas e colantes estão em desarcondo

com o seu modo de pensar sobre as futuras mães... E terminando: - O Sr. Fuzeira fica convidado a assistir ao primeiro encontro do *football* feminino e apontar, publicamente, *quaes* as desvantagens da sua pratica nos moldes em que o mesmo vem sendo empregado entre as jovens brasileiras. Antes disso, o Sr. Fuzeira deve preocupar-se com os 'guryys' que jogam bola de meia na rua de sua residência, quebrando as vidraças da vizinhança. Nesse caso o missivista prestaria um grande serviço, e não teria tempo de preocupar-se com coisas que só interessam ao sexo *fragil*. (*Jornal dos Sports*, 10/05/1940: 6).

As respostas da jogadora e presidente Adyragram faziam com que as “idéias ficassem fora de lugar”, ou seja, que o futebol, no mínimo, também era “coisa de mulher”. Talvez seu discurso tentava se basear numa “cientificidade”, que era incipiente na época ou, pelo menos, não era hegemônico, mas que oferecia às mulheres o direito de praticar o futebol.

Não era só nesse aspecto, entretanto, que o *Jornal dos Sports* se diferenciava dos outros. Havia uma outra particularidade. Nessa época, eram comuns a promoção e a divulgação, pelos veículos de comunicação, de “concursos de beleza”, e este periódico lançou, no primeiro semestre de 1940, um evento semelhante: o Concurso da Rainha do Esporte Menor.²³

Este evento deve ter mexido com a cidade, já que, ao final desse concurso, que durou meses, o número total de votos passou dos seis milhões. As principais candidatas tinham até cabo eleitoral. É interessante notar, ao mesmo tempo que o jornal fazia uma divulgação do futebol feminino, defendendo-o, publicava todos os acontecimentos do concurso. E as reportagens desses dois eventos, muitas vezes, apareciam numa mesma página: de um lado era estampada uma foto de mulheres perfiladas no campo de futebol, esperando, ansiosamente, o início da peleja e, mais abaixo, uma foto das principais candidatas ao concurso. As primeiras eram “difamadas” de “sujas” e “violentas”, e as segundas, embora exaltadas pela “plasticidade das formas”, estavam num mesmo espaço, no caso, o universo do futebol: umas praticando-o, e outras o representando, levando-nos a crer que ambas eram, à sua maneira, protagonistas do “Esporte Maior” da nação. E o *Jornal dos Sports* não via nisso nenhuma contradição.²⁴ Mas havia vozes que não aceitavam estes variados tipos de expressão.

²³ O termo “Esporte Menor” significava o mesmo que Esporte Amador, do subúrbio. O CONCURSO DA RAINHA DO ESPORTE MENOR seguia os seguintes preceitos: 1. Cada concorrente representava um clube de futebol do subúrbio carioca; e 2. Os votos eram depositados e computados semanalmente, sendo divulgado os resultados parciais.

²⁴ O JORNAL DOS SPORTS continuou publicando reportagens sobre jogos de futebol feminino nos dias 21 de junho, p. 5; 17 de julho, p. 4; 18 de julho, p. 4; 26 de julho; 31 de julho; 06 de agosto, p. 5; 08 de agosto; 18 de agosto, p. 4; 22 de agosto, p. 4; e 29 de agosto, p. 5. Obs: delimitamos a pesquisa até o mês de agosto de 1940. Outras pesquisas futuras poderão demonstrar todo o percurso do futebol feminino do período posterior.

Dias depois da entrevista, dada pela jogadora e presidente do *S. C. Brasileiro* – Adyragram, foi publicada, no jornal *O Imparcial*, uma entrevista que novamente condenava a prática do futebol pelas mulheres. Este periódico deu voz ao conhecido médico Dr. Leite de Castro, “*Chefe do Departamento médico*” da *Liga de Futebol do Rio de Janeiro* e, também, “*Chefe de Clínica*” da *Beneficência Portuguesa*. O objetivo do jornal era oferecer ao leitor uma visão “científica” do assunto, portanto, um laudo “verdadeiro” do diagnóstico feito pela medicina, que insistia em encontrar, em tal prática, um foco de “degeneração” do corpo da mulher. Para tanto, a reportagem descrevia o vasto currículo do referido médico, ressaltando que o mesmo era o “precursor no Brasil do controle médico nos *sports*, autor de mais de 109 artigos”. O título da reportagem era: “O FOOT-BALL NÃO É O SPORT IDEAL!...”. Colocamos, abaixo, algumas passagens desta vasta matéria:

O foot-ball é, antes de tudo, complemento da educação physica. Considerando sob o ponto de vista doutrinário o foot-ball é um sport que exige de seus praticantes, requisitos corporaes e physiologicos apreciáveis [...].

Nos dizeres de Leite, o futebol era “falho” por não ser “completo” e, sendo um esporte unilateral, não poderia ser prescrito para a mocidade brasileira de uma maneira geral. Primeiro era necessário oferecer, tanto para os moços quanto para as moças, a prática da “Educação Física Geral”, isso antes de se exercer qualquer modalidade. Mais à frente, o articulista da matéria comentou sobre a celeuma que envolvia o futebol feminino:

(...) O Dr. Leite de Castro, no caso presente, é a autoridade que deve abordar a questão que um nosso collega levantou. Deve a mulher praticar o foot-ball? A pergunta é um tanto indiscreta, principalmente depois que este sport criou algumas dezenas de praticantes femininos. Está na moda a questão. O interesse é máximo. O presidente de um dos clubs femininos já deu a sua opinião causticamente, contrariando a opinião de um pobre coitado que teve a coragem de protestar contra o foot-ball praticado por moças (...).

Pela posição do jornalista, já se percebia de que lado pendia a posição do referido periódico: para a defesa da “cientificidade médica”, que condenava a sua prática. Dando a continuação da reportagem, o jornal expressava o seguinte:

Agora, porém *O Imparcial* quer a opinião a respeito. Opinião esta absolutamente segura no terreno da medicina. Deve o foot-ball ser jogado por moças? É ele indicado para a mulher? Ouçamos a palestra do Dr. Leite de Castro. – Como disse no inicio de minha palestra com o repórter, na considero o foot-ball o sport ideal. Absolutamente. Se faço restrições amplas no que diz respeito as vantagens e

desvantagens, que proporciona ao organismo da mocidade masculina, o que não direi do foot-ball como sport feminino? [...].

Um dado interessante, a ser considerado por nós, era o fato deste médico opinar pela proibição do futebol para ambos os sexos, mas, certamente, de maneira diferente. O sexo masculino poderia praticá-lo, desde que por homens profissionais respaldados por uma base e vivência corporal advinda da prática da “Educação Física Geral”. No que tange ao sexo feminino, este acrescentava:

[...] De inicio sou contra este *sport* para mulheres. Nada lhes aproveita e, pelo contrario, proporciona-lhes alterações nas funções circulatórias e *renaes*, além de perturbações *estacticas* que o exercício *physico* violento pode determinar na *esphera* genital [...] Sob o ponto de vista *estectico* é um contrasenso o *foot-ball* feminino, assim como encarado pelo lado *biologico*, é um *sport* violento capaz de alterar o *equilibrio* endócrino da mulher [...].

O doutor Leite foi indagado pelo repórter a respeito do fato de que o futebol feminino estava ganhando adeptos. E este retrucou:

[...] Praticado por mulheres só *póde* ser *applaudido*, como *exhibição* grotesca ou *thetral* ao sabor da curiosidade popular, *avida* de novidades ou originalidades. A força de uma mulher deve residir de uma saúde a toda prova [...].

A última passagem, acima, remete-nos para o “Mito do jogo Fantasia”, ou seja, que o futebol feito por mulheres só existiria se fosse por uma “boa e caridosa causa” ou que trouxesse à assistência risos e gracejos. A prática do futebol não poderia existir como um conteúdo do “lazer feminino”.

O referido médico utilizou, continuamente, o discurso eugênico. Apontou quais qualidades e valências físicas homens e mulheres deveriam abraçar: aos homens, o cultivo ao corpo, a força, o esforço e a competitividade; às mulheres, o destino da leveza, da harmonia das formas e da reprodução.

Em seus últimos comentários, o Dr. Leite, novamente, enfatizou que:

[...] Não é no *foot-ball* que a juventude feminina se aperfeiçoará. Pelo contrario - é o *foot-ball* o *sport* que lhe trará defeitos e *vicios*; alterações *geraes* para a própria *physiologia* delicada da mulher, além de outras *consequencias* de ordem *traumatica*, podendo *comprometter* seriamente os órgãos da reprodução (*ovario* e *utero*). Si alguma autoridade me assistisse, faria daqui um *appelo* sincero a essa juventude feminina que se encontra iludida com as *phantasias* do *sport* betão, para que abandone de vez o *foot-ball*, orientando-se para outros sectores da

educação *physica* [...] Para a conquista da *belleza* e da *saude* bastará que a mulher fuja dos *sports* violentos e, se entregue aos *exercicios coporaes* sadios [...]. (*O Imparcial*, 19/06/1940: 8)

Este posicionamento, colocado pelo renomado médico, era reforçado por intelectuais da época ligados à educação, como era o caso de Fernando de Azevedo. Estudioso do tema, referia-se a ele, em suas palestras à Educação Física, reconhecendo-o como um valioso instrumento educacional. Segundo Azevedo (Apud Schpun, 2001: 35-6):

A educação física para moças deve ser pois *higienica e estetica*, e nunca *athletica*, visa sobretudo o desenvolvimento da parte inferior do corpo, dar a graça e a destreza dos movimentos, procurando antes a ligeireza do que a força [...] O *exercicio* para as mulheres (porque sua estrutura é fraca e delicada do que a do homem) devem ser menos *energicos* e ter menos duração [...].

Poderia parecer para nós, contudo, que tais discursos viriam apenas das “vozes” masculinas da cientificidade e intelectualidade da época. O posicionamento de mulheres, como o de Adyragram, que defendia o futebol feminino, seria o único discurso encontrado no universo das “filhas de Eva”. Ledo engano. Na revista *Vida e Saúde* encontramos, no início do ano de 1941, um artigo assinado por uma professora de nome Ana Cauduro. Todavia, neste artigo, seu posicionamento não é tão avançado como o de Adyragram. Ela comentava que houve um progresso no que tange ao desenvolvimento da Educação Física feminina em nosso país, mas que tal feito não poderia encobrir o perigo de práticas que traziam “prejuízos” ao corpo feminino. E o futebol era apontado como uma dessas práticas. Utilizamos abaixo suas primeiras impressões sobre o assunto:

A Educação Física feminina, de que nos descuidamos por tantos anos, começa felizmente, a fazer reais progressos. Já é apreciavelmente grande o número de moças e meninas que praticam esportes, procurando, destarte, aperfeiçoar-se fisicamente. No momento em que aparecem os primeiros benéficos efeitos, conseqüentes dessa prática tão necessária e tão salutar, nós, os que desejamos sinceramente a melhoria de nossa raça, não podemos deixar de escrever contra os abusos que surgem, tais como o futebol e a bola-ao-cesto [...].

A posição da professora Cauduro demonstrava a importância da participação da mulher na atividade física, reconhecendo como pernicioso, para a Nação, o atraso de mulheres que não se preparavam corporalmente para ser as futuras mães, geradoras de homens fortes e saudáveis. Mas este discurso apontava ressalvas, recomendando quais esportes e exercícios físicos eram

condizentes para a mulher. O texto continuava atacando de frente práticas corporais que atrapalhassem, de alguma maneira, as “futuras mães”, utilizando o futebol como seu maior exemplo:

[...] Ainda não há pouco tempo, tivemos, em São Paulo uma partida de futebol, disputada por moças. Foi o espetáculo pseudo-esportivo mais deprimente que já presenciamos: uma ridícula exibição, que primava por não ter nenhuma técnica, nenhuma graça e, muito menos, vantagens de ordem física ou moral para os praticantes. O futebol praticado por moças, mesmo quando não for em público, é um esporte absolutamente contra-indicado [...].

Prevalece, enfim, o “jargão” científico da Eugenia que se mantinha nessa época. Os órgãos do aparelho reprodutor feminino precisavam estar em perfeitas condições de funcionalidade, não podendo, portanto, sofrer danos físicos que dificultasse a gestação ou causasse infertilidade. Havia uma preocupação com os tipos e as cargas de exercícios voltados para a mulher, tendo também o objetivo da não “masculinização” desta. Tomando como base esses aspectos, a professora Ana Ferri afirmou que:

[...] A mulher, por sua constituição peculiar, não pode suportar bem os exercícios que exijam grande dispêndio de energias [...] As bruscas contrações musculares, além de fisiologicamente perniciosas, prejudicam a graça e a beleza feminina; além disso o órgão uterino é extremamente sensível aos choques violentos. E todos nós sabemos que uma partida de futebol exige grande esforço [...] A educação física feminina deve visar, principalmente, saúde, graça, beleza (harmonia das formas) e destreza. Qual dessas qualidades pode o futebol desenvolver na mulher? [...].²⁵ (*Vida e Saúde*, 01/1941: 16-7)

Como vimos, o discurso médico eugenista, várias vezes salientado por nós, condenava o futebol feminino, pois, segundo ele, tal prática lesava o aparelho reprodutor da mulher. Este era o grande argumento. No entanto, em quais argumentos científicos a medicina poderia se basear para defender a prática do futebol pelos homens, se estes também possuíam um “aparelho reprodutor” suscetível de lesões? É só lembrarmos dos efeitos que uma bolada no “baixo ventre” pode ocasionar!

“Feias”, “brutalizadas” e “mal cheirosas” – era assim que o discurso médico, a grande parte da imprensa e da academia esportiva viam as mulheres do subúrbio que praticavam o futebol. Enquanto as da burguesia, em seus clubes, tratavam do seu corpo em esportes “condizentes” com a

²⁵ Revista mensal ilustrada sobre saúde e higiene.

“harmonia das formas”, aceitos como “femininos” – o voleibol, o tênis, o ping-pong –, as mulheres suburbanas buscavam se afirmar no domínio masculino, que era o futebol.

Analisando uma reportagem publicada no *Jornal dos Sports*, percebemos o quanto esta matéria congregou todas as esferas dos acontecimentos com relação ao futebol feminino nos subúrbios. Num único evento, estavam presentes dirigentes e autoridades, que representavam o esporte suburbano, a Rainha do “*Sport Menor*”, os comerciantes e a dona da fábrica de nome “Sudan”, que patrocinou, juntamente com este jornal, o concurso de beleza e os times de futebol masculino de casas comerciais. O convívio dos diferentes papéis sociais, colocados à mulher, estava presente no “grande encontro feminino”, que ocorreria, no dia seguinte, no campo do S. C. **Oposição** – nome sugestivo, que nos leva a uma indagação: havia uma ambigüidade de papéis sociais opostos ou um convívio dessas contradições? O texto do jornal fazia o seguinte comentário:

[...] No campo do S. C. *Oposição*, com a presença da Rainha do *Sport Menor* de 1940 e as altas autoridades da Federação *athletica* Suburbana, será disputada pelas duas equipes femininas do Primavera F. C. e do S. C. *Oposição* a linda taça D. Annita D’Angelo, *offerecida* aos dois *gremios* pela *Fabrica* Sudan. A prova preliminar será disputada pelas equipes das ‘Lojas Santa Cruz’ e ‘*Superball*’. A prova de honra terá como adversários os fortes conjuntos femininos (...) O ponta-pé inicial dessa grande peleja será dado pela Rainha do *Sport Menor* de 1940, senhorita Maria Jurema Sampaio. (*Jornal dos Sports*, 20/06/1940: 5)

2.3. Distintas classes, esportes, comportamentos e conquistas

Como vimos, a prática do futebol foi acontecendo nos subúrbios e é neste espaço que a mulher operária estava presente. Num futuro próximo, há a necessidade de pesquisarmos se a mulher participante dos jogos é a mesma que estava nas fábricas e no comércio. Sabemos que a partir dos anos trinta do Século XX, principalmente nas grandes cidades, abrem-se novas possibilidades no mercado de trabalho para as filhas da elite, que estavam destinadas aos papéis de esposas e zeladoras da família. Estas passam a exercer funções de professoras, advogadas, comerciantes, médicas etc. No âmbito esportivo, as mulheres da elite e da classe média, presentes em clubes, praticavam a natação, o tênis e outros tipos de atividades ligadas à ginástica feminina. O Atletismo era referenciado, nos jornais,²⁶ como outro esporte recomendado para a mulher, mas,

²⁶ Como exemplo, temos: *A Gazeta Esportiva* em São Paulo (décadas de 40 e 50) e o *Jornal dos Sports*, no Rio de Janeiro (décadas de 30, 40 e 50).

talvez por possuir menor *status*, era praticado mais pela mulher de classe média. O basquetebol recebia sérias restrições para sua prática nos anos 40. Para a mulher do subúrbio, operária, seu leque de opções restringia-se ao local das fábricas, à sua moradia e arrabaldes do próprio bairro onde residia. Por isso entendemos que é importante atentarmos para o fato de que são diferentes os problemas enfrentados pelas mulheres das diversas classes sociais. Como afirma Carson (1995: 190):

As mulheres compartilham uma condição opressiva [...] Entretanto a opressão vivenciada por cada mulher se manifesta [de] variadas e importantes diferenças relacionadas à classe social que ela pertence ao lugar que [ela] ocupa na estrutura desigual de oportunidades.

Mesmo sabendo destas diferenças de classe e de grau de participação nas lutas emancipatórias no interior de nossa sociedade, fica evidente que os avanços realizados pelas mulheres, nas diferentes esferas, ajudaram no desenvolvimento de uma nação mais democrática. O direito feminino ao voto, no Brasil, foi alcançado em 1932, depois de ferrenha luta realizada pelo movimento feminista.²⁷ Carlota Pereira Queiróz tornou-se a primeira deputada brasileira em 1934. No campo esportivo, Maria Lenk foi a primeira mulher brasileira a participar de uma Olimpíada em 1932, em Los Angeles. No âmbito dos direitos trabalhistas, a Assembléia Constituinte regulamentou, nos anos quarenta, o trabalho feminino, equiparando o salário entre homens e mulheres.²⁸

A partir da metade dos anos 40, abriu-se a possibilidade de uma relativa mudança nos comportamentos no que se refere aos papéis sociais de cada sexo, à moral sexual, ao casamento, ao namoro, à juventude e à maior participação feminina no mercado de trabalho. Nesta época, evidencia-se uma liberação crescente da prática esportiva e de lazer por parte das mulheres. No entanto, o universo do futebol continuou aquém desta evidência e das mudanças nos comportamentos e papéis sociais cada vez mais alargados pelas lutas das mulheres.

Na década de 1950, aparecem novas possibilidades de participação das mulheres no mercado de trabalho. Surgem outras oportunidades no setor terciário, nos serviços burocráticos

²⁷ O movimento feminista, no Brasil, não era homogêneo. Tínhamos figuras como Bertha Lutz, da ala liberal, passando tanto pela anarquista Maria Lacerda de Moura, quanto pela figura de Pagu (Patrícia Galvão), de ênfase comunista.

²⁸ Porém, ainda hoje sabemos que, na prática, isso não ocorre plenamente.

estatais e privados, nas áreas do serviço público e nas profissões liberais que surgem. No entanto, parece que as mudanças no âmbito esportivo, ocasionadas por uma maior participação feminina nas grandes cidades, principalmente no âmbito da juventude escolar e clubística, não são levadas em consideração pelos especialistas da Medicina Esportiva e pela imprensa esportiva brasileira da época.

Havia setores da imprensa esportiva, porém, que abriam espaço para a mulher em suas reportagens, enchendo as revistas e jornais com artigos, que enfatizava a necessidade da prática esportiva por parte das mulheres. Como exemplo de grande incentivo, tínhamos, no Rio de Janeiro, *O Jornal dos Sports*, que promovia, desde 1949, os Jogos da Primavera (*Olimpíada Feminina Brasileira*), idealizado pelo jornalista Mário Filho. Tratava-se de um dos acontecimentos esportivos de destaque no cenário esportivo nacional, congregando clubes, colégios e demais instituições esportivas, em que participavam mulheres a partir de quatorze anos de idade, sendo federada, atleta ou não. No entanto, as representações sociais, esperadas pelas mulheres, eram mantidas neste evento.²⁹

Estas atitudes incentivadoras nas reportagens, contudo, eram sempre apresentadas pela ótica masculina. Tomando como base um artigo de 1953, da *Gazeta Esportiva*, que tinha como manchete: “*Na mulher não se bate nem com uma flor*”, percebemos o quanto havia um hiato entre o desenvolvimento dos esportes e o tipo de papéis sociais esperado pela sociedade, com relação à função que a mulher deveria desempenhar. Pois, no referido artigo, a discussão era entre médicos e jornalistas: a mulher poderia ou não praticar a atividade esportiva? Dentre eles, estava o cronista João de Souza Mello, enfatizando que “[...] Na atualidade ninguém tem o direito de pensar que a mulher não deve praticar qualquer esporte [...] *Si* a mulher estiver fisicamente capacitada estará em condições de praticar qualquer esporte”. (*A Gazeta Esportiva*, 09/1953: 31)

A partir destas palavras, levantamos a seguinte reflexão: se compreendermos que o lazer é um espaço possível de expressão do lúdico, no qual a performance e a competição não são condições necessárias ao direito ao acesso, então a mulher não poderia praticar nenhum esporte, pois, para tanto, necessitaria de estar em plenas condições físicas, comparadas ao nível de um atleta de competição de qualquer modalidade esportiva.

Um segundo nome aparece, respondendo a pergunta formulada pelo repórter, fornecendo-nos logo a resposta: “[...] Sim a mulher pode praticar o esporte moderadamente e sempre [...]”, dizia o Dr. Newton Paes. (*A Gazeta Esportiva*, 09/1953: 30) Isto parecia não ter se modificado quando nos deparamos com outra reportagem desta mesma revista um ano depois. Mesmo com a presença da mulher no espaço público, conquistando, de certa forma, outras esferas além do universo doméstico, o artigo ignorava o fato, afirmando que as mulheres:

Acabaram por ir aos campos de esporte sem abandonar o fogão [...] Porque afinal de contas, num contraste aparentemente violento, elas associaram o lume Dom estético ao esforço físico do esporte, confundiram o suor do fogão com o suor mais sadio da ginástica.³⁰

Até onde fomos, podemos, momentaneamente, afirmar que, na década de 1950, o futebol feminino, nas duas principais cidades de nosso país, estava “dormindo em berço esplêndido”. Pelo menos é o que se conclui, quando tomamos como base de pesquisa os dois principais periódicos esportivos do país, no caso, *A Gazeta Esportiva*, de São Paulo, e o *Jornal dos Sports*, do Rio de Janeiro. Em ambos, eram publicadas várias reportagens sobre a prática esportiva pelas mulheres, tendo, como foco principal, o Basquetebol (recebendo as habituais restrições à sua prática pela mulher), o Tênis (esporte muito bem aceito), a Natação (esporte que mais aparecia nas reportagens) e o Atletismo. Mesmo com todo revés ao futebol feminino, apareceu uma reportagem na *Gazeta Esportiva* de 1955, na qual a manchete era: “*Craque de saias*”. Era um artigo de três páginas, que apresentava uma jogadora de futebol, porém de forma inusitada, ou seja, uma praticante do sexo feminino “solitária”. Era apresentada como se fosse um ser “exótico”. Parecia que a garota, encontrada no litoral paulista (ela residia em São Vicente), era a primeira e única representante do futebol feminino, e que este não existia de fato. Em toda a reportagem, não encontramos nenhuma referência direta sobre a prática do futebol feminino por outras mulheres. Para termos uma idéia de como se tratava o futebol feminino, citaremos um trecho da reportagem:

Em S. Vicente existe uma garota futebolística — Nelly Martins, sem chegar a ser um fenômeno, é bem interessante — É páreo duro num concurso de beleza — corinthiana até de baixo d’água... Passaram a bola para ela: Nelly Martins (belo nome) tomou-a nas mãos e, depois de examiná-la, iniciou o bate-bola manejando a pelota. Ela de fato controla o couro, parando-o em pleno ar no pé, amortecendo,

²⁹ Conforme Mourão (1998: 177), “[...] Os Jogos da Primavera é um marco na trajetória da mulher carioca sendo um espaço para a alteração de valores relativos ao corpo e suas potencialidades, através das expressões corporais no movimento esportivo da mulher em diferentes modalidades”.

³⁰ *A Gazeta Esportiva*, 1ª. Quinzena de set-1954, p. 35.

‘matando’ e chutando a gôl, de uma maneira que deixaria muito jogador surpreendido. Cabeceia bem, (e com rara perícia) tendo inclusive assinalado um gôl, a um centro vindo da esquerda [...] Um lindo lance sem dúvida [...] Seu sonho: ganhar o concurso de Beleza [...] Nem só do esporte vive a moça. Além de exímia dona de casa, Nelly inscreveu-se em um concurso de beleza, promovido por um jornal vicentino, defendendo o Corinthians da Vila Cascatinha [...] Foi com um brilho nos olhos que ela nos contou o desejo de arrebatá-lo o título final... Nelly não esconde a sua enorme admiração pelo clube de parque S. Jorge. Si houvesse no Corinthians uma equipe feminina de futebol, o nome dela lá estaria (suas palavras textuais) com toda a certeza [...] Eis aí Nelly Martins, a garota futebolista, (mais corintiana e vicentina) que não entra em times, nem disputa partidas, mas em compensação brinca e faz filigranas com a bola, como pouca gente sabe fazer. (*A Gazeta Esportiva*, 03/1955: 31-33)

Parece que todo o esforço das mulheres, mesmo no universo esportivo, é esquecido quando nos deparamos com o texto acima exposto. Ele leva a crer que há duas mulheres em um mesmo corpo. Quando está na quadra, na pista, na piscina ou no gramado, ela é apenas uma atleta, já que deixou o “ser mulher” no vestiário. Quando ela retorna, exausta, cansada para o vestiário, ela tira a roupa de atleta, veste-se e volta a “ser mulher”. É como se não fosse possível ser a mesma em todas as esferas da vida. Ela joga, mas é bela; ela gosta do esporte, mas é a companheira, a doméstica de sempre. Enfim, ela tem um sonho, mas esse sonho não está presente quando a mesma se encontra no espaço futebolístico, a não ser como figura de exibição exótica, cômica e sem atitude no espaço que se apresenta.

E pressupomos que ainda seja assim que se volta o olhar para a mulher que pratica o futebol no início dos anos de 1960. Neste tempo, as vedetes do teatro de revista estão presentes em toda parte, sendo o centro das atenções da mídia. E, na imprensa de São Paulo, surge uma reportagem, na qual aparecem, perfiladas no Estádio Municipal (figura 6). Apresentamos o seguinte trecho da reportagem:

Em jogo de vedetes, a vedete é ‘Pelé’ também — Daise Paiva, que por seus tiros certos recebeu das colegas o apelido de ‘Pelé’, foi a principal atração do treino que as atrizes paulistas realizaram na tarde de ontem no Pacaembu. As vedetes deverão defrontar-se em agosto com atrizes uruguaias, primeiro no Pacaembu e depois no estádio do Penãrol, em *montevideú* [...] As moças deverão treinar de agora em diante 2 ou 3 vezes por semana. (*Folha de São Paulo*, 13/07/1960)



Figura 6. Fonte Folha de São Paulo.

2.4. Da “Questão da Mulher” ao fim da proibição

Na década de 60, o movimento feminista revigorou-se na Europa e nos Estados Unidos, cada qual à sua maneira. E figuras como Simone de Beauvoir inspiraram este movimento. O seu livro, *O Segundo Sexo*, dá uma sacudida nos questionamentos dos valores, papéis sociais e sexuais da mulher. A brasileira marca presença nos movimentos políticos no início da década, mas, com o golpe militar de 1964, há uma desestabilização de seu avanço. O futebol feminino continuou incipiente no Brasil e logo recebeu um “golpe” aos moldes da ditadura militar em 1965, quando o Conselho Nacional de desportos, através da deliberação n^o. 7/65 de 02 de agosto, baixou instruções às entidades esportivas do país, proibindo a prática do futebol feminino (englobando aqui o futebol de salão³¹ e o futebol de praia).

A proibição da prática do futebol feminino encaixava-se no processo da militarização médico-esportiva da Educação Física no Brasil. A década de 70 do Século XX foi marcada pela retomada do movimento feminista brasileiro, o qual realizava programas de lutas, que incluíam, por exemplo, a legalização do aborto e do divórcio, a construção de creches para as crianças das trabalhadoras, equidade salarial, a não violência contra a mulher etc. No campo esportivo, houve um crescente investimento, pelos governos militares de Médici e Geisel, mas no que tangia

³¹ Esporte que deu lugar ao Futsal.

principalmente à construção de equipamentos esportivos, estádios de futebol e inauguração de Núcleos de Educação Física no Ensino Superior. Isso, porém, sempre sob os olhares e tutela dos militares. Apesar das limitações, é inegável que, nesse período, ocorreu uma maior participação das mulheres nos acontecimentos esportivos, mas historicamente desvinculada das outras esferas de luta das mulheres.

Entretanto, mesmo sem haver este vínculo entre o movimento feminista e a prática de esportes pelas mulheres, mais especificamente o futebol, “a questão da Mulher” estava presente no Congresso Nacional quando houve uma CPI da mulher em 1976. Em um dos depoimentos, aparece a voz de Maria Lenk, ocasião em que ela recomendava a eliminação do decreto de 1965, o qual proibia a mulher de praticar o futebol. Em seu depoimento ela dizia:

Acentuo bem o futebol, porque atribuo a essa restrição, a essa proibição, a quase impossibilidade do desenvolvimento do esporte feminino no Brasil [...] O futebol é nosso esporte nacional, e através do esporte se revelam, se projetam os campeões, os ídolos do povo que merecem imitação. Então, vêm-se terrenos baldios e qualquer local que se preste, transformados, espontaneamente, num campo ou numa quadra, no caso se não tiver gramado, e é ocupado por quem? Por garotos, meninos. (In Romero, 1995: 330)

Observando estas colocações finais de Lenk, acreditamos que a proibição surtiu o efeito esperado, pois na escola, ambiente propício para sua prática, as meninas não puderam ter contato com o futebol. Durante o período de sua proibição, concordamos com Abreu (1995: 171), quando afirma que:

As experiências motoras adquiridas antes e durante a fase escolar e na vida fora da escola são fatores que podem possibilitar o sucesso, e conseqüentemente maior desinibição dos meninos nas aulas de Educação Física. É relevante que as meninas atribuem esse fato a uma prática constante na vida deles: o futebol.

Apareceu em 1978, um ano antes de ser revogada a lei que proibia a prática do futebol feminino no Brasil, na revista *Placar* – diga-se de passagem, o periódico mais importante em âmbito nacional sobre o assunto futebol – uma reportagem de futebol feminino. E a manchete era bem “sugestiva”: “[...] *Troca de camisas, o melhor deste jogo*”. O artigo se referia ao futebol feminino na Holanda, apresentando fatos e fotos (figura 7) de um jogo entre o selecionado holandês e o Ajax, a equipe mais famosa até os dias de hoje na Holanda (em sua versão masculina). Continuava a reportagem, afirmando: “[...] Há um campeonato organizado e até uma seleção nacional. E o público não sai antes do fim do jogo, pois, no caso, a troca de camisas faz parte importante de cada espetáculo [...]”. No artigo dessa revista, há comparações entre as jogadoras holandesas e os jogadores do selecionado brasileiro da época. A reportagem também

jogadoras holandesas e os jogadores do selecionado brasileiro da época. A reportagem também afirmava que, quando o locutor do Estádio Olímpico de Amsterdã anunciava os nomes das jogadoras, ouvia-se os assovios, que não eram vaias, mas empolgação do público. A reportagem comentava sobre a boa técnica das jogadoras, tendo desde a “musculosa” Wil até a “curvilínea” Corrie. E, no final do artigo, o comentário era que:

As moças trocam de camisa, ao final das partidas, com muito mais elegância e bom humor do que os homens. No final quase todas participaram desse ritual. A centroavante Tonnie, no entanto, não quis. Explicou — jogo ao natural, sem proteção nenhuma. Uma vitória moral — do feminismo. (*Revista Placar*, 13/09/1978: 23-5).



Figura 7. Fonte Revista Placar.

Vitória do feminismo? Talvez, mas, com certeza, mais um tento do machismo jornalístico esportivo da época. Nas páginas desta revista, seguem-se semelhantes reportagens como a acima relatada. Em 1979, o Conselho Nacional de Desportos baixou a deliberação de nº 65/79, que revogou a anterior, datada de 1965, assegurando às mulheres brasileiras o direito à prática do futebol. Reis (1998: 51) afirma que “[...] a nova deliberação aparece devido ao avanço que vinha tendo o futebol feminino, internacionalmente, e sob esta influência que, a partir de 1979, foi permitido às mulheres brasileiras a participação institucionalizada no futebol”.

Após acontecer a liberação da prática do futebol feminino, a revista *Placar* publicava outra reportagem sobre a relação entre o futebol e a mulher. E não se modificou seu tratamento. Com esse tema de conteúdo machista, a reportagem trazia fotos (figura 8) de mulheres com trajes de biquini à beira do gramado, no estádio Santa Cruz de Recife no ano de 1980 e iniciava o texto com as seguintes palavras:

Salve as tricoletes. No Arrudão elas fazem sucesso, nem é preciso explicar por quê: Depois da linha burra, da linha média e do ataque em linha, o tricolor do Recife lançou a linha 'bonita e gostosa' [...] Prova definitiva que futebol e mulher se dão bem. (*Revista Placar*, 16/05/1980: 34)



Figura 8. Fonte Revista Placar.

Apesar dos avanços em outras esferas sociais, podemos perceber que, para a imprensa, a mulher continua a ser vista, no espaço futebolístico, como coadjuvante. Os anos passam e continua a mesma retórica. Não só como esposas, mães, companheiras, irmãs e amantes, as mulheres são vistas pelo universo masculino até então, mas também como objeto de sedução e prazer, conforme ficou patente no trecho da reportagem acima publicada pela revista.

O Conselho Nacional de Desportos (CND), como vimos, regulamentou a prática do futebol feminino no país e, ao mesmo tempo, normatizou sua prática. Redigiu um regulamento específico para o futebol praticado pelas mulheres, no qual não poderiam usar chuteiras de travas metálicas;

campo teria dimensões menores com relação aos dos homens (90mX64m, no máximo); seriam divididas em duas categorias (juvenil e adulta). Colocada suas especificações aos “moldes da natureza feminina”, o interessante vem com a regulamentação referente ao ritual final do jogo: *a troca de camisas após as partidas está proibida*. Esta regulamentação do CND tornou-se obsoleta, se contrastada com a imagem da jogadora da Seleção Americana de Futebol, na qual esta, após a cobrança do *penalty*, que redundou na vitória do Estados Unidos na Copa do Mundo de Futebol Feminino no ano de 1999, tirou a camisa e ficou de *top*, girando-a entusiasticamente.

O movimento de mulheres, no final da década de 70 do Século XX, foi intenso, com suas participações efetivas nas lutas políticas e democráticas. No início dos anos 80 deste mesmo Século, grandes jornais, como a *Folha de São Paulo*, abriam seu espaço para as discussões sobre o comportamento das mulheres, suas lutas e aspirações, combatendo uma sociedade opressora e machista. No *Suplemento Semanal — Mulher* de 27 de junho de 1982, era publicada uma reportagem de cunho bem diferente ao que estávamos acostumados a ver. Com o título da manchete “*Trabalho de Homem? As mulheres topam a parada*”, aparecia um texto que valorizava a participação da mulher no futebol, apresentando a personagem Denise Laís Lopes, como professora e juíza de futebol. O texto argumentava que Denise não podia exercer a função de juíza porque a FIFA proibia a arbitragem por parte das mulheres. Mas, no entanto, ela não ficava triste com isso e nem desistiria desta função. Ela permaneceria, apitando somente amistosos. Em suas palavras ela afirmava:

Muitos jogadores já comentaram que seria muito difícil a mulher aguentar a ‘barra’ do campo de futebol: a resistência física, as agressões frequentes... Tenho todas as condições de exercer a função [...] Nós mulheres somos obrigadas a enfrentar a falta de confiança no sexo feminino. No entanto, não me sinto frustrada.

Em nossa pesquisa, podemos perceber que o auge do futebol feminino no Brasil aconteceu mesmo nos anos 80 do século XX. E parece que as meninas do Guarani F. C., do Ísis Pop e, posteriormente, as do Radar seguiram o movimento das mulheres, mesmo sem conhecer a breve História do Movimento Feminista no Brasil ou saber como participar das discussões que até então estavam acontecendo sobre as “questões de gênero”. As jogadoras do Radar, equipe do Rio de

Janeiro, mais tarde, com os reforços vindo da extinta equipe Paulista,³² impulsionaram o futebol feminino e colecionaram títulos em torneios “nacionais” e “internacionais”. Durante a copa de 1982, esta equipe foi à Espanha e fez um amistoso contra um selecionado espanhol, saindo vencedora.

No mesmo Suplemento Semanal – Mulher citado, da *Folha de São Paulo*, que deu voz à *juíza de futebol*, foi publicada, uma semana depois, uma reportagem sobre o time do Radar: “*Boas de bola, com muita arte*” – era o título do referido artigo. A matéria defendia que a mulher praticante do futebol possuía competência técnica e tática para seu entendimento tanto quanto o homem. O Radar não era a única equipe a despontar no cenário esportivo nacional, mas é inegável a sua importância. Até 1987, não tínhamos, de fato, uma Seleção Brasileira de Futebol Feminino, no entanto o Radar participou de 71 jogos internacionais. (*Woman Soccer Federation Networks*, dez-jan-fev/1992/1993).

Como sabemos, porém, tanto vinha sendo enaltecida a prática do futebol feminino por uma parte da imprensa, como, por outra, havia um tratamento preconceituoso e machista. A Revista *Placar* publicou mais uma reportagem sobre o futebol feminino, colocando a seguinte manchete: “A bela [...] e as feras”. O texto referia-se à Atleta Bel, do Internacional de Porto Alegre, como a ‘bela’, trazendo uma foto sua (figura 9) com uma rosa na boca, sentada no gramado, vestida com um blusão do clube colorado e de biquíni. Na outra página, trazia a foto (figura 10) da jogadora Sara do Bangu, apresentada como a ‘fera’.³³ O texto iniciava-se desta maneira:

Ela balançou os quadris num movimento obrigatoriamente sensual para deslocar as duas adversárias à sua frente e fuzilou contra o gol do Internacional de Santa Maria. Depois com a mesma graça, deu um soco vitorioso no ar. ‘Mata o velho, mata’, gritou das gerais ‘seu’ Ambrósio, 60 anos, folclórico torcedor Colorado [...] Com medidas de Miss — 1,67 m de altura, 87 cm de busto, 62 cm de cintura, 93 de quadris e 58 de coxas — , não é por acaso que Bel se transformou na alegria da torcida... Com a mesma facilidade com que se livra das suas marcadoras, ao estilo do gremista Renato, costuma driblar os namorados: de 1981 para cá teve nada menos do que seis [...] E informa a quem possa interessar: ‘a primeira coisa que reparo no homem são as pernas [...]’. (*Placar*, 28/10/1983: 49)

³² As jogadoras da equipe paulista do Ísis Pop migraram para o Radar.

³³ “Coincidentemente”, a BELA é branca, e a FERA é negra.

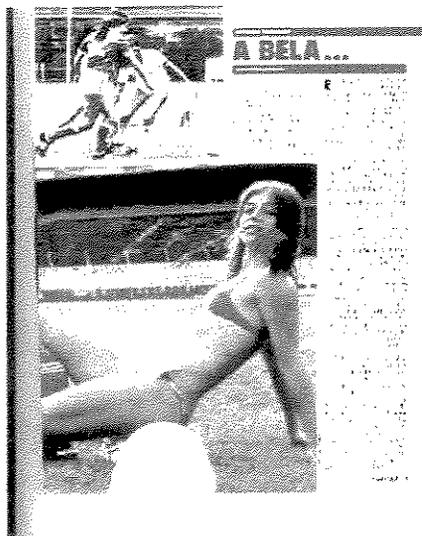


Figura 9 Fonte Revista Placar



Figura 10 Fonte Revista Placar.

Na segunda parte da reportagem, há um relato sobre o acontecimento de uma briga entre as jogadoras do Bangu e do clube Radar, tendo invasão de campo por dirigentes e seguranças do Bangu, porque se deixou de marcar um penalty a favor do *Bangu A. C.*, time de Castor de Andrade (pivô de toda a confusão). O articulista comentava que o árbitro foi perseguido, campo afora, recebendo socos e ponta-pés até de jogadoras do Bangu. E, nas palavras do jornalista, o texto continuava:

Sim, o futebol feminino pode ser jogado por belas, como a jovem cobrada das duas páginas anteriores, ou por feras — conforme aconteceu este mês, no Estádio de Moça Bonita, Rio de Janeiro, durante o jogo entre o Bangu e Radar [...] De repente começaram as cenas de selvageria, mostradas mais tarde na televisão [...] Na semana passada, Castor e suas perigosas meninas receberam uma suspensão preventiva de 30 dias [...] Resta torcer para que, no futuro, o futebol feminino tenha muitas belas, inspiradas na atraente estrela do Inter — e que as feras voltem às jaulas. (*Placar*, 28/10/1983: 50).

Observamos, no texto acima, uma diferenciação no tratamento que o jornalista faz entre a jogadora Bel e as jogadoras do Bangu. Há uma insistência deste tipo de reportagem, que tenta mostrar ao público leitor que, no futebol feminino, só há lugar para a mulher que cause suspiros ao público masculino não pelas jogadas de técnica e efeito, mas pelos traços atraentes e sensuais que

possa ter.³⁴

Durante o processo de realização da pesquisa junto aos periódicos, percebemos que houve mudanças no tratamento dado pela imprensa ao futebol feminino. No entanto, atualmente, a imprensa continua num caminho parecido. Podemos enumerar quatro proposições sobre como se constrói o discurso desta mídia frente à prática do futebol pelas mulheres: 1. Apresentam o aparecimento de uma novidade: “futebol de saias”; “mulheres jogando um bolão”; “Sai salto alto, entra chuteiras” etc.; 2. Mostra as habilidades da(s) protagonista(s), ao mesmo tempo comparando-as com o estilo masculino de jogar futebol (oscilando entre mostrar que a mulher pode praticar o futebol tanto quanto o homem e mostrar que sua prática ainda está longe da “perfeição masculina”); 3. Afirma que mesmo a mulher praticando o futebol, não perde sua “feminilidade”, pois, fora das “quatro linhas”, ela cuida de sua beleza e de suas “formas”, vencendo a “virilidade” do futebol, permanecendo “feminina” e mulher; 4. Mostram que a mulher encara o futebol não como profissão efetiva. Hoje em dia, este pensamento na imprensa não é mais hegemônico, pois o futebol feminino mundial já dá provas do que pode oferecer, sendo uma atividade esportiva, lúdica e de lazer como outra qualquer. No Brasil, contudo, sua prática aponta para dois campos, ou seja, como uma atividade semi-profissional ou como conteúdo do lazer.

2.5. Às vésperas do 3º milênio!

O futebol feminino, na última década do Século XX, foi absorvido pela mulher. Nos Estados Unidos, isto já é um fato desde os anos 50 e, na Europa Central, suas bases já estão consolidadas. No Brasil, o caminho aponta ainda para incertezas. Não podemos negar que, de certa maneira, o futebol feminino tomou um impulso em sua prática e apareceu de maneira mais efetiva na mídia esportiva nacional.

Em Janeiro de 1991, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) procurou as atletas com o objetivo de formar uma seleção nacional para participar do primeiro campeonato mundial de futebol feminino, que seria na China. Neste, tínhamos muito que aprender, ficando em nona colocação. O mesmo ocorreu no segundo mundial em 1995, na Suécia. No ano de 1987, no

³⁴ Na Revista *Placar* de 18 de nov-1983, aparece mais uma vez uma foto da jogadora Bel, do Internacional. A reportagem afirmava: “[...] A graça de Bel está saindo de campo [...] Já assinou contrato para estreiar brevemente como

entanto, as nossas atletas tinham se sagrado campeãs no Campeonato Sul-Americano, ocorrido no Brasil.

O futebol feminino foi incluído nos Jogos Olímpicos de Atlanta em 1996, e, com isso, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) delegou a uma empresa privada, a *Sport Promotion*, o poder de organizar a seleção para este evento. Houve uma preparação melhor, tendo o melhoramento técnico e físico como consequência deste trabalho. As jogadoras brasileiras conseguiram o quarto lugar em Atlanta. Foi um marco histórico. Mesmo tendo uma prática de futebol sem uma base clubística ou escolar, o futebol feminino seguiu e continua construindo sua própria história.

Em 1997, houve uma iniciativa da Rede Bandeirantes e da Federação Paulista de Futebol em organizar o Campeonato Cidade de São Paulo. Teve a participação de clubes tradicionais como o São Paulo F. C., S. E. Palmeiras e a Portuguesa de Desportos. Neste campeonato, a televisão programou e transmitiu os jogos ao vivo,³⁵ tendo, inclusive, a participação de jornalistas como narradoras desses jogos.

No ano de 1998, em preparação ao mundial que aconteceria um ano depois, ganhamos o Tri-campeonato Sul-Americano em Mar del Plata, na Argentina. Em 1999, na Copa do Mundo de Futebol Feminino, realizado nos Estados Unidos, o Brasil conseguiu sua maior marca nas páginas da sua História, quando conquistou o terceiro lugar. Nas Olimpíadas de 2000, em Sidney, o Brasil chegou nas semifinais, mas acabou ficando em quarto lugar. Esses acontecimentos esportivos deram visibilidade às mulheres, possibilitando mudanças que, de certa maneira, abalaram *pré-conceitos* sobre o seu papel social.

Por fim, como vimos, a prática do futebol pelas mulheres no Brasil desenvolveu-se paralelamente ao futebol masculino, possuindo, de certa forma, determinadas singularidades importantes. O futebol feminino foi, desde o seu início, estigmatizado pelas concepções dominantes da sociedade nacional e marcado, também, pelas diferenças de classe. A sociedade

modelo [...]”.

³⁵ É bom frisarmos que, neste evento, os horários e locais dos jogos televisionados, determinados pela organização do campeonato acordados com a rede de televisão patrocinadora, não receberam alterações. No futebol masculino, este feito até hoje não foi conseguido em nosso país, pois as “pressões” do mercado esportivo (mídia televisiva como exemplo) e dos dirigentes de clubes envolvidos com o futebol têm papel decisivo na mudança do calendário das competições que os mesmos organizam.

capitalista brasileira, que colocou a necessidade social do futebol — tornando a sua principal prática esportiva e de lazer —, foi a mesma que atribuiu funções diferenciadas nessa atividade para os gêneros masculino e feminino. O discurso geral sobre a corporalidade estigmatizava a prática do futebol pelas mulheres, o que significou uma expressão particular da opressão mais ampla sofrida pelo corpo e pelo espírito femininos.

Os seguidos avanços da industrialização brasileira, porém, foram colocando as condições sociais e culturais necessárias para que as mulheres resistissem, com relativo êxito, a essa discriminação de que foram, e ainda são, vítimas. Desde seu primeiro papel como espectadoras na primeira década do Século XX, passando pelos jogos beneficentes promovidos e protagonizados pelas aristocratas dos anos de 1920 e pelas partidas das meninas e mulheres operárias nos arrabaldes industriais, até chegar na disputa de duas semifinais Olímpicas — Atlanta (1996) e Sidney (2000) — e da Copa do Mundo — Estados Unidos —, o gênero feminino protagonizou lutas em diversas dimensões para garantir o seu direito de participar democrática e dignamente de um dos principais elementos da cultura e da identidade nacionais.

Dando prosseguimento ao estudo, no capítulo seguinte tentaremos desvendar a prática do futebol pelas mulheres numa de suas dimensões mais significativas, ou seja, como conteúdo do lazer, tendo como reflexão sua relação com os universos do lúdico. Utilizamos, para isso, a extinta Equipe de Futebol Feminino do Guarani F. C., da cidade de Campinas.

CAPÍTULO III

O FUTEBOL COMO UM CONTEÚDO DO LAZER: A EXTINTA EQUIPE DE FUTEBOL FEMININO DO GUARANI F.C.

Como vimos no Capítulo II, a prática do futebol pelas mulheres, no Brasil, foi de altos e baixos no que tange à sua perenidade. De jogos beneficentes e de exibição aos jogos com torneios e formações de selecionados, o futebol feminino sempre esteve e ainda está também associado com os aspectos do lazer. Este espaço de expressão de *Tempo e Atitude* se apresenta, até hoje, no universo futebolístico feminino, articulando valores, movimentos corporais, contemplações e papéis sociais de suas praticantes. Utilizamos a teoria do Lazer para nos auxiliar num melhor e efetivo entendimento sobre a prática das mulheres frente ao futebol.

Abordaremos, neste terceiro capítulo, o universo futebolístico de mulheres que praticaram o futebol numa época cheia de reordenamentos, que estavam acontecendo na sociedade brasileira. Enfocamos no primeiro grupo de mulheres, que participaram da equipe de futebol feminino do Guarani Futebol Clube, da cidade de Campinas. O período estudado compreende desde o início de suas atividades, no ano de 1983, até o término, no final do ano de 1984.⁴³

Antes de iniciarmos a análise, faremos uma breve retrospectiva acerca do Guarani Futebol Clube. Como sabemos, esta agremiação foi fundada em dois de abril de 1911 e tem, como sua maior conquista, ser o primeiro e único time do interior campeão brasileiro de futebol masculino. Este feito foi conquistado no ano de 1978, revelando jogadores, como Careca, Neto, Amoroso e outros, para os cenários esportivos nacional e internacional. Atualmente, o Guarani F. C. tem seu espaço assegurado na primeira divisão do campeonato brasileiro de futebol masculino (Série A-2003).

3.1. O Espaço do Lazer na cidade de Campinas na década de 80

A cidade de Campinas, nos primeiros anos da década de 80 do século passado, apresentou um quadro de mudanças. O desenvolvimento da região foi ampliado por vários fatores. A implementação de rodovias (Dom Pedro I), que ligaram várias regiões do Estado de São Paulo, fizeram com que houvesse um melhor escoamento e intercâmbio na produção industrial. Conforme Bastitoni Filho (1996), a cidade de Campinas teve um papel polarizador em decorrência de vários projetos industriais e comerciais, tornando-se, também, um importante referencial tecnológico e educacional, com a consolidação de centros de pesquisa e estudos como a UNICAMP e a

⁴³ No ano de 1991, foi retomada a prática do futebol feminino no clube social do Guarani F. C. Até a presente data, se faz presente suas atividades.

PUCCAMP. É, através deste espaço de desenvolvimento, que outras esferas da vida societal, no nosso exemplo, o campo do Lazer, obtiveram possibilidades de fomentar suas bases de desenvolvimento. No entanto, a magnitude da cidade de Campinas, ao mesmo tempo em que trouxe benesses para a população constitutiva, também abriu caminho para problemáticas que são atualmente enfrentadas pelo poder público. A cidade tornou-se, definitivamente, uma “vitrine” em âmbito nacional e, com isso, teve que se deparar com um crescimento populacional (advindo do êxodo de outras regiões do estado e do país) causador de um crescente déficit habitacional (formação de moradias precárias, sem saneamento básico e sem vias de acesso adequadas, etc.). Isso fez com que o universo do Lazer (espaço até então voltado para as elites da cidade) fosse invadido, tornando necessária uma implantação de políticas públicas voltadas para este campo.

Em decorrência disso, especulação imobiliária invadiu a esfera rural da cidade e os espaços públicos, exacerbando ainda mais esta problemática. Segundo Santos (2002: 25):

A década de 80 e começo dos anos 90 exacerbou ainda mais na cidade a estratégia de determinação heterônima de grandes obras públicas, em cuja órbita circulou o capital imobiliário local. Desenvolveu-se desse modo um mecanismo de transferência de renda de outros setores produtivos da sociedade para um restrito conjunto de proprietários imobiliários, sob a forma de valorização da terra, fazendo da cidade um lugar privilegiado de oportunidades de negócio para certas frações do Capital.

Ao tratarmos especificamente do lazer, que é o nosso ponto de saída para chegarmos à discussão do futebol como conteúdo deste, é necessário considerá-lo parte concreta de uma dinâmica societal, que interage com outras esferas do cotidiano. Bruhns (1997: 35) alerta-nos para o fato de que “[...] o lazer, como fenômeno estreitamente relacionado com o processo de urbanização, deve ser analisado, tendo como parâmetro sua inserção na análise da dinâmica cultural da sociedade moderna”.

Ao escolhermos o futebol feminino como campo de análise, buscamos identificar até que ponto os valores do lazer, nos aspectos individual e social, foram exercidos pelas mulheres que jogaram pelo Guarani Futebol Clube. Direccionamos nosso olhar para as experiências de tais jogadoras, buscando um possível entendimento de que tal prática tenha se direccionado para o campo do lazer e do lúdico. O “pedaço” futebolístico se tornou uma opção dessa experiência, mas também mesclada de aspectos valorativos do esporte. Conforme Bruhns (1997: 37-8):

Se considerarmos que grande parte da população em nosso país, quando faz opção por alguma atividade corporal, não busca alto rendimento, muito menos um profissionalismo, mas uma forma de se exercitar no tempo de lazer, algumas questões surgem como indagações para a educação física, área articuladora dos elementos jogo, esporte, dança e ginástica.

E nos parece que tais indagações podem trazer elementos para compreendermos o “momento futebolístico” das mulheres que compuseram a equipe competitiva de futebol do Guarani F. C., suas aspirações, seus interesses e sua afirmação no meio socio-lúdico-esportivo. Tratava-se de um universo social que, até então, não visualizava possível a relação futebol-mulher. Novamente utilizamos as palavras de Bruhns (1997: 48), quando a autora afirma que “[...] o futebol pode ser visualizado, dessa maneira, como um espaço sobre o qual se articulam os elementos que viabilizam a reconstrução da identidade para grupos que vivem a cidadania em condições desiguais”.

3.2. O Início do futebol feminino na terra de “Carlos Gomes”

O futebol feminino, na cidade de Campinas, tomou corpo no ano de 1983. Apareceram várias equipes no corrente ano, aproveitando o espaço favorável, aberto após o fim da proibição institucionalizada em âmbito nacional no ano de 1979. A mídia local, principalmente os jornais *Correio Popular* e *Diário do Povo*, cada qual à sua maneira, divulgaram inúmeras matérias a respeito da prática do futebol pelas mulheres. Diversas agremiações de futebol feminino foram formadas na cidade, como a ABRSSC (Associação Beneficente e Recreativa dos Sargentos e Sub-tenentes de Campinas), o Expressinho da Vila Nova, a da Singer, a da Tecnol, a da Papelaria Paulino, a dos Esportes Carioca, a da Sonata, a da Vila Marieta, a do Coringa, a dos Doces Campineiros, a da Mercedes Benz, a da Cidade Pontepretana (chamado de “Ponte Preta” pela mídia), a do Azes de Ouro, a do Parque Brasília, a da Ruf, a das Garotas da Vila Padre Anchieta, a das Meninas do Padre Manoel da Nóbrega, a do Robert Bosch e a equipe mais estruturada da época, Guarani Futebol Clube.

3.3. O futebol feminino no Bugre⁴⁴

A equipe do Guarani iniciou suas atividades no ano de 1983, alguns anos depois do Conselho Nacional de Desportos (CND) “liberar” a prática do futebol feminino em nosso país. Essa agremiação oferecia, para suas associadas, o futebol como uma atividade de lazer dentre outras ofertadas pelo clube.⁴⁵ A partir dessa prática, desenvolveu-se a idéia de organizar uma equipe de futebol para disputar jogos e torneios na cidade. No jornal *Correio Popular*, de 04 de setembro de 1983, afirmava-se que a idéia de compor uma equipe de futebol feminino no Guarani teria surgido no mês de abril do corrente ano, com o intuito de ser apenas um atrativo, um jogo preliminar da partida principal entre as equipes masculinas do Guarani Futebol Clube e Corinthians, a ser realizada no estádio Brinco de Ouro. Aconteceram alguns problemas, e a partida foi adiada para o jogo contra o Goiás. A partir disso, a equipe foi formada e a ela incorporadas jogadoras não associadas do clube. O grupo de mulheres não sócias tomou conta do “pedaço”, representando o Guarani nos jogos e torneios. Conforme depoimento da jogadora “A”,⁴⁶ o clube Guarani não oferecia condições adequadas para os treinamentos:

(...) Também sem estrutura, quer dizer... tinha o Guarani, nome, Guarani! Mas a diretoria não dava o apoio. Nós tínhamos que treinar durante a período da noite no campo de terra, raras vezes ele [o Guarani] emprestava o Brinco de Ouro para a gente... para um jogo, uma preliminar (...).

No que se refere ao apoio dado pela diretoria do clube, as entrevistadas relacionavam as mesmas dificuldades colocadas pela atleta “A”. No entanto, em reportagem intitulada “Um sucesso. São as garotas do Guarani”, o *Correio Popular* (04/09/1983) dava uma versão diferenciada, comentando que “[...] a organização do futebol feminino do Guarani segue os mesmos moldes da estrutura estável do próprio clube”. A mesma reportagem explicava que, desde o começo, o clube incentivava as meninas e publicava uma entrevista com o técnico delas, Ariovaldo. Este explicava que a equipe treinava uma vez por semana e “isso era o suficiente”. Talvez a discordância das meninas sobre esse assunto estivesse ligada ao fato de que, pra elas, treinar uma vez por semana era muito pouco.

⁴⁴ Denominação feita por seus torcedores e pela mídia em geral para designar o Guarani F. C.

⁴⁵ In: <http://www.guaranifutebolfeminino.hpg.ig.br/histórico.htm>

⁴⁶ Recolhemos depoimentos de 06 (seis) jogadoras que atuaram neste período (1983-1985). Optamos pela não divulgação dos nomes das mesmas, relacionando-as pelas letras A, B, C, D, E e F.

Quando perguntamos a respeito do sentimento maior que as levava à prática do futebol, responderam que jogavam por prazer. A jogadora “C” comentou: “Eu jogava futebol naquela época por amor... Nossa! minha paixão é futebol. Se eu pudesse, ficava 24 horas dentro de um campo de futebol, por vontade e não pelo dinheiro”. Um depoimento semelhante foi dado pela jogadora “E”: “Foi minha primeira experiência de verdade, jogando num time formado, e eu gostei. Foi maravilhosa a experiência. Eu não tinha uma visão do futuro em ser jogadora, era para minha satisfação”. Semelhante resposta aludiu a jogadora “A” : “Na época que eu vim para o Guarani, também foi por prazer mesmo...”. A jogadora “B” salientou a mesma opinião: “A gente jogava muito bem viu? A gente tinha na época... tinha boa... Quando o Guarani acabou, eu senti sabe? Não sei se existe, hoje, o Guarani ainda! Eu gostava, por prazer. Eu jogava por prazer mesmo. Eu tinha o maior prazer de jogar futebol”.

O primeiro torneio, no qual as jogadoras do *bugre* participaram, foi promovido pela ABRSSC. O jornal *Diário do Povo* publicava, assim, este evento: “Em clima de decisão, o 1º Campeonato de Futebol Feminino de Campinas, promovido pela Abrssc, vai saber esta tarde se Guarani ou Carioca vai enfrentar a Sonata ou a Abrssc”. (*Diário do Povo*, 07/08/1983) Dias após o periódico, o *Correio Popular* (16/08/1983) estampava uma manchete, comentando a vitória final do torneio pela equipe do Guarani: “Como vinha sendo esperado, o título do 1º Campeonato de Futebol Feminino de Campinas (...) ficou com o Guarani (...) Muito bem orientadas pelo técnico Ari (...)”. Diversas jogadoras participaram desta equipe, como: Mara, Lúcia Helena, Lurdes, Patrícia, Renata, Carla, Rosana, Diva, Eugênia, Paula, Tai, Ana, Sueli, Cláudia, Heloísa e Zélia. Jogadoras como Raquel, Lúcia e Fininha foram incorporadas à equipe depois, em torneios futuros. (Figura 11).



Figura 11. Essa é a primeira foto da equipe do Guarani. A foto foi tirada no 1º Torneio ABRESC.

O campeonato de futebol feminino mais expressivo, que aconteceu na cidade, foi promovido, no segundo semestre de 1983, pela Liga Campineira de futebol. O jornal *Diário do Povo* (01/11/1983) publicou uma reportagem, intitulada “As mulheres em Campo”. Esta matéria iniciava-se com os seguintes dizeres:

Vibração, muitos gols, beleza e uma grande disposição em mostrar que Campinas também pode se destacar no futebol com as mulheres. Tudo isto fez a festa de abertura do Campeonato de Futebol Feminino da Liga Campineira de Futebol (...).

O texto também tecia comentários a respeito do sucesso da primeira rodada e como o futebol feminino arrancava aplausos da torcida, que via, com simpatia, o esporte ser praticado pelas mulheres.⁴⁷ Mas nem tudo ocorria como o esperado. No jornal *Correio Popular*, do dia 08 de novembro de 1983, apareceu um comentário sobre problemas que estavam ocorrendo durante os jogos das meninas: alguns “engraçadinhos” dirigiam-se às jogadoras através de gracejos inconvenientes, perturbando o andamento das partidas. Segundo o jornal, as garotas pediam a presença de policiamento no local das partidas. Quando indagamos sobre a questão da existência ou não de preconceitos, a jogadora “A” declarou que:

⁴⁷ É bom frisarmos todo o período pesquisado: agosto de 1983 a agosto de 1984 –(*Diário do Povo*); agosto de 1983 a janeiro de 1984 (*Correio Popular*). Nestes dois jornais, todas as reportagens apoiaram a prática do futebol pelas mulheres. Isso nos remete ao semelhante posicionamento do *Jornal dos Sports*, no ano de 1940, na cidade do Rio de Janeiro.

(...) Era até interessante quando fazíamos um gol... então, tinham os elogios: gostosa! Mas quando você fazia uma jogada errada... vai pra cozinha! vai lavar a roupa! Vai ficar com o seu marido! Existe também os xingamentos no futebol masculino, mas não neste sentido.

A jogadora “F” também colocou sua opinião, declarando que:

(...) Sempre teve (...) Inclusive, por mais que a mente humana tá um pouco mais aberta (...) ela ainda tem esse preconceito. Nós sofremos muito preconceito, muito xingamento, muitas ofensas. Era mais da torcida. Vinha mais dos homens. Eles (os homens) não aceitam. O homem acha que a mulher não tem nada que se meter no lugar deles, né (...) E não é bem por aí. Acho que há uma igualdade de função, é lógico, mas eles não aceitavam não (...).

As declarações da jogadora “D” também demonstraram esse mesmo aspecto, no entanto, esta acrescentou um novo elemento, ou seja, o preconceito de outras mulheres:

(...) Muito preconceito... No começo, a gente entrava no campo, o pessoal xingava, chamava de “sapatão”, de “vagabunda”, de tudo o que se possa imaginar: “Vai lavar a roupa”, essas coisas assim. Então, o preconceito era grande, depois é que passou a ter um respeito maior. Muitas mulheres tinham também preconceito, pois quando você falava que jogava futebol, muitas te olhavam “torto” e achavam que você era “sapatão” (...) Era batata! Como todo ambiente tinha o homossexualismo, mas (...) A opção sexual de cada um tem que ser respeitada. A vida particular de cada um, ninguém tem nada com isso (...).

Este aspecto talvez tenha sido o ponto mais debatido por nossas entrevistadas. E não era por menos, pois as aspirações e atitudes, tomadas por essas mulheres, tinham olhares do “universo público”. O “pedaço” não se restringia aos aspectos físicos, ampliava-se aos da luta e barganha pelo espaço até então reservado, quase que exclusivamente, aos homens. E as jogadoras passaram do prazer de estar jogando para o desafio de permanecer praticando.

O espaço do jogo e do lúdico, no futebol feminino do Guarani, é invadido também pela competitividade. E os dois periódicos de Campinas enfatizam o aspecto do confronto. Várias reportagens, em ambos os jornais, dedicam-se ao confronto das equipes do Guarani e da Cidade Pontepretana (Ponte Preta), chamando o “duelo” de “derbi feminino”. Uma dessas reportagens colocava que “[...] sem dúvida, será um belo espetáculo que os campineiros poderão ver pela primeira vez na história do futebol campineiro”. (*Diário do Povo*, 04/12/1983) O Guarani venceu por 2 x 0 a partida realizada no estádio da Ponte Preta, como preliminar do jogo que decidiu o

campeonato amador da cidade. Segundo o jornal *Correio Popular* (06/12/1983), “a partida era muito importante e cercada de grande expectativa (...) E o público que aguardava com interesse não ficou desapontado”. Como vimos, o apoio pela imprensa continuava irrestrito, no entanto os interesses e aspirações das mulheres, que compunham o time do futebol feminino do Guarani, pertenciam, ou se faziam pertencer, a outras esferas além da que lhes era designada socialmente.

E não tardou para acontecer outro “derbi”,⁴⁸ aos moldes futebolísticos da tradição: as duas equipes confrontaram-se novamente, fazendo a final do 1º Campeonato de Futebol Feminino da cidade, promovido pela Liga Campineira. O jornal *Diário do Povo* (14/12/1983) apresentou a partida, afirmando que “[...] o grande sonho do público campineiro em ver um ‘derbi’ na decisão do futebol de Campinas tornou-se realidade”.⁴⁹ O jogo entre as equipes de futebol feminino das duas agremiações foi um duelo inexistente até então na cidade. Tinha havido vários “derbis”, mas só este decidiria um primeiro lugar, tendo o ganhador a premiação da “eficiência máxima” futebolística no campo feminino da época. No entanto, o que se viu no dia do jogo foi uma confusão aos moldes do futebol masculino. O jornal *Correio Popular* (20/12/1983) estampou a manchete: “Confusão. E o derbi feminino da decisão não chega ao final”. Alegando que foi prejudicada pela arbitragem, a equipe da Cidade Pontepretana (Ponte Preta), que estava ganhando por 1 x 0, interrompeu o jogo, com a invasão de campo de seus dirigentes e torcedores, logo que o Guarani empatou a partida. Estes reclamaram do gol de empate do adversário, alegando que o “bandeirinha” teria levantado sinal marcando uma falta feita por uma jogadora bugrina,⁵⁰ exigindo, assim, que o lance deveria ser paralisado pelo árbitro, não dando, portanto, a lei da vantagem. O árbitro encerrou a partida aos 20 minutos da segunda etapa. O mesmo colocou suas observações sobre o ocorrido em seu relatório e entregou-o à direção da Liga, para que esta tomasse as providências. Essa confusão não acabou em pouco tempo. Houve várias reuniões para que

⁴⁸ O termo “Derbi” é utilizado na cidade de Campinas para designar o confronto entre as equipes masculinas de futebol da Ponte Preta e do Guarani. Esse termo foi também apropriado pela mídia para referir-se ao confronto das equipes femininas.

⁴⁹ No dia 18 de dezembro, dia do jogo, a manchete desse mesmo jornal foi: “No São Bernardo (praça de esportes da cidade), a graça do derbi feminino”.

⁵⁰ A Rede Globo noticiou o fato com imagens no Programa Jornal Regional 1ª. Edição, Campinas.

tivessem um veredicto final.⁵¹ No dia 18 de janeiro, na sede da Liga Campineira de Futebol, a equipe de futebol feminino do Guarani foi proclamada campeã.⁵²

O ano de 1984 prometia ser o momento de implantação definitiva do futebol feminino de Campinas e, conseqüentemente, o ano de afirmação da equipe do Guarani no cenário paulista e nacional. O clube, que já realizava “peneiras” entre as meninas que procuravam participar da equipe, intensificou esta prática. Promoveu mudanças na comissão, tendo, como técnico, “Fefeco” e, depois, Aírton. Através de “patrocínio” de uma firma, chamada “Tecnol”, ficou entusiasmado com a possibilidade de participar, efetivamente, do 1º Campeonato Paulista de Futebol Feminino, realizando, na fase preparatória, vários amistosos.⁵³ A diretoria do clube acertou um jogo na cidade de Serra Negra, recebendo, como prêmio de participação, o valor, na época, de 200 mil cruzeiros. (*Diário do Povo*, 15/04/1983) O jogo teve uma “causa beneficente”.⁵⁴

Em entrevista concedida, a jogadora “A” relatou-nos o fato de que uma ex-jogadora de nome Mara, goleira titular da equipe do Guarani, “patrocinava”, do próprio bolso, a equipe, assegurando o transporte, o lanche etc.:

(...) Nós tínhamos um diretor, que era o Romeu, e tinha a Mara, que era nossa goleira. A Mara ajudou muito. Ela tinha uma situação financeira melhor do que todas (...) “Então, olha! A gente precisa ir pra Serra Negra”. Ela alugava o ônibus, ela pagava, ela dava o lanche, entendeu? (...).

Mesmo com todas essas dificuldades, as meninas do Guarani participaram de torneios, jogos amistosos, beneficentes, quadrangulares com transmissão pela Tv,⁵⁵ demonstrando que o futebol também era espaço feminino de expressão lúdica e de auto-afirmação de valores e atitudes contrários aos preceitos da época. Lutavam para que essa atividade de lazer se tornasse um considerável instrumento para a ocorrência disso. Contudo, não eram todos que partilhavam desse entusiasmo. E havia “fumaça” no ar. O jornal *Diário do Povo* (27/05/1984) publicou uma matéria

⁵¹ O *Correio Popular* divulgou notas sobre esses encontros nos dias 22 e 29 de dezembro de 1983 e nos dias 04, 06, 11, 13 e 18 de janeiro de 1984.

⁵² O *Correio Popular* do dia 20 e o *Diário do Povo* do dia 28 de janeiro publicaram a decisão da liga.

⁵³ O time de futebol feminino do Guarani chegou à segunda fase deste campeonato. Nesse mesmo ano, ficou com o vice-campeonato do interior, sendo apenas superado pela equipe do XV de Piracicaba.

⁵⁴ Este quadro nos remete às experiências das “mulheres” do ano de 1913, relatado anteriormente no capítulo I. Por uma causa “altruística”, as mulheres praticam o futebol.

a respeito da estréia da equipe no campeonato paulista de futebol feminino, começando o texto da seguinte maneira: “O futebol feminino do Guarani começa hoje uma nova fase, que pode solidificar a equipe ou simplesmente enfraquecê-la perante os outros departamentos do clube”. Na continuação do texto, o periódico comentava sobre os adversários que as meninas do Guarani iriam enfrentar etc.. Por essa passagem, podemos ser induzidos para o fato de que havia, dentro do próprio clube, uma certa resistência ao time de futebol feminino. Segundo as entrevistadas, havia mesmo um certo desconforto. A jogadora “C” afirmou o seguinte: “(...) Eu acho que foi muita política, muita coisa errada, aí as meninas foram desanimando né! (...)”. A jogadora “D” foi mais além dessas declarações, comentando que:

[...] Tinha muita oposição no clube, eles faziam de tudo para difamar a gente, para acabar com o futebol feminino, porque o futebol feminino começou aparecer bastante. Começou uma intriga. Na minha cabeça, esta intriga foi trabalhada por algumas pessoas entre as meninas e acabou com as meninas se desentendendo. Meninas que se entendiam tão bem! Iam super bem e acabou o time. Puro interesse do próprio clube e do próprio machismo de quem era contra o futebol feminino. E as meninas entraram de “gaiatas” nessa, começaram a se desentender por uma “jogada”. Na minha opinião, foi isso que aconteceu. Pois todo mundo ali adorava o futebol, adorava estar ali [...].

Nosso interesse não foi apontar possíveis pessoas ou dirigentes que levaram a equipe de futebol feminino do Guarani ao fim no ano de 1984, apenas demonstrar as dificuldades enfrentadas por quem fazia acontecer esta prática. O objetivo maior foi destacar, através desses breves depoimentos, o olhar de mulheres que eram, de alguma maneira, participantes efetivas do futebol feminino de Campinas nos anos de 1983 a 1985, compreendendo cada qual, do seu modo, que se tratava de um momento de inserção delas no universo futebolístico e que isto representava uma inter-relação com o mundo societal.

No quarto capítulo, procuramos dialogar com os conceitos que perfazem a teoria do gênero e a “questão da mulher” no espaço “hegemônico” (o futebol), até então, reservado aos homens.

⁵⁵ Com promoção da Rede Bandeirantes, em seu programa “Show de Esporte” foi realizado um quadrangular de futebol feminino entre as equipes do Guarani, Ponte Preta, Santos e Juventus, no dia 16 de Junho de 1984, conforme dados retirados do jornal *Diário do Povo* (16/06/1984).

CAPÍTULO IV

O FUTEBOL COMO ÁREA RESERVADA MASCULINA

“As mulheres possuem uma única tarefa, ou seja, o papel de coroar o vencedor com coroa de flores como era seu papel na Grécia Antiga” (Pierre de Coubertin. In: Romero, 1994: 227).

Iniciaremos este texto, partindo da epígrafe de autoria do idealizador dos Jogos Olímpicos Modernos, no intuito de facilitar a nossa compreensão sobre o significado dos fundamentos sociais na identidade masculina e suas transformações no Esporte.⁵⁶ Entretanto, discutiremos, inicialmente, a perspectiva das relações de gênero,⁵⁷ pois acreditamos que, dessa maneira, favoreceremos a discussão dos aspectos sociais ligados à masculinidade e feminilidade no cenário futebolístico. Conforme Anderson apud Louro (1995), o gênero é uma categoria social, da mesma forma que classe e raça. Ele interfere diretamente na vida cotidiana de homens e mulheres, estabelecendo oportunidades sociais e padrões diferenciados de relacionamento entre as pessoas; são categorias relacionais que integram as identidades sociais.

Há um enorme investimento da sociedade para que os sujeitos sejam ou comportem-se desta ou daquela forma, que gostem de determinadas coisas, em função do seu sexo. Segundo Backx (1993: 121):

A socialização é um instrumento privilegiado de transmissão de valores hierarquizadores/hierarquizados. É o processo pelo qual um indivíduo aprende a adaptar-se ao grupo pela aquisição de um comportamento socialmente aprovado por esse mesmo grupo; isto é, trata-se da aprendizagem de normas e comportamentos sociais de um grupo determinado espacial, social e historicamente.

A necessidade de analisarmos o futebol como área exclusivamente masculina, portanto, parte do princípio de como se processa a construção dos papéis sociais colocados para a mulher, relacionando-a com o espaço de exclusão/inclusão no universo futebolístico. Dunning (1992: 389) coloca-nos que a Sociologia ainda não “acordou” para o fato de que “[...] As transformações das

⁵⁶ Nossa referência, a partir de agora, é o esporte Futebol como uma área exclusiva masculina.

⁵⁷ Conforme Soihet (1997: 101) [...] “o gênero sublinha o aspecto relacional entre homens e mulheres, ou seja, nenhuma compreensão de qualquer um dos dois pode existir através de um estudo que os considere totalmente em separado”.

relações entre os sexos constitui uma das questões sociais mais importantes de nosso tempo”. De fato, abordagens sociológica, psicológica, antropológica etc., almejadas por nós, necessitam tomar, como referência, a existência de um domínio masculino hegemônico na sociedade e no futebol. O equilíbrio de poder entre os sexos, como Dunning afirma, “[...] constitui uma ‘estrutura profunda’, no seio da qual se produzem e conservam as ideologias e valores que orientam as relações entre os sexos”.⁵⁸ Completando tal afirmação, o autor, acima referido, coloca-nos que este equilíbrio irá variar a favor dos homens, de acordo com o grau em que estes dispõem, em relação às mulheres, de mais hipóteses de ações unificadas, e sempre que os homens monopolizam o acesso e o controle das principais determinantes das oportunidades sociais, em especial, na economia e no Estado. (Dunning, 1992: 392)

Tais afirmações remetem-nos à necessidade de abordarmos a relação de gênero, preocupando-nos em (re)definir a condição e o lugar da mulher na vida social e esportiva. Sendo esse espaço exclusivo de afirmação da masculinidade, o futebol aparece como uma reserva particular deste. Portanto, não é surpreendente que os homens geralmente tenham a tendência a se oporem às tentativas das mulheres em participar ativamente de tais espaços. (Dunning e Maguirre, 1997) Com as transformações do mundo societal no Século XX, ocorridas no trabalho e na família, reordenando e conflitando os espaços público *versus* privado, bem como os trabalhos doméstico *versus* fabril e de serviços, deu-se um novo impacto nas relações entre o Ser masculino e o Ser feminino.⁵⁹ Segundo Bassanezi (1996: 13):

As transformações como o aumento da participação das mulheres de classe média no mercado de trabalho, o desenvolvimento capitalista e urbano, o surgimento da pílula anticoncepcional, as influências estrangeiras, a rebeldia de alguns e as novas propostas para os relacionamentos homem-mulher interferiram na condição feminina, nas idéias correntes de feminilidade e de masculinidade, nos valores morais, possibilitaram o surgimento de definições alternativas às versões dominantes e mexeram com as relações homem-mulher.

Como vimos, a relação homem-mulher, bem como as “fronteiras” simbólicas,

⁵⁸ O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações. (Elias e Dunning, 1992: 391).

⁵⁹ Lembramos que há uma base teórica na academia, tanto brasileira como internacional, sobre os conceitos e entendimentos do que é ser *masculino e feminino*, ultrapassando os limites da definição tradicional e a-histórica biologicista.

modificaram. Nas palavras de Marson (1995/1996: 69):

A questão da desestabilização das fronteiras simbólicas entre os sexos e a busca de construção de novas identidades sexuais por homens e mulheres é pertinente de análise para o entendimento das alterações nos padrões de masculinidade e feminilidade vigentes.

Os lugares tradicionais destinados às mulheres, como o espaço doméstico, a mulher como símbolo da regeneração moral e educacional da nação, foram solapados por tais acontecimentos, que reordenou uma nova constituição da esfera pública e privada.

4.1. O Corpo na esfera Pública e Privada

Conforme Rago (1995/1996) o crescimento urbano-industrial, a modernização das cidades, assim como os ideais democráticos de constituição do indivíduo promoveram uma acentuada preocupação com o corpo. Segundo ela, a aparência pessoal, a estética e a subjetividade passaram a ocupar o centro da cena, à medida mesmo em que emergiram novas formas de sociabilidade no mundo público. As mulheres tentavam, em suas lutas pela inserção no mundo público, uma estética corporal diferente da habitual. Para a mulher, houve a necessidade de defender um posicionamento contrário às práticas e discursos que limitavam, disciplinavam e separavam as experiências corporais masculinas e femininas. (Schpun, 2001)

Os anos 20 do Século XX sofreram processos de transformações que englobaram todas as esferas da cena urbana. A moda, que permanecia em um círculo privado de refinamento e ostentação, sofreu modificações, entrando no cenário público, nas ruas, nos arrabaldes da cidade e mesmo nos grandes círculos dos clubes. Nesta década, a mulher (da elite) conseguiu sua inserção nos grandes acontecimentos sociais esportivos da época. No Brasil, é nesta época que as evidências apontam para uma liberação crescente da prática esportiva feminina: maior mobilidade da mulher no campo esportivo, diminuição das restrições à prática de esportes, considerados masculinos, diminuição do controle da família e do contexto micro-social sobre a escolha esportiva, (Mourão, 1998).

No entanto, o papel, destinado à mulher esportiva, era ditado pelas normas sociais, restringindo o espaço corporal, definindo a estética a ser seguida pela esportista que, até então, era a “nova mulher” dos tempos modernos. Com o título *“A moda no sport ou o sport na moda”*, a

Revista *Sport Illustrado*, do ano de 1938, publicava: “[...] As *bellas* figurinhas que, se dedicando ao *sports*, procuram *alliar* a liberdade de movimentos dos trajés *sportivos*, aos jamais esquecidos caprichos da moda, o que prova que, mesmo *sportista*, não esquece a Mulher o encanto do seu sexo”. (Revista *Sport Illustrado*, 1938)

Como vimos na passagem acima, a prática esportiva feminina estava ligada ao critério da beleza das formas, da sutileza dos movimentos, da graça e de uma moda que correspondesse a uma estética compatível, dada pelas normas e valores sociais. Segundo Schpun (2001), a cultura dos corpos femininos, nesta época, passa sempre por este critério de beleza: a exibição cada vez mais freqüente dos corpos das mulheres exige uma disciplina física civilizadora, no sentido de assegurar que essa visibilidade mais marcada siga códigos sociais de elaboração e gestão da apresentação e do comportamento corporal.

No campo físico-esportivo brasileiro, é possível perceber que, nesta época, a participação das mulheres recebeu, na Educação Física, seja escolar, clubística etc., um tratamento que normatizava uma estética feminina compatível com o papel até então designados para o público feminino, que favorecessem o desenvolvimento dos órgãos responsáveis pela reprodução, a fim de alcançar uma maternidade segura e saudável.

A mulher vai conquistando seu espaço no mundo público e no mundo privado, alargando a sua participação, antes exclusiva do cenário masculino. Segundo Arantes (1993: 1):

[...] para a mulher participar da esfera do lazer (em especial, no esporte e em atividades que implicam o uso de espaços e equipamentos públicos) significa frequentemente desafiar expectativas de comportamentos (e de desempenho) que são fortemente referidas a definições estereotipadas de masculinidade.

As questões da subjetividade, da sexualidade, das linguagens corporais e do mundo público e privado ganharam visibilidade maior a partir das lutas das mulheres pela sua inclusão nos cenários político-cultural-social-econômico e esportivo, outrora masculinos.

O processo de inserção e crescente participação da mulher nos diversos campos da sociedade,⁶⁰ portanto, trouxeram elementos para esta afirmação. Precisamos, no entanto, buscar

⁶⁰ Antes, é importante percebermos que há diferenças entre os problemas enfrentados pelas mulheres. Segundo Carson (1995: 190), “as mulheres compartilham uma condição social opressora (...) Entretanto a opressão vivenciada por cada

outros elementos explicativos que demonstrem o desenvolvimento e o grau de inserção da mulher no que tange ao campo esportivo, no cenário futebolístico.

4.2. O Futebol como Área Exclusiva Masculina

Essa afirmação de Dunning e Maguirre (1997: 325), que utilizo no subtítulo, refere-se ao momento em que as mudanças sócio-econômicas e familiares corroeram as bases tradicionais da identidade e dos privilégios dos homens, o esporte tornou-se uma expressão cultural cada vez mais importante dos valores masculinos tradicionais, e o esporte organizado transformou-se na principal experiência de validação da masculinidade.

Nas palavras de Pociello (1995: 119), “[...] os esportes coletivos representam os últimos reservatórios das virtudes viris, das forças camponesas ou das qualidades operárias que as culturas masculinas defendem, com unhas e dentes”. Os esportes de contato (como o futebol, basquetebol, handebol, futebol americano, rugby etc.), que consistiam numa área exclusiva dos homens, estavam ligados totalmente ao ideal masculino, de ser arrogante e fisicamente forte, contrapondo-se ao ideal feminino, representando como tímido, frágil e dependente, (Norbert e Dunning, 1997: 398). Conforme enfatizamos, a diminuição das restrições à prática de modalidades esportivas masculinas pelas mulheres esteve presente no transcorrer de suas lutas. No entanto, não podemos afirmar que os movimentos originados por estas, de uma maneira geral, tanto nacional como internacionalmente, preocuparam-se em obter reivindicações de inclusão do Ser feminino no âmbito esportivo. Pelo contrário, segundo Mourão (1998: 21):

[...] na escassa literatura que retrata a história do esporte da mulher brasileira não se encontram fatos que possam nos remeter a movimentos de resistência feminina ou presença ativa de feministas em movimentos esportivos no Brasil.

Para entendermos como se deu essa resistência, podemos averiguar que, na Inglaterra, berço do futebol, o movimento sufragista, que reivindicava o direito de voto das mulheres, tomavam o futebol como espécie de símbolo do chauvinismo masculino. (Norbert e Dunning, 1997: 342). Segundo Murray (2000), o entusiasmo pelo futebol nos anos pós-guerra da Inglaterra

mulher manifesta variações e importantes diferenças relacionadas à classe social que ela pertence, ao lugar que ocupa na estrutura desigual de oportunidades”.

estendeu-se às mulheres, no entanto, a Liga de futebol deste país proibiu a sua prática, sem levar em consideração a quantidade de mulheres que o praticavam de maneira regular.⁶¹

Conforme Pociello (1995: 120), os esportes coletivos (em nosso caso, o futebol) são os últimos lugares onde os valores masculinos podem ainda ser investidos de forma pública, legítima e sem vergonha, ou seja, foi o espaço social que sobrou para os homens referenciar sua masculinidade. Devemos considerar, também, que esta exclusão não ocorre apenas com mulheres, mas também se estende a muitos grupos masculinos dominados e excluídos, embora as mulheres tendam, evidentemente, a estar duplamente ou triplamente⁶² em desvantagem. (Dunning e Maguirre, 1997: 345)

Reis (1998: 46) também explica-nos que os esportes modernos foram construídos culturalmente para os homens. O que significa dizer que: “[...] Assim como em todos os ramos sociais, também nos esportes a mulher teve que conquistar sua participação e ganhar o seu reconhecimento”.

Salientamos que a determinação e a manutenção dos papéis sexuais no campo futebolístico são determinados pelo contexto sócio-cultural, no caso, o brasileiro, e apontamos para o fato de sua formação acontecer no seio familiar e na escola, instituições deveras responsáveis pela construção de tais papéis. É o que discutiremos no próximo subtítulo.

4.3. Bola para os meninos! Boneca para as meninas!

De acordo com Romero (1994: 226), “As diferentes culturas esperam que homens e mulheres tenham papéis e comportamentos distintos na sociedade”. No universo familiar, de uma maneira geral, espera-se que os meninos e as meninas já tenham seu caminho traçado por comportamentos diferenciados. Aos menino, presenteia-se com carrinhos de brinquedo e bola de futebol. À menina, oferece-se boneca. Com isso, vai se determinando uma ideologia sexista, distinguindo “brinquedo de menino” e “brinquedo de menina”.

⁶¹ A história oficial da F.A. (Football Association, liga inglesa), publicada em 1953, afirmava orgulhosamente que a associação permanecia inflexível em relação à violência, ao *futebol feminino* e ao poder corruptor do dinheiro. (Murray, 2000: 32, 70, 71 e 72).

O desenvolvimento motor da criança necessita de estímulos variados e, quando determinamos toda a esfera espaço-temporal e sensório-motor desta criança, podemos estar limitando seu leque de referência de escolhas diversas no mundo no qual vive. A escola não se diferencia muito do ambiente familiar no que tange a tais papéis esperados em relação ao gênero. Segundo Romero (1994: 226) “[...] Na escola, as expectativas, opiniões, percepções e mesmo as impressões que os professores têm a respeito dos alunos também contribuem para trazer efeitos futuros sobre suas vidas”.

Como sabemos, de uma maneira geral no Brasil, as meninas têm seu primeiro contato com a prática do futebol no início da puberdade, diferentemente dos meninos, que já vivenciam os “primeiros chutes” antes da fase escolar. Abreu (1995: 171) afirma que “[...] as experiências motoras adquiridas antes e durante a fase escolar e na vida fora da escola são fatores que podem possibilitar o sucesso, e conseqüentemente maior desinibição dos meninos [...]”. Os estereótipos sexuais são solidificados durante o contato social, e a adolescência é um período chave no processo de sociabilização da mulher no esporte e nas atividades físicas, mas é, também, o período em que os conceitos de ser mulher e de feminilidade são estabelecidos. Esses fatores têm um grande impacto na configuração do comportamento futuro e no interesse da mulher pelo esporte e pelas atividades físicas como formas de lazer (Myotim, 1995: 178).

Nosso entendimento leva-nos a considerar que os comportamentos esportivo-motores esperados nos meninos e nas meninas sejam diferenciados: independência, competição e dominação nos primeiros e dependência, sensibilidade e afetuosidade nas segundas. A vinculação exclusiva do futebol à figura masculina é reforçado, como vimos, no ambiente familiar e escolar. Segundo Dunning e Maguirre (1997: 345), “[...] O esporte representa para uma maioria de homens o principal local de ensino, de preservação e de expressão pública das normas tradicionais de masculinidade”. Estes autores concluem que “[...] No nível sociológico, portanto, não é surpreendente que os homens tenham geralmente a tendência a se opor às tentativas das mulheres em participar ativamente de esportes que eles consideravam como uma reserva particular”. Dunning e Maguirre (1997: 343)

⁶² Dunning e Maguirre referem-se à questão da tripla desvantagem, pois a mulher é, ao mesmo tempo, atleta, esposa e mãe, vivendo um dilema de conflitos, no qual procura dar conta de tudo, sem ter o tempo necessário para os afazeres domésticos e os papéis de companheira e de mãe.

Esta vinculação exclusiva permite, no entanto, um espaço de participação das mulheres no futebol, mas com um papel de relevância secundária: as mulheres no papel de coadjuvante, a mãe que lava os uniformes, a irmã que limpa as chuteiras, a namorada que prepara e serve as bebidas etc. Para Souza (1996: 137):

Às mulheres resta o papel de auxiliares dos homens no futebol, torcendo em função de laços sociais próximos (com homens) e gerando condições favoráveis para que estes homens desfrutem do futebol. A mulher geralmente acompanha o futebol em função de que os homens próximos (marido, pai, irmão, amante, namorado, primo etc.) o fazem.

Atualmente, a presença da mulher no meio futebolístico ganhou dimensões diferentes das últimas duas décadas, e isso ocorreu no mundo todo. Nos países europeus, sua prática vem se intensificando cada vez mais. A consolidação de ligas européias femininas de futebol, bem como o aumento do interesse pela mídia de eventos, torneios e pelo campeonato mundial de futebol feminino, tornaram-se evidentes, solidificando, assim, a afirmação de que o papel reservado para a mulher no cenário futebolístico está presente de maneira inevitável, como dimensão lúdico-esportiva e como um campo a ser explorado pelo mercado de entretenimento.⁶³

No quadro nacional brasileiro, estas dimensões ainda não estão presentes. Como vimos, o nosso futebol feminino não obteve ainda uma perenidade precisa e verdadeira. Altos e baixos, lapsos de presença nas décadas de 1920, 1940 (as mulheres do subúrbio carioca), 1960 (presença das vedetes, realizando um “tipo” de futebol exibição) e 1980, quando ocorre o término oficial da proibição da prática do futebol feminino oficialmente – este foi o percurso do futebol praticado pelas brasileiras. Nos anos 90 do Século XX, o futebol feminino tenta se firmar, tendo amparo da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que, até então, não via, com bons olhos, sua prática, aparecendo, como exemplo, no cenário futebolístico mundial das Olimpíadas (Atlanta, 1996 e Sidney, 2000) e dos Campeonatos Mundiais de Futebol Feminino (Suécia, 1995 e Estados Unidos 1999 e 2003).

⁶³ É bom lembrarmos que se abriu uma possibilidade de crise no futebol feminino mundial pelo motivo do anúncio da falência da WUSA (Liga de Futebol Feminino profissional dos Estados Unidos da América), tendo como causa o fracasso do retorno financeiro feito pelos investidores no futebol feminino neste país. Este acontecimento ocorreu nas vésperas do início do Campeonato Mundial de Futebol Feminino de 2003, com sede nos Estados Unidos da América. As melhores atletas de vários países jogavam nesta liga. Até a presente data de nosso trabalho, são incertos o futuro desta Liga e o destino dessas jogadoras.

No atual quadro, pairam incertezas no que se refere à sua continuidade como uma prática esportiva profissional, tanto no cenário nacional, como internacional. No entanto, a sua prática passa a ter contornos definidos, ainda não necessariamente profissionais, demonstrando que o seu desenvolvimento ganha uma esfera de participação efetiva da mulher, solidificando-se cada vez mais.

4.4. Futebol é jogo de mulher! Na terra de Jordan!

Diferentemente da Inglaterra e do Brasil, nos Estados Unidos o futebol se tornou uma *área reservada feminina*. Poderíamos afirmar que, com isso, caem “ladeira abaixo” todas as colocações anteriores deste texto, que definiu o papel de subordinação das mulheres no futebol? E de que a sociedade do Mickey Mouse, de Hollywood, de Jordan, de Malcon X, de Elvis, do Jazz e de Mia Hamm é o berço da igualdade entre o ser masculino e o ser feminino? Conforme já sabemos, o movimento feminista nos Estados Unidos teve e tem andado a passos largos, geralmente sintonizados com os grandes movimentos ocorridos no Século XX, como o direito ao voto e ao aborto pelas mulheres, a igualdade de direitos civis pelos negros na América, o alargamento dos direitos das “minorias” (homossexuais, imigrantes, povos indígenas etc.), e a contra-cultura, movimento este engendrado na metade dos anos sessenta. E diferentemente de países como o Brasil, nos Estados Unidos e na Europa houve movimentos de mulheres no sentido de desmistificar a idéia da fraqueza feminina e de incompatibilidade de exercícios físicos com a reprodução, que contribuíram à prática de atividades físico-esportivas. (Mourão, 1998).⁶⁴

O futebol feminino em solo americano está se solidificado no ambiente universitário, como a maioria dos esportes praticados naquele país. Este chega a números de fazer inveja a qualquer outro esporte,⁶⁵ e sua aceitação, perante o público jovem, já causou atenção pela mídia americana. Depois de ganhar a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Atlanta de 1996, a Copa do Mundo de 1999 nos Estados Unidos, a medalha de prata nos jogos de Sidney em 2000 e na Copa do Mundo de 2003, o futebol feminino – o *soccer* como eles dizem – elevou-se ao nível profissional.

⁶⁴ Segundo esta autora, “[...] Na escassa literatura que retrata a história do esporte da mulher brasileira não se encontram fatos que possam nos remeter a movimentos de resistência feminina ou presença ativa de feministas em movimentos esportivos no Brasil” (Mourão, 1998: 20).

⁶⁵ A precisão deste número diverge entre as fontes. No entanto, estima-se em milhões de mulheres praticantes.

A criação, no primeiro semestre de 2001, da *WUSA* (Liga Profissional de Futebol Feminino) foi o ponto alto de seu desenvolvimento. Equipes bem elaboradas, distribuídas em oito times de estados diferentes, vêm confrontando-se desde então, sendo as partidas acompanhadas pela Rede de televisão americana *ESPN* entre outras, com transmissões dos jogos ao vivo. Para o *soccer* feminino, foi um tento positivo, pois sua proposta era ter uma significativa atenção do público americano, que tem o Basquetebol, o Beisebol e o Futebol Americano como referências de espetáculo-esportivo hegemônico.⁶⁶

Como vimos, o futebol nos Estados Unidos tornou-se uma área reservada feminina, reforçando a idéia de que “futebol é coisa pra mulher”, bem diferente das concepções brasileiras, argentinas, italianas e inglesas, que utilizam o universo futebolístico como área reservada à classe masculina. Mesmo reconhecendo que a situação da mulher na sociedade americana oferece níveis maiores de participação política, social e econômica, favorecendo, com isso, uma possível equalização de poder entre os homens, ainda se evidencia, na verdade, uma favorável hegemonia masculina sobre os ditames últimos de decisão nas diferentes esferas, tanto pública quanto privada. Poderíamos afirmar, então, que, no campo esportivo americano, a “democracia igualitária” entre os “sexos” prevalece, distinguindo, com isso, a sociedade americana das outras? Aceitar esta afirmação, em nosso entendimento, é permanecer no *sensu comum*. Para encontrarmos pistas que nos auxiliem numa elaboração consistente desta indagação, colocaremos em cena os três esportes que, de forma hegemônica, são entendidos como fenômenos esportivos tipicamente americanos, ou seja, o *Basquetebol*, o *Beisebol* e o *Futebol Americano*.

É de conhecimento internacional que estes três esportes são, de fato, grandes paixões do público americano, tanto no aspecto lúdico-esportivo, quanto no esporte-espetáculo. Diferentemente de nosso país, que tem o futebol como única referência corporal plena, nos Estados Unidos à preferência hegemônica é dividida entre três esportes.⁶⁷

Desta maneira, percebemos que também naquele país o universo esportivo está reservado

⁶⁶ Lembramos também que o Hóquei sobre o gelo possui uma forte preferência dos americanos como esporte-espetáculo.

⁶⁷ Os dirigentes de cada esporte, juntamente com os patrocinadores e grande mídia, elaboram um calendário organizado para que um não atrapalhe o do outro, escolhendo datas diferentes. No primeiro semestre, o Basquetebol. No meio do Semestre, o Beisebol e, no final do mesmo ano, o Futebol Americano.

para a identidade masculina.⁶⁸ É nesse espaço que se afirma, no imaginário norte-americano, os valores da masculinidade. Ser o país que está à frente na modernidade do Capital e ter em sua ideologia a necessidade de auto-afirmação perante o mundo são fatores que estão ligados indiretamente à necessidade de ser campeão, homens vitoriosos. Ser forte, nunca ceder, não chorar, persistir, defender seu país, mesmo esquecendo a racionalidade, são valores engendrados numa sociedade capitalista, que preza sua hegemonia perante o mundo.

Os grandes astros destes esportes são referenciados como “deuses”. No basquetebol, à hegemonia dos valores “masculinos” estão ligados aos valores que a comunidade negra norte-americana quer demonstrar como sua. No futebol americano, os jogadores são os guerreiros que vão para a batalha, lutando para conquistar o território inimigo. No beisebol, quase sempre aparece um Presidente da República dando uma tacada ou fazendo um lançamento, realizando, com isso, um gesto metafórico para a nação: para os homens, há os espaços da luta e do poder, ou seja, à esfera do esporte e da política são ainda de dominação masculina.

Em alguns filmes que Hollywood produz tendo cenas esportivas, o espaço reservado às mulheres é quase sempre como coadjuvantes. A menina que sonha em ser chefe de torcida ou ser a namorada do galã do filme, que, certamente, é o melhor do time, faz parte dos seus enredos pouco variáveis.

Utilizamos o exemplo acima para ilustrar a necessidade de ultrapassarmos o nível do *senso comum*, desmistificando a idéia de que, na sociedade de *Tio Patinhas*, as “Margaridas” possuem o mesmo espaço que os homens. A crescente perda de legitimidade masculina a partir da democratização dos valores, da mudança de *status* das mulheres e da emergência de novos discursos sobre a masculinidade na sociedade americana é de relevância e conhecimento de todos. Contudo, ainda persiste o monopólio masculino em esferas decisivas, como exemplo, a vida política do país em suas principais instâncias.

O *soccer* feminino nos Estados Unidos serve como referência interessante para estas questões preliminares que por nós foram discutidas. Estudos mais frequentes e densos são

⁶⁸ Entendemos que, quanto ao Basquetebol, a mulher tem seu espaço no cenário esportivo escolar nacional, possuindo até sua própria “NBA de saias”. No entanto, percebemos que, mesmo nos Estados Unidos, o basquetebol feminino possui um papel de coadjuvante com relação ao masculino. Ou seja, seus feitos e sucessos só aparecerão depois de se esgotarem (pela mídia) os feitos e sucessos dos homens do basquetebol.

necessários para uma maior compreensão deste cenário. Sabemos que a mulher conquistou espaços significativos na vida pública e privada nos Estados Unidos e, se o futebol – ou *soccer*, como os americanos se referem para diferenciá-lo do futebol “deles” – tornou-se uma área permitida também às mulheres, não foi apenas pelo processo da luta, mas também pelos limites destas lutas.

Quando Coubertin afirmou que às mulheres estava reservado o lugar de coadjuvantes na assistência e nos louros da vitória, a dominação masculina já era presente tanto na esfera do trabalho quanto no universo familiar, não seria diferente nos papéis e padrões de comportamentos do cenário esportivo. Em pouco mais de cem anos desta afirmação, a desestabilização das fronteiras entre o Ser masculino e o Ser feminino causa manifestação de inquietação e até indignação no quadro social. Homens se “afeminando”, mulheres se “masculinizando” e a busca de uma possível *pós-moderna* androginia generalizada são questões que ultrapassam as discussões de gênero.

Para Reis (1998: 49), baseada em Murphy et al., analisar a dimensão fundamental da participação da mulher em jogos de futebol, em termos sociológicos, depende do equilíbrio de poderes socialmente gerados entre os sexos no contexto mais amplo da sociedade.

Por fim, seguiremos as pistas deixadas por Elias & Dunning. Estes autores afirmam que uma maior participação das mulheres no futebol leva à inibição dos atos de violência no interior deste esporte. No entanto, afim de que esta afirmação aponte para explicações consistentes, é necessário ultrapassarmos os limites de uma explicação *culturalista*.⁶⁹ Ou seja, para desvendarmos o Ser Masculino e o Ser Feminino, é necessário irmos ao encontro do conhecimento do que seja a formação e o desenvolvimento do Gênero Humano, de maneira histórica, particular e universal.

Conforme Ilha (2001) escrevendo para os editores do Women's Soccer World, uma menina do Brasil pediu que mostrassem um poema de sua autoria para o time norte-americano, no momento em que esta seleção estava indo para a final do Mundial de Futebol feminino de 1999, evento ocorrido nos Estados Unidos da América. Nós colocamos abaixo esta carta. A tradução é retirada da fonte da referida autora Ilha:

Deixe o mundo lhe ver jogar. Um dia eu tive um sonho. Eu sonhei com jogar o futebol como uns homens. Eu sonhei que eles veriam meu talento, eles me veriam chutar a bola até a meta oposta, eles veriam minha paixão. Eu sonhei que eu estava jogando contra outras mulheres que jogaram da mesma maneira que bom. Eu sonhei nós poderíamos chutar um fora lado economiza todo o modo para o segundo posto que nós poderíamos economizar impossível, que nós pudéssemos pingar as babas mais difíceis. Eu sonhei nós poderíamos correr 90 minutos e não pudemos nos cansar. Eu sonhei que nós estávamos nos divertindo, nós estávamos entretendo o mundo. Em meu sonho, nós estávamos jogando futebol e era o OK para fazer assim. Eu sonhei que o mundo estava nos assistindo jogo em meu sonho, futebol era o nosso jogo. Quando eu me despertei mim percebeu aquelas outras mulheres estavam cumprindo meus sonhos. Pelas pernas delas e pontapés eu estava assistindo meu sonho se tornar realidade. E a todas as mulheres do mundo que ousou fazer o que alguns disseram não pôde ser feito, digo eu obrigado. No nome do contudo nascer meninas que crescerão sabendo que o futebol é um jogo que nós podemos jogar, de tudo as meninas cujo talento não diminuirá para discriminação, para tudo das meninas que poderão jogar livremente, para diversão e para o amor, digo eu obrigado. No nome desses nascido em um tempo diferente e não puderam ser mostradas de quem talento e paixão o mundo, eu digo obrigado. Porque enquanto eu estava sonhando que você estava correndo pelos campos da vida que não usa nada mais aquela coragem, paixão e o desejo verdadeiro para jogar o jogo. Não importa quem levará a taça no Rose Ball [estádio] em 10 de julho; o resultado já é conhecido: graças a vocês, nós somos todas as vencedoras. Para o time dos EUA que joga o melhor que eu alguma vez pudesse ter sonhado, vai este poema.

Traduzido de :

Let the world see you play One day I had a dream. I dreamed about playing soccer like a men. I dreamed about playing for thousands of people in a packed stadium. I dreamed that rhey would see my talent, they would see me kick the ball as far as to the opposite goal, they would see my passion. I dreamed I was playing against other women who played just as good. I dreamed we could kick an off side all the way to the second post, that we could save impossible saves, that we could dribble the most difficult dribbles. I dreamed we could run 90 minutes and not get tired. I dreamed we were having fun, we were entertaining the world. In my dream, we were playing soccer and it was OK to do so. I dreamed the world was watching us play in my dream, soccer was our game. When I woke up I realized that other women were fulfilling my dreams. Through their legs and kicks I was watching my dream come true. And, to all of the women in the world that dared to do what some said could not be done, I say thank you. In the name of the yet to be born girls that will grow up knowing that soccer is a game we can play, of all of the girls whose talent will not fade out to discrimination, to all of the girls that will be able to play freely, for fun and for love, I say thank you. In the name of those born in a different time and whose talent and passion could not be shown to the world, I say thank you. Because While I was dreaming you were running trough the fields of life wearing nothing more that courage, passion and the truthful desire to play the game. It doesn't matter who will carry the Cup out of the Rose Ball on July 10; the result is already known: thanks to you, we are all winners. To the US team, who play the game better than I could have ever dreamed of, goes this poem. Let the world see you play.

⁶⁹ Conforme COSTA (1994), para as culturalistas, as experiências da mulher como aquelas que cuidam, alimentam e pacificam, permitiu-lhes criar uma cultura diferente e articular diferentes epistemologias, como também valores culturais e estéticos alternativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esporte ainda não foi suficientemente reconhecido como um campo de estudo relevante para a área das Ciências Sociais, apesar de reconhecermos a existência de trabalhos, teses, monografias, enfim, pesquisas que versam sobre esse objeto. Quando observamos especificamente os estudos sobre o futebol brasileiro no campo das Ciências Sociais, percebemos facilmente que o seu número ainda é muito pequeno e os núcleos de pesquisa são incipientes; quando que se agrava ainda mais quando observamos os estudos sobre o futebol que leva em consideração as relações de gênero; neste caso o da pesquisa é praticamente nula. Quando escolhemos o futebol feminino como objeto de estudo para uma dissertação nos deparamos com essas dificuldades. A começar pela dificuldade de desvelar fontes que nos auxiliassem no desenvolvimento do tema proposto. Nossa escolha partiu da necessidade de encontrar um caminho que nos levasse ao entendimento do porquê a mulher em nosso país ainda está, de certa maneira, à margem do futebol. Num primeiro momento realizamos uma pesquisa baseada no estudo de periódicos que de alguma maneira referiam-se ao futebol feminino. O nosso primeiro objetivo era o de fazer uma breve trajetória histórica do futebol feminino, tomando como base às cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. A nossa preocupação não era saber qual foi a “primeira partida de futebol feminino”, mas analisar em que contextos ocorreram às participações das mulheres frente a esta prática esportiva. Vimos que as mulheres não seguiam um caminho único e homogêneo, ou seja, suas manifestações ocorreram em diferentes setores e grupos sociais distintos. Da espectadora que flertava, à “fã” que acompanhava os jogos dos “marmanjos” com afinco. Da “jogadora beneficente”, passando pelas “mulheres do subúrbio”, praticantes efetivamente do futebol, às Vedetes, e as primeiras “atletas da abertura” chegando às “mulheres olímpicas”, este é o caminho percorrido que perfaz a história do futebol feminino no Brasil.

Temos o entendimento de que a “hegemonia” dos homens no interior do futebol em nosso país sofreu um revés na última década e isto está ligado direta e indiretamente aos novos espaços que a mulher brasileira (levando em conta os diferentes grupos, classes e contextos) conquistou paulatinamente em décadas passadas tanto no mundo da produção, do mercado, quanto do campo da cultura e do universo das práticas cotidianas.

Mesmo observando que o futebol ainda é uma prática de lazer ligada diretamente á figura masculina no Brasil, reconhecemos que as meninas e mulheres estão cada vez mais praticando o futebol. *Locus* historicamente desfavorável à sua prática pelas mulheres, o ambiente escolar tem se modificado e já observamos atualmente um incentivo dos professores de Educação Física para que

as meninas também pratiquem futebol em suas aulas.

Apesar de termos o entendimento de que o futebol feminino em nosso país ainda vive de altos e baixos, principalmente o chamado “futebol profissional”, acreditamos que o mesmo já conquistou uma boa parte das mulheres. Talento para jogar futebol, nossas jogadoras possuem. É só tomarmos como exemplo a jogadora Sissi que foi reconhecida como a segunda melhor atleta no Mundial de Futebol Feminino de 1999, ocorrido nos Estados Unidos da América. Revelam-se jogadoras a cada dia mesmo sabendo das dificuldades encontradas pelas mesmas: falta de campeonatos, torneios, equipes que se formam e rapidamente se extinguem por falta de apoio, etc.

Essas nossas considerações finais apontam para a necessidade da continuação do tema proposto – futebol feminino –, o qual necessita de outras abordagens e perspectivas a seu respeito. Abordamos o futebol feminino sob um olhar masculino e os avanços e limites desta observação estão atrelados a este olhar. Tentamos evitar todo momento a desarticulação entre o tema proposto e os outros complexos que estruturam a realidade social. Desvendar os “segredos” do futebol feminino necessitou a todo custo de sua articulação com a história de lutas das mulheres, mesmo quando se parte da constatação que o campo esportivo ficou de certa maneira à margem da processualidade dessas lutas. Lembramos também que tratamos das mulheres não como “coitadinhas” que sofreram e sofrem todas as mazelas do mundo capitalista e machista e, que, portanto através dessa pesquisa foram e serão defendidas de todos esses males. São indivíduos históricos e, portanto, construtores de avanços e recuos, de sínteses e contradições tanto quanto os homens. Outro elemento a ser destacado é a dificuldade de visualizarmos quando as mulheres estão ao mesmo tempo no embate de conseguir novos espaços até então entendidos como masculinos, ou seja, que momento elas estão barganhando ou conquistando estes espaços.

O conteúdo deste texto defende a idéia de que o futebol é um espaço também das mulheres. Este “pedaço” se define com o direito de sua participação. Aceitamos a participação conjunta entre ambos os gêneros, mas também entendemos que o respeito à diferença articula um caminho para uma convivência mais saudável entre os sexos e para construção de um gênero humano que se compunha como uma unidade na diversidade. Não apontamos “certezas” ou “verdades absolutas” sobre o tema. O que nos interessa é a discussão. O bom exercício é trazê-lo para o espaço acadêmico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Neise Gaudêncio. Análise das percepções de docentes e discentes sobre turmas mistas e separadas por sexo nas aulas de Educação Física Escolar. In: ROMERO, Elaine (Org.) **Corpo, Mulher e Sociedade**. Campinas: Papyrus, 1995, pp. 157-76.

ARANTES, Antônio A. Hipóteses para uma antropologia do tempo livre. **Cadernos IFCH/UNICAMP**, Campinas, n. 27, p. 1, 1993.

AZEVEDO, Fernando de. Annaes de Eugenia. Edição da Revista do Brasil, São Paulo, 1919.

BATTISTONI Filho, Duílio. Campinas: uma visão histórica. Campinas: Pontes, 1996.

BACKX, Sheila de Souza. **Relações de Gênero: reações a novas referências**. Disponível em: <http://www.Cfch.ufrj.br/jor_pesq/relações/backx.html> acesso em dezembro de 2001.

BALLARINY, Humberto. Porque a mulher não deve praticar o futebol. In: **Educação Física. Revista de Esportes e Saúde**. Rio de Janeiro, n. 49, dez-1940.

BASSANEZI, Carla Beozzo. **Virando as páginas, revendo mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher, 1945-1964**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BRUHNS, Heloísa T. **Futebol, carnaval e capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro**. Campinas: Papyrus, 2000.

_____ (org.) **Introdução aos Estudos do Lazer**. Campinas, SP: UNICAMP, 1997.

CARSON, Alejandro C. Entrelaçando consensos: reflexões sobre a dimensão social da identidade de gênero da mulher. Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 4, 1995.

COSTA, Cláudia Lima. O Leito de procusto: gênero, linguagem e as teorias feministas. Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 2, pp. 141-74, 1994.

DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda). 01 de fevereiro de 1939, Rio de Janeiro.

DUNNING, Eric; MAGUIRRE, Joseph. As relações entre os sexos no esporte. In: **Revista de Estudos Feministas - IFCS/UFRJ**, Rio de Janeiro, pp. 321-48, v. 5, nº 2, 1997.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FRANZINI, Fábio. **As raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950)**. 2000. Dissertação de Mestrado em História Social, FFLCH, Universidade Estadual de São Paulo.

HAHNER, June E. A mulher no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

ILHA, Paula. Disponível <http://www.paulailha.hpg.ig.com.br/Esporte/3/artigos.html>>acesso: 10

agosto de 2001.

LOPES, Eliane da Silva. **Fragmentos de mulher: dimensões da trabalhadora – 1900/1922.** Dissertação de Mestrado. Departamento de História/IFCH- UNICAMP. Campinas, SP, 1985.

LOYOLA, Hollanda. Pode a mulher praticar o futebol? In: **Educação Física. Revista de Esportes e Saúde.** Rio de Janeiro, nº 46, set-1940.

LOURO, Guacira Lopes. Educação e Relações de Gênero em pauta: **Cadernos da Faculdade de Serviço Social da UERJ,** Rio de Janeiro, nº 5, jun-1995.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. **A medicalização da Raça: médicos, educadores e discurso Eugênico.** Campinas, SP: UNICAMP, 1994.

MARSON, Melina Izar. Da Feminista “Macha” aos Homens sensíveis: o feminismo no Brasil e as (Des)Construções das Identidades Sexuais. **Cadernos AEL/IFCH/UNICAMP,** Campinas, pp. 69-110, 1995/1996.

MAZZONI, Thomaz. Almanach Esportivo, São Paulo, 1928.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. **Marxismo e feminismo no Brasil.** Campinas, IFCH, primeira versão, 1996.

MOURA, Maria Lacerda de. **A mulher é uma degenerada.** 3ª. Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992

MOURÃO, Ludmila. **A representação social da mulher brasileira na atividade física desportiva: da segregação à democratização.** 1998. Tese Doutorado em Educação Física- Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro.

MURRAY, Bill. **Uma história do Futebol.** São Paulo: Hedra. 2000

MYOTIM, Emmi. A participação da adolescente brasileira em esportes e atividades físicas como forma de lazer: Fatores psicológicos e sócio-culturais. In: ROMERO, Elaine. **Corpo, Mulher e Sociedade.** Campinas: Papyrus, 1995, pp. 177-97.

NETTO, Luís Roberto. Por debaixo dos Panos – A Máquina Policial e o Problema da Infância Desvalida na Cidade de São Paulo (1910-1930). **Revista Brasileira de História.** V. 9, nº 17, pp. 129-41, set. 88/fev. 89, São Paulo.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro - 1902/1938.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

POCIELLO, Christian. Os desafios da leveza: as práticas corporais em mutação. In: SANT’ANNA, Denize Bernuzzi (Org.). **Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais.** Estação Liberdade, 1995, pp. 115-20.

RAGO, Margareth. Adeus ao feminismo? Feminismo e (Pós) Modernidade no Brasil. **Cadernos AEL/IFCH/UNICAMP,** Campinas, pp. 11-43, 1995/1996.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e Sociedade: as manifestações da torcida.** 1998. Tese Doutorado em Educação Física - Faculdade de Educação Física - UNICAMP, Campinas.

ROBSAWN, Eric. **Mundos do Trabalho.** São Paulo, Paz e Terra, 1987.

ROMERO, Elaine. A Educação Física a serviço da Ideologia Sexista. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, v. 15, nº 3, pp. 226-8, jan-1994.

SANTOS, Antônio da Costa. **Campinas, das origens ao futuro**: compra e venda de terra e água e um tombamento na primeira sesmaria da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso de Jundiaí (1732-1992). Campinas, SP: UNICAMP, 2002.

SANTOS NETO, José Moraes dos. **Visão do jogo**: primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, Coleção Zona do Agrião.

SOARES, Carmen Lúcia (org.) **Corpo e História**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

SOIHET, Rachel. História, Mulheres, Gênero: contribuições para um debate. In: **Gênero e Ciências Humanas**: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu estático da metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SCHPUN, Mônica Raísa. **Beleza em jogo**: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20. São Paulo: Boitempo Editorial e Senac, 2001.

SOUZA, marcos A. Gênero e raça: a nação construída pelo futebol brasileiro. Núcleo de Estudos de Gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, pp. 109-52, n. 6-7,1996.

Jornais de São Paulo

A Gazeta, 1913.

Correio Paulistano, 1913.

O Commercio de São Paulo, 1913.

O Estado de São Paulo, 1913 e 1940

Ultima Hora, 1940.

Folha de São Paulo, 1960.

Jornais do Rio de Janeiro

Gazeta de Notícias, 1908.

O Imparcial, 1913 e 1940.

O Paiz, 1920.

Correio da Manhã, 1940.

Jornal dos Sports, 1940.

Revistas

Revista Careta (15/02/1913)

Revista Fon-Fon (06/01/1917)

Revista Eu sei tudo (01/1919)

Revista Vida esportiva (maio/1920)

Revista A Cigarra (01/03/1921)

Revista Feminina (08/1921)

Revista Renascença (5/06/1923)

Revista A Gazeta Esportiva, 1940.

Revista Vida e Saúde, 1941, 1953, 1954, 1955.

Revista Brasileira de Educação Física. Rio de Janeiro, n. 77-78, ago/set de 1943, edição especial.

Idem. 08/1947.

Revista Placar 1978, 1980, 1983

ANEXO

Roteiro das entrevistas⁷⁰:

1. Com que idade você começou a jogar futebol? E onde?
2. Como você foi parar no Guarani?
3. Porque você decidiu jogar e treinar futebol pelo Guarani?
4. Como foi sua experiência no Guarani?
5. E nessa época você sentia que as pessoas tinham preconceito pôr você jogar futebol?
6. Porque terminou a equipe do Guarani?

Respostas da jogadora “C”:

1.Com que idade você começou a jogar futebol? E onde?

Eu comecei a jogar futebol quase como todo mundo, foi na rua em 1982, mais ou menos. Eu tinha mais ou menos uns 15 anos.

2.Como você foi parar no Guarani?

Eu fui parar no Guarani através de um serviço que eu estava trabalhando e eu comentava que gostava muito de futebol, assistia jogo de futebol pela televisão. Aí como ela(?) era amiga da mãe do Romeu....Ele era Diretor...acho que ele era o Diretor do futebol feminino, não me recordo

⁷⁰ As quatro primeiras jogadoras “C”, “D”, “E” e “F”, seguiram um roteiro pré-estabelecido de seis perguntas a respeito exclusivamente da experiência de cada uma no Guarani. As jogadoras “B” e “A”, seguiram outro roteiro, contendo outras perguntas além das perguntas relacionadas exclusivamente á sua experiência quando jogaram no Guarani.

direito. E aí entrou em contato e me levou lá para fazer um teste no Guarani em 1985....Início de 1985, em janeiro.

3. Porque você decidiu jogar e treinar futebol pelo Guarani?

Era a equipe aqui em Campinas que dava melhor assistência ao futebol feminino...Que eu conhecia e era mais fácil porque eu também morava aqui né.

4. Como foi sua experiência no Guarani?

Nossa! Foi assim...Bem complicada né. Para começar, eu vinha de jogar na rua, num campo de terra, descalça, aí eu vim para o Guarani...Tive que pôr foi chuteira....Foi uma dificuldade tremenda, mas foi ótimo! Me ensinaram muito, melhorou meu futebol...Foi maravilhoso! Eu jogava de ponta direita, na posição da Helô.

5. E nessa época você sentia que as pessoas tinham preconceito pôr você jogar futebol?

Tinha....Tinha muito. Eu mesmo pessoalmente não comentava muito que eu jogava futebol. Porque era muito discriminado, o pessoal falava muito mal, que o futebol nunca foi feito para a mulher, que era só para homem...Então era bem discriminado, então eu quase não comentava. Eu não gostava de comentar.

6. Porque terminou a equipe do Guarani?

No meu modo de ver, porque eu não gostava muito de participar da diretoria né, porque eu gostava é de jogar futebol, eu acho que foi muita política, muita coisa errada, aí as meninas foram desanimando né. Você batalha, batalha, batalha e chega um ponto que você nada que você conseguiu, você sempre tá no zero, você só começar a desanimar, porque não tinha incentivo, não tinha patrocinador...Aí a pessoa vai chegando a uma certa idade depois dos 25 anos né, você tem que pensar no seu futuro, aí que foi largando e depois deixou. E muita sacanagem né, a gente ganhava dinheiro, a gente ganhava passagem de avião, a gente ia de ônibus né, ...Aí juntou tudo....Uma foi desanimando a outra desanimou até que acabou o futebol...No meu modo de ver

Resposta da jogadora “D”:

1. Com que idade você começou a jogar no Guarani ?

Com 10 anos na Praia Grande-SP. Jogava com os meus irmãos na praia.

2. Como você foi parar no Guarani?

A gente (eu e a minha irmã) ficou sabendo que estava montando um time lá no Guarani e aí nós fomos para conhecer...Porque sempre adorei jogar futebol e nunca tinha um lugar para jogar futebol feminino, pois só jogava com os meninos.

3. Porque você decidiu jogar e treinar futebol pelo Guarani?

Porque na época era o único time que eu sabia que tinha o futebol feminino aqui em Campinas, depois é que eu fiquei sabendo que tinha times em outros lugares, na Ponte...Mas as meninas que melhor jogavam eram do Guarani...Pelo menos da região. Aí como eu jogava bem (risos).

4. Como foi sua experiência no Guarani?

Foi muito bom porque é um time que a gente se entrosava bem...Pelo menos nos campeonatos da região a gente ganhava se dava bem e tinha um certa popularidade, saía no jornal: “As meninas do Guarani ganharam, etc. ...” Era o primeiro time a aparecer assim...Foi uma época bem legal. Eu sinto saudades. Eu guardo com carinho e as meninas também eram muito legais. Eu comecei a jogar no Guarani com 23 anos. E antes disso, quando morava em São Paulo a gente (eu e minha irmã) ia jogar lá na periferia. Mas eram times que não apareceria em nada, tendo meninas da periferia. A gente ia lá no fim do mundo e achava um time...Fora isso a gente (eu e minha irmã) jogava com os meninos só, porque não encontrava muita menina para jogar. Durante toda minha adolescência eu joguei futebol. Mas a maioria das vezes a gente jogava com homem porque não achava mulher para jogar.

5. E nessa época você sentia que as pessoas tinham preconceito por você jogar futebol?

Muito preconceito...No começo a gente entrava no campo o pessoal xingava chamava de “sapatão”, de “vagabunda”, de tudo o que se possa imaginar... “Vai lavar a roupa”, essas coisas assim. Então, o preconceito era grande, depois é que passou a ter um respeito maior. Muitas mulheres tinham também preconceito, pois quando você falava que jogava futebol, muitas te olhavam “torto” pra você e achavam que era “sapatão”...Era batata! Como todo ambiente tinha o homossexualismo mas...A opção sexual de cada um tem que ser respeitada. A vida particular de cada um...Ninguém tem nada com isso.

6. Porque terminou a equipe do Guarani?

Porque tinha muita oposição no clube, eles faziam de tudo para difamar a gente, para acabar com o futebol feminino...Porque o futebol feminino começou aparecer bastante...Começou uma intriga...Na minha cabeça, esta intriga foi trabalhada por algumas pessoas entre as

meninas e...Acabou as meninas se desentendendo, meninas que se entendiam tão bem! Iam super bem...E ...Acabou o time. Puro interesse do próprio clube e do próprio machismo de quem era contra o futebol feminino. E as meninas entraram de “gaiatas” nessa, começaram a se desentender por uma “jogada”. Na minha opinião foi isso que aconteceu. Pois todo mundo ali adorava o futebol, adorava estar ali.

Resposta da jogadora “E”:

1. Com que idade você começou a jogar futebol? E onde?

Desde os 10 anos de idade. Eu jogava no colégio de freiras aqui em Campinas onde eu estudei. Aprendi a gostar do futebol lá.

2. Como você foi parar no Guarani?

Através de um amigo que disse que estava se formando um time feminino no Guarani. Eu fui lá no clube, conversei e participei da peneira, isso em 1983 entre fevereiro e maio, não me recordo. Eu tinha 23 anos.

3. Porque você decidiu jogar e treinar futebol pelo Guarani?

Não exatamente foi por causa do Guarani, mas foi uma chance que apareceu e eu aproveitei a oportunidade.

4. Como foi sua experiência no Guarani?

Foi minha primeira experiência de verdade jogando num time formado e...Eu gostei. Foi maravilhosa a experiência. Eu não tinha uma visão do futuro em ser jogadora, era para minha satisfação.

5. E nessa época você sentia que as pessoas tinham preconceito por você jogar futebol?

Tinha preconceito dos homens que assistiam, pois achavam que o esporte era “bruto” para a mulher. Tinha xingamentos de todo tipo.

6. Porque terminou a equipe do Guarani?

Eu não estava mais no Guarani quando a equipe acabou. Eu saí antes por causa do trabalho, pois eu trabalhava no Aeroporto Viracopos (Campinas) e os jogos aos finais de semana “batiam” com o horário dos trabalho.

Resposta da jogadora “F”:

1. Com que idade você começou a jogar futebol?

Desde quando eu me conheço como gente eu gostava de futebol e jogava na rua, né. Quando apareceu o futebol feminino (organizado) eu me interessei mais...Aonde eu comecei a jogar melhor e...Comecei no Bela Vista (Time localizado no Bairro Taquaral-Campinas) e através do Bela vista veio o convite para a gente fazer uma peneira no Guarani...Foi a partir de meus 25 anos...Fui fazer o teste no Guarani e Passei! Eu e várias meninas que foram comigo. E a partir desse momento eu passei a me interessar pôr esse esporte...Eu comecei a jogar futebol no meio da molecada com 5 anos.

2. Como você foi parar no Guarani?

Através de convite da Paula (?)...Eu me interessei e fui...Inclusive o Ari (Ariovaldo, técnico do Guarani) disse que quem passou no teste iria receber uma carta ou um telefonema dele...E realmente ele me ligou na minha casa dizendo que eu tinha passado no teste.

3. Porque decidiu jogar e treinar futebol pelo Guarani?

Porque foi o único time que deu iniciativa para o futebol feminino aqui em Campinas. Eu até pensei que a Ponte Preta fosse tomar essa iniciativa, mas o Guarani é que tomou a iniciativa e eu me interessei e fui treinar no Guarani.

4. Como foi sua experiência no Guarani?

Foi ótima! Aprendi muita coisa...E joguei na posição que eu gostava, ou eu jogava na meia-esquerda ou na ponta-esquerda. Eu não sabia chutar com a perna direita, só com o pé esquerdo.

5. E nessa época você sentia que as pessoas tinham preconceito por você jogar futebol?

Sempre teve...Inclusive por mais que seja...A mente humana tá um pouco mais aberta...mas ela ainda tem esse preconceito. Nós sofremos muito preconceito, muito xingamento, muitas ofensas...Era mais da torcida...Vinha mais dos homens...Eles (os homens) não aceitam...O homem acha que a mulher não tem nada que se meter no lugar deles, né...E não é bem por aí. Acho que há uma igualdade de função, é lógico, mas eles não aceitavam não.

6. Porque terminou a equipe do Guarani?

Acho que terminou por causa do preconceito. Mas foi preconceito pois ía muito bem. A Mara (goleira) que patrocinava gente...Para você vê a gente fez o Campeonato Brasileiro (1984) nós fomos para o Rio de Janeiro...Tudo...Tudo ocorreu otimamente e de repente o Guarani desfez (a equipe) muitos (dos dirigentes) não deu nenhuma satisfação pra gen

Entrevista dada pela jogadora “A”:

Entrevistador: Com quantos anos você começou a jogar futebol?

Resposta: Com 11 anos eu comecei a brincar no meio dos meninos. Nós montamos um time de futebol na Rhodia e era só por prazer mesmo. Nós disputávamos campeonatos dentro da fazenda com outros times.... Fui para São Paulo e joguei simplesmente por prazer, por praticar o esporte e o meu esporte era o futebol. As dificuldades eram enormes. Dificuldades de locomoção...íamos para São Paulo de trem. Não tinha remuneração nenhuma. Não tinha lanche, não tinha nada. Nós passávamos fome. Todo e qualquer machucado e qualquer lesão a gente tinha que se virar, não tinha estrutura nenhuma: De uniforme, chuteira, nada! Nada!... Mas era tudo por prazer mesmo!

E: E sua experiência no Guarani, como foi parar lá?

R: Na época que eu vim para o Guarani também foi por prazer mesmo...Foi a Helô mesmo que me convidou pra ir para o Guarani. A gente fazia faculdade juntas...Também sem estrutura, quer dizer...tinha o Guarani, nome, Guarani! Mas a diretoria não dava o apoio. Nós tínhamos que treinar durante a período da noite no campo de terra, raras as vezes ele(O Guarani) emprestava o Brinco de Ouro para a gente...para um jogo, uma preliminar.

E: Sobre os preconceitos, existiam? Se existiam, que tipo de preconceito acontecia?

R: Dentro do próprio futebol feminino existia o preconceito, entre as próprias meninas...Todas da minha época jogavam por prazer...por lazer!...Para se reunir ali e brincar...Para nós era brincadeira...Não tinha uma perspectiva de profissionalismo nessa época não. Eu acho que isso começou acontecer depois de 90, ...89, 90...

(Observação: Aqui eu interrompo a fala dela e digo à ela da participação do futebol feminino dos anos 90).

R: Todas trabalhavam, fora do esporte...às que não trabalhavam...Tinha umas que passavam fome...iam para o futebol porque sabiam que lá ia ter o lanche. Antes de jogar a menina falava:

“Pelo amor de Deus me dá o lanche pois senão não vou conseguir correr!... O preconceito dentro do campo que a gente escutava, as agressões, até físicas nós sofremos na época porque não era aceitável na época mulheres jogar futebol...Depois sim...Depois que eu vim de São Paulo...Que eu passei a fazer faculdade aí já tinha uma certa,...não era uma estrutura, mas tinha o apoio, principalmente da família. Minha família sempre me apoiou mas tinha menina que tinha que fugir na noite anterior pra ir jogar escondida e quando voltava apanhava...porquê? Porque tinha preconceito na família, entre as meninas, na população, dentro do jogo...Tinha tudo isso. Mas o nosso lazer era esse, era colocar...Eu lembro ainda que teve época em São Paulo que nós não tínhamos chuteiras, jogávamos com Kichute...Kichute que nós fizemos “vaquinha” e compramos para todas para ficar igual. Eu vim ter a minha chuteira depois de muito tempo, presente da minha mãe que sempre me apoiou...sempre. Mas tinha meninas que não tinham apoio, nem em casa, nem no serviço, em lugar nenhum!

E: Fiz uma indagação sobre as dificuldades dos homens e mulheres, entre os gêneros.

R: Era até interessante quando fazíamos um gol...então tinham os elogios...gostosa!. Mas quando você fazia uma jogada errada...vai pra cozinha! vai lavar a roupa! Vai ficar com o seu marido! Existe também os xingamentos no futebol masculino...mas não neste sentido. Mas eu acho assim...de 92 pra cá melhorou muito...pois aí já existia um certo teor de profissionalismo. Porquê? Os times de fora do país não vinham pra cá...E foi na época do Guarani que começamos a trazer... a Dinamarca vinha sempre... e a gente via a estrutura das meninas...as meninas ganhavam pra fazer aquilo...A gente trocava uma idéia com elas...(elas falavam):...não... a única coisa que eles exigem é que a gente estude. Mas eles auxiliam a família, eles dão uniforme, dão a comida...Então aí sim começou a mudar o pensamento dentro do futebol feminino pelas próprias atletas...Ah! se lá existe, aqui pode ter também..então a gente começou a cobrar...aí a dificuldade aumentou viu?...Na época do Guarani... nós jogávamos no Guarani depois fomos pro Saad. O Saad apoiou a gente uma época...depois o Saad...até eu não sei o que aconteceu! A gente foi jogar com um time em Paulínia... Mas sempre as mesmas meninas. Nós éramos unidas. De Paulínia fomos para Indaiatuba, aí nós voltamos para o Saad...então não tinha uma coisa fixa, porque o pessoal começou a cobrar.

E: Fiz um comentário sobre as dificuldades do futebol feminino no que tange ao aspecto de ter poucos torneios, equipes, campeonatos, etc, que movimentasse o futebol feminino não deixando ficar parado.

R: Sim claro, claro! Dependia disso também...Mas era uma época muito gostosa...hoje, hoje, não o futebol feminino..hoje está bem estruturado, tem apoio, não existe aquele...existe sim, mas não tão forte como era o preconceito né? Existe, claro que existe sim o preconceito com o vôlei feminino, com o basquete feminino né? Infelizmente a visão é só para o masculino, mesmo né? Mas para minha época pra hoje, nossa!! Eu comento com a minha família...Se eu jogasse futebol hoje eu estaria bem!

E: Seria uma Sissi.....

R: Isso...hoje estaria bem! Eu estaria muito bem. Quem trabalhava na época e quem estudava não podia ir aos treinos e os nossos treinos eram de 20, 30 minutos, coisa assim básica mesmo, não tinha condicionamento físico não...era só aquele rachão mesmo.

E: **Faço um comentário sobre a evolução da preparação física comparando as equipes do futebol feminino de antes e de hoje.**

R: Começou existir o apoio né? O apoio que nós não tínhamos.

E: **além de jogar futebol você acompanhava o futebol pela televisão?**

R: Acompanhava! Adorava! Até hoje acompanho...A gente se baseava muito no futebol masculino pra jogar...era aquele negócio assim: “Olha, você assistiu aquele jogo ontem? Você viu aquele cara que jogou com a número 5?... Vai ter que fazer igual o que ele fez”. Porque não tínhamos quem nos orientasse. Na época do Saad, quando eu saí do Guarani, eu jogava e era técnica porque não tínhamos uma pessoa que acompanhasse a gente, que orientasse, que... Nós tínhamos um diretor que era o Romeu e tinha a Mara que era nossa goleira nossa!! A Mara ajudou muito. Ela tinha uma situação financeira melhor do que todas...”Então, olha! A gente precisa ir pra Serra Negra”. Ela alugava o ônibus, ela pagava, ela dava o lanche, entendeu? Mas desde que a equipe jogasse (risos). Então, era os dois pontos de apoio nesta época que era o Romeu que ajudava muito! Inclusive as meninas e a Mara. Agora as atletas.... era por prazer mesmo, vamos lá! Se perder não dá nada, se ganhar melhor pra nós, porque a gente ia porque gostava mesmo.

E: **Você entrou em que época no Guarani?**

R: Na liga campineira, eu entrei nesta época.

E: **O futebol feminino avançou mas há dificuldades ainda. Tem um setor de seleções na CBF mas não tem uma periodização nem campeonatos e clubes mantendo uma seqüência de vida. O torcedor não vê uma continuação.**

R: As equipes não eram federadas, né? Não sei se hoje elas já são inscritas nas federações, se existe um planejamento dentro das federações. Seria assim: dentro do campeonato brasileiro de futebol masculino teria a preliminar do campeonato feminino. Campeonato paulista masculino, ter a preliminar do campeonato paulista feminino. Quando começamos a fazer as preliminares nos estádios tinha divulgação pela imprensa. Se o jogo do masculino iria começar as 16 horas, as 13 horas(acho que aqui ela queria dizer “as 15 horas”) o estádio já estava lotado pra ver as meninas. Jogarem. Mas só na época... não tínhamos o apoio da federação, da CBF, dos clubes, não tinha...Acho que até hoje, na verdade, o campeonato feminino não é um campeonato, é um torneio, porque é limitado, pois não há uma continuidade. Mas eu acho que o interessante hoje seria: estruturar os times e fazer as preliminares com o futebol feminino. Como foi feito na época, foi quando? Em 98?

E: Teve a Paulistana em 1997, com televisonamento da Bandeirantes.

R: Foi aí que descobriram as meninas, a maioria das meninas que estão hoje fora do país. Essas meninas do Guarani, hoje, que estão fazendo sucesso nos Estados Unidos principalmente, foram descobertas no futebol de salão. Mas porquê? Porque foi divulgada. Elas fizeram uma preliminar de um jogo importante dentro do próprio clube. Então, isso falta no futebol feminino. A divulgação, e o apoio, claro, tem que ter o apoio...A discriminação vai ter sempre, sempre vai ter, em qualquer esporte vai ter a discriminação entre masculino e feminino...Até um esporte individual como o tênis existe isso né? Mas acho que de lá pra cá, melhorou muito, muito, muito, mesmo! Tem uma menina aí, eu não consigo lembrar o nome dela, está nos Estados Unidos é a artilheira do campeonato universitário.

E: É a Juliana Filipe, me parece. Têm um intercâmbio entre o Guarani e o colégio de Kentucky-EUA.

R: É importante. É importante ter este intercâmbio. Então, o que acontecia na época, que nem no time do Guarani. Nós jogávamos contra um time da capital...vamos supor...A Mara jogava bem...então o técnico do outro time vinha e “pó vamos jogar no meu time, lá tem estrutura”...Quer dizer, era uma ilusão! Mas também não era, pois ela ia sair de um lugar e conhecer pessoas novas, conhecer lugares novos, ter de certa maneira, um apoio, ia residir na casa de outra atleta ou eles alugavam um apartamento. Toda vez que formava uma equipe boa que nós jogávamos, alguém saía. Existia isso, não é esse intercâmbio que você tá dizendo... mas existir assim...chegar e falar “não, eu vou pra lá, o cara me convidou, lá vai ser melhor pra mim, vai ter mais apoio, eu vou

aparecer na tv, eu vou dar entrevista”....Essa era a ilusão! O time sempre desfalcado, sempre... mas por causa disso. Na realidade, os times marcavam um jogo com a gente pra fazer isso. Serra Negra, Souza, Amparo, Piracicaba, Santa Bárbara...Tinham muitas cidades que nós íamos, e era pra isso, ou pra levar as melhores meninas. Como nós fazíamos também no Guarani, ou qualquer outro time.

E: Mas é um jogo de interesses, uma sedução de você ir para outro time. Exemplo disso: As escolas davam bolsa!

R: Claro! Só que nesta época aqui, era uma ilusão, porque a estrutura não existia em lugar nenhum! Hoje não. Se você catar uma menina que joga no Guarani e levar para qualquer outro estado, ela vai ter uma estrutura, ela vai ter uma condição de estudo, ela vai ter um salário, ela vai ter uma passagem de ida e de volta, duas vezes por mês , para rever a família. Teve meninas que saíram da capital (São Paulo) e foram morar no Rio de Janeiro e num dos campeonatos que nós fomos fazer lá, as meninas morando...nem sei como se chamava aquilo! Sei que era um corredor com um monte de quarto com um banheiro comum...Era homem, mulher, tudo junto! Porque foram para o Rio.

E: Era a época do Radar?

R: Era a época do Radar. Época do Vasco. Tinha um pessoal bom, que jogava bem!

E: Você viu o jogo da seleção brasileira (futebol feminino) nas Olimpíadas ? O que você sentiu? Você sentiu alguma diferença, na maneira de jogar das meninas comparando com a sua época?

R: Sim. Na época das Olimpíadas elas tinham uma tática de jogo né?... Elas tinham. Eu entendi , no meu ver, que elas estavam lá por prazer mesmo! “Vou representar o país...é a nossa oportunidade!”. Muitas vezes eu me emocionei assistindo os jogos! Puta merda! Eu podia ta lá! Olha isso! Mas na nossa época , não existia isso, não tinha. Mas eu acho assim: nas Olimpíadas elas tinham uma tática, elas tinham um técnico, elas tinham preparador físico, elas tinham um massagista, elas tinham uniforme, elas tinham agasalhos da seleção.

E: Você vê alguma diferença nos uniformes das mulheres de sua época com relação às mulheres de hoje?

R: Ah!...tem, tem! Nosso uniforme da época era o mesmo que era do masculino. Hoje não! Hoje tem um tecido mais leve, um tecido mais fino pra mulher, para o corpo da mulher, tanto que teve jogos que o pessoal falava: “troca a camisa, troca a camisa!”.

E: Era a brincadeira da época...

R: Na seleção...não sei se foi na seleção ou foi na Copa do Mundo Feminina, nós vimos as meninas trocando a camisa, porque elas tinham um TOP pra baixo, com o logotipo da CBF.

E: Uma estética...uma estética própria da roupa para as mulheres...

R: E a tendência é melhorar. No Brasil eu não sei pois faz tempo que eu não vejo falar de futebol feminino no Brasil..que eu não vejo nada na televisão.

E: Esse quadro continua. Como os campeonatos são esporádicos, as notícias também são esporádicas! Competência técnica e corpo da mulher na mídia...sexualidade da pessoa...existe um padrão “imposto” pela mídia.

R: Claro!...A mudança que eu vejo também...hoje você vê uma equipe de futebol feminino, a maioria das meninas tem quase a mesma estatura, um peso adequado, um corpo delineado. Na nossa época não! Tinha menina de 1,80 m, menina que pesava 40 kg, menina que pesava 100kg.

E: Pela idade, quer dizer, pelo fato de ter poucas meninas, juntava todas no mesmo time...

R: Juntava tudo. Você via no time aquelas meninas que a camisa tava sufocando e tinha aquelas que a camisa tava larga. Agora hoje não! Talvez seja até um seleção...Mas você não vê hoje uma pessoa “gorda” praticando o futebol feminino ou aquela magricela seca, praticando o futebol feminino...você não vê!

E: Tem uma preparação física adequada hoje.

R: A gente se compensava. “Você é magra: vai correr lá na frente pra fazer gol”. Colocava a mais pesada no meio de campo, “Então você para tudo, entendeu?”. Quer dizer, hoje não!

E: você jogava em que posição?

R: Eu joguei em quase todas as posições. Na época do Guarani, eu jogava no meio-de-campo, mais para a defesa..na quarta zaga...para volante. Eu jogava ali. Eu gostava muito de jogar de lateral esquerda. Eu tinha muita velocidade, até eu machucar o joelho né? Não tinha aquela estrutura, não tinha o apoio, quer dizer, eu não sabia que eu tinha que fazer uma fisioterapia, eu não sabia que eu tinha que fazer um repouso, então todo sábado, todo domingo, eu ia jogar..Então, depois disso, eu passei a jogar no meio, ficar mais parada, mas eu adorava jogar na lateral

esquerda. Eu comecei na lateral esquerda, então tinha isso...não é assim como hoje! “Olha, olha você hoje vai jogar aqui no meio, mas cobrindo a lateral lá, e fazendo apoio pela ponta”. Nossa época não tinha isso não, as posições eram fixas!... fixa em termos, né? Você tinha seu esforço, sua liberdade...Mas a gente qualificava pelo tamanho (risos), pela velocidade, pela disposição... “Olha, hoje estou menstruada, estou indisposta”, (Aí o cara falava) “Pô, vamos ver onde você vai jogar...onde você acha ?”.... “Eu vou jogar lá na ponta, assim eu fico sossegadinha , só vou se a bola vir!”. Tinha isso, hoje não! Hoje você tem dispositivos médicos, remédios até que não te deixa indisposta pra nada!

E: E você vê o estilo de jogar..quer dizer...Você se espelhava em quem para jogar? Nos homens?

R: A gente adaptava né? Fazia adaptações, né? Tanto que tinha menina que vinha pra jogar com a gente e ia ter uma cobrança de falta: daí a gente via a menina assim (Raquel faz o gesto imitando a forma dos homens ficarem na barreira, ou seja, protegendo os testículos)...protegendo o “saco”!...A gente falava: “Não pô, proteja seu seio!” ...E a menina falava: “Não pô, eu assisti o jogo ontem e o cara tava com a mão...” E a gente falava: “Ô meu!...mas segura tua onda! Proteja teu seio, teu rosto!”. Eram as adaptações. A bola quando eu comecei, era a mesma do masculino, ela era super-pesada pra mim, que tinha 11, 12 anos. Depois de um tempo que fui conhecer uma bola de futebol feminino. Então ficou fácil pra mim...ficou fácil, tanto que a maioria dos gols que eu fiz era cobrança de falta, porque eu comecei com a bola pesada. Quando veio a bola do futebol feminino, acho que pouca coisa menor, mas o peso era menor, também, ficou fácil. Fazíamos adaptações dentro. (A gente falava) “Você viu o cara?... Ele deu um pique foi e voltou! Mas o cara treina! Você acha que tem condições de ir e voltar?... Tudo bem, mas se você não voltar, vai comprometer a equipe”. Havia essa comparação, mas com adaptação dentro da performance das meninas! Não tinha como você equiparar, fazer o mesmo.

E: Nos Estados Unidos às meninas tem possibilidade de se “espelhar” numa jogadora, sendo que o grande ídolo delas é a atleta da Seleção Norte-Americana MIA HAM.

R: Claro! Aí é que tá! Tem meninas que eu vejo que brincam, no meio dos meninos, meninas de 11, 12 anos. Aqui no campinho perto de casa, aonde você passa, sempre tem o futebol. A menina fala pra você : “um dia eu vou jogar que nem a Sissi”. E eu perguntei: “Que nem quem?” Ela responde: “A Sissi, oh! Você não viu aquela careca?”. Já está mudando! Mas elas não se espelham nas de fora. Elas se espelham em 3 ou 4. Na PRETINHA, SISSI, ELAINE, NA MICHAEL, entendeu? Agora sim, você ouve falar, porque houve essa divulgação, houve esse

campeonato que foi televisionado. As meninas que tem hoje 12, 13 anos na época tinha 7, 8 e o pai, dentro de casa hoje incentiva porque pode dar dinheiro! Entendeu? Na época nós não tínhamos.....eu sempre tive apoio em minha casa, não o incentivo, eu sempre tive o apoio, não dava nada, você só perdia, você só gastava. Hoje não, hoje você vê aí mães falando: “Não, minha filha, vai ser jogadora de futebol, você não viu aquelas meninas tomar um avião aqui, vão não sei pra onde, vão para o Japão, aparecem na televisão, e ganham dinheiro, tem faculdade de graça?”. Hoje está mudando o conceito. E as meninas pequenas hoje, estão se espelhando nas meninas.

E: Você teve notícia do último campeonato de futebol feminino aqui no Brasil?

R: Não.

E: Então, Eles (a Federação Paulista de Futebol) fizeram uma pré-seleção para o campeonato no qual tinha alguns critérios como “ser bonita”, ter “olhos claros”, “ser gostosa”, etc. A SISSI não poderia jogar este campeonato!

R: Não deu certo não é? Não foi pra frente isso daí, não é? Pelo menos eu não vi o campeonato. Teve, teve?

E: Teve o campeonato, e não teve tanto sucesso. Passou um programa no canal SPORTV falando sobre esse campeonato e também apareceu alguns depoimentos de algumas atletas como a Hortência onde ela falou que era contra este tipo de coisa e que a competência técnica deveria ser mais importante. A beleza, a estética não deve ser negada, mas este elemento é um item secundário para o sucesso de um campeonato.

R: Se isso fosse prevalecer, no futebol masculino não tinha jogador em campo, pois tem muito homem feio jogando bola então! Craques, não é? Porque só no feminino vê isso? Pegue um time de futebol masculino e dá uma olhada! Dois, três. Só que tem o biotipo que a federação quer pra mulher. Aí sim, eu encaro isso como uma discriminação, como preconceito. Porque tem que ser assim? Pra fazer a mídia de quem ou pra quem? Para a federação?...Tem a menininha que é, mora, não querendo discriminar, pelo amor de Deus, mora numa favela, mas não tem o tempo de cuidar do cabelo, então pra ela o cabelo tem que ser baixinho, né? Ela não tem como comprar roupinha que vai deixar as formas dela marcadas. Ela vai usar um short (não audível) mas ela é craque!

E: E aí, vai deixar ela de fora por causa disso? Agora, se você recebesse um convite pra realizar um projeto para melhorar o futebol feminino, quais coisas você mexeria para melhorá-lo. Apresente cinco itens, especifique 5 pontos.

R: 1º. Teria que dar uma base de cultura, de estudo para toda e qualquer atleta. Qualquer modalidade esportiva. Isso pra mim é primordial, porque se você tiver um estudo você vai saber

se posicionar diante de qualquer coisa. 2º. São poucos os clubes que tem futebol feminino, mas são muitas as pessoas que gostariam de estar lá, mas que financeiramente não podem estar. Que o futebol feminino fosse preparado pela prefeitura da cidade em praças esportivas populares. Tivesse todo fim-de-semana, vamos supor: “Olha, hoje vai estar o professor lá e vocês vão treinar o futebol feminino”. É, inicia-se com crianças de 10, 12 anos até a fase adulta. Seriam os dois pontos básicos pra mim. Dar oportunidade! O 3º. Seria que houvesse o apoio das federações, dos próprios clubes e houvesse o campeonato com continuidade anual, né? Não semestral, ou bimestral. Que não fosse um torneio, fosse um campeonato, que desse a oportunidade para todas. Todas que eu digo, é assim...a praça pública; você põe um olheiro lá. “Então, está vendo aquela garota lá? Pode pegar... e coisa e tal!” Essa é a oportunidade que eu tive. “Oh! Mas eu não vou levar aquela garota porque ela mora lá, não sei aonde! Vai dar despesa, dar trabalho para nós”. A estrutura! Entendeu? Que mais que eu poderia colocar? Eu acho que esses três pontos...É lógico, você tendo o apoio médico, você ter apoio pra saúde, para tua família...Você tá no clube, e este clube é federado, este clube tem apoio de uma federação, tem um apoio do Estado, ou da prefeitura, qualquer que seja o órgão. Tem que dar apoio para tua família. Você está tirando o atleta da família. Você tem que dar o retorno. O “retorno” não seria bem a palavra, mas você tem que dar o apoio mesmo é para essa família. “Olha seu filho, sua filha vai jogar em tal lugar e vamos levá-la. A senhora vai ficar sem teu filho, tua filha, durante 1 mês, porque vai ter um torneio não sei aonde”. Então o que eu falo do apoio é: todo dia esta atleta tem que se comunicar com a família. “Olha mãe, está tudo bem!”.

Quando a menina volta de lá ela traz recordações. “Vou trazer essa camisa e vou colocar pendurada no quarto e toda vez mãe, que a senhora se lembrar de mim, olha para a camisa”. Para a atleta isso é ótimo, isso cresce dentro de você, você se valoriza, você se sente valorizada. O 4º. Item seria ter o Intercâmbio.

E: Um dado pedagógico. Os meninos recebem estímulo mais cedo que as meninas, para a atividade físico-esportiva e no futebol isto é mais notado. A iniciação esportiva das meninas vem mais tarde. Há uma necessidade de uma massificação para as meninas mais cedo.

R: Por isso é que eu falo em praças públicas. Para o povão. Porque aí vai! As meninas vão. Porque estar ali! Tá na porta da casa dela. “Olha, eu vou ali, mãe, olha é futebol, eu vou”. Ela vai! Ela vai se soltar. Ela vai se desenvolver!

E: Você ficou até o final da equipe do Guarani?

R: Fiquei até acabar a nossa equipe dentro do Guarani. Até nós irmos para o Saad.

E: E como era a relação do técnico com as jogadoras, com você?

R: Eu tive o Fefeco, o Airton. Mas era um relacionamento...eu sempre fui uma pessoa muito autêntica, o que eu tenho que falar eu falo! Em relação com as meninas, não tinha problema nenhum de relacionamento não! Eu nunca tive. Mesmo porque eu ia por prazer, por lazer mesmo. “Olha Raquel, domingo às 8 horas!”. Pô, domingo às 8 horas eu tava lá mesmo! ...por prazer, por lazer. Eu não faltava. Era o que eu gostava era o que eu queria.

Entrevista com a jogadora “B”:

Entrevistador: Com quantos anos você começou a jogar futebol?

Resposta: Meu tio que me ensinou a jogar futebol. Eu tinha menos de 10 anos. Eu adorava jogar bola com homem. Eu tenho uma carteirinha do Esporte Amador masculino. O pessoal me colocou e não me aceitaram porque eu era mulher. Joguei muito em Paulínia no time da Lazineira, que Deus a tenha! Era futebol feminino, onze contra onze.

E: Como foi sua entrada no Guarani?

R: Foi quando...foi lá em Souza quando jogamos contra o time da Douglas que na época era chamado de “Calamaris”. Eu joguei contra e eles gostaram muito do meu futebol. Foram lá na casa dos meus pais, e eles me liberaram, porque eu era de menor, para jogar em São Paulo. Aí eu comecei a jogar nos Expedicionários de São Paulo. Aí depois....Inclusive aqui no circo aqui em Barão, vira e mexe tinha futebol feminino. Tinha um cara lá no gol e a mulher que fizesse gol nele, ganhava alguma coisa, né? Eu fui lá e eu me lembro que de 10 gols eu chutei 1 para fora. Os caras iam ter prejuízo, pois graças a Deus eu sempre tive um chute forte.

E: Você jogava em qual posição?

R: Geralmente eu era atacante. No Guarani eu comecei como centro-avante, depois eu fui para volante.

E: Como você vê o futebol feminino de hoje com relação ao futebol no tempo que você jogava no Guarani?

R: Faz um tempo que não assisto futebol feminino, mas eu vou falar uma coisa: Meu sobrinho me chamou para jogar bola com os amigos dele lá embaixo (ela estava se referindo ao campinho no final de sua rua). Não gostei nem um pouquinho da bola! A bola para mim era...era bola de vôlei, porque antigamente.... (segurando uma bola antiga que ela guarda até hoje)... ela fala: Quer dizer...isso pra mim que é bola de futebol! Eu joguei bola com a molecada lá embaixo. Eu dava um chute na bola e a bola não obedecia meu comando. A bola é mais leve hoje...Eles ficaram meio assustados porque eu também joguei no gol...tudo! joguei na linha, entrava duro, né? Eles ficavam reclamando...porra! Parece um bando de mulher cacete! Tô jogando bola com homens. Eu fiquei de levar essa bola pra eles para ver se eles eram capazes de jogar a bola com essa aqui (pega de novo a bola antiga e mostra para mim). Eu falei pra eles que para mim isso é bola de vôlei! Eu acho que a bola de futebol...não sei...

E: Você assistiu algum jogo das Olimpíadas do futebol feminino?

R: Não, não, não cheguei assistir!...Quem pagava minha passagem era a Douglas. O dono do time era o Romeu e a Mara que era nossa goleira...Eu me lembro que era gostoso. Já quebrei o pé jogando bola. Essa cicatriz que eu tenho na perna foi pulando muro da escola pra ir jogar bola.

E: Como foi a participação do Guarani?

R: A gente jogava muito bem viu? A gente tinha na época...tinha boa...Quando o Guarani acabou eu senti sabe? Não sei se existe hoje o Guarani ainda! Eu gostava por prazer. Eu jogava por prazer mesmo. Eu tinha o maior prazer de jogar futebol. Até hoje de vez em quando eu brinco, como eu joguei com meu sobrinho lá embaixo. Mas é... Eu ia para São Paulo e não tinha como vim de lá pra cá todo dia, final de semana. Inclusive meu pai me incentivou a ir jogar lá no Radar, jogar futebol. Minha irmã conseguiu pra mim. Mas acho que por medo, insegurança, eu não fui, desisti, acabei não indo, não sei!

E: Qual foi o seu melhor momento no futebol?

R: Olha, vou dizer. Um momento, uma coisa que foi simples na minha vida, foi quando teve o circo aqui. Eu jogava o futebol lá, o circo inteirinho, o circo lotado gritando seu nome, isso é uma sensação que eu nunca mais vou esquecer na minha vida, entendeu? Até hoje alguém comenta. Eu

saio na rua aí, e o pessoal fala: “E aí baixinha, você não vai voltar a jogar futebol?”. Coisas assim... Isso foi um momento que realmente marcou a minha vida. É uma coisa que não dá pra esquecer, sabe? Nossa senhora! Inclusive um amigo aqui, que já é falecido....ele era muito brincalhão, foi meu melhor amigo. No circo, era 5 ou 6 meninas de cada lado, porque o espaço era pequeno.

E: Quando você jogava no Guarani, como era o comportamento da torcida nos jogos, como é que eles viam as meninas jogando futebol?

R: É....gostava, né? Naquela época era muito preconceito, hoje não! Hoje está tudo bem, mais fácil e como diz, a gente sempre acha que nasceu na época errada. Se eu hoje tivesse o futebol de antigamente, se eu fosse mais nova ! Eu vou fazer 40 anos... eu ainda jogo futebol, tanto é que o meu sobrinho fica me comparando com o Romário, e eu xingo ele, nossa senhora! Eu xingo ele porque eu não gosto do Romário.

Obs: Nesse momento da entrevista, ela se levanta, sai da sala e volta com uma caixinha, tira um documento de dentro dela e me mostra. Era a carteirinha, com sua foto, da Liga Campineira de Futebol Amador masculino.

R: Eles me inscreveram e não me aceitaram. Inclusive o pessoal começou falar: “Estão com medo de jogar bola com mulher e perder o jogo?”. Treinei bastante, eu era centro-avante do time, até então eles não perceberam que eu não era moleque. No vestiário o juiz ficou meio assim... “Homem com peito?” Foi aí que..... Acho que joguei um jogo só. O juiz achou estranho eu não entrar dentro do vestiário junto com os outros rapazes, né? Todo mundo pelado se trocando, mas eu sempre jogava futebol com os homens. Eu gosto de jogar mais bola com homem porque o meu futebol é meio duro. As minhas entradas são meio violentas. Quando eu era mais nova também, quando meu primo, lá no Guanabara (bairro de Campinas)...Fui jogar com os amigos deles lá. Os meninos começaram a tirar sarro: “Ah! Mulher vai jogar bola com a gente?” Dei uma entrada num moleque, eu entrei numa dividida com o moleque, quebrei o pé do moleque. Uma coisa também que eu me lembro também no Guarani, uma passagem que até acho que queimou meu filme, acho que até passou na televisão: o Guarani jogava contra a Venezuela e a menina entrou dura em mim e eu arrumei briga com ela. Fui expulsa de campo. Um amistoso no Brinco de Ouro. Naquele dia eu levei uma bronca do técnico!

E: Do técnico?

R: Do técnico e de todos.

E: Mas isso acontece.

R: É...Mas “queimou” o futebol feminino, né? Porque apareceu na televisão e pra variar, tinha que ser eu. Foi uma coisa que eu fiquei chateada! Quando eu comecei a jogar futebol eu me baseei muito no Rivelino, que tinha um chute forte.

E: Nesse momento eu interrompo e falo sobre como está o futebol feminino hoje.

R: Acho que tem que ter. A mulher do Ronaldinho ganha milhões...A mulher do Ronaldinho faz sucesso porque sabe jogar futebol ou é porque ela é bonita? Sabe, hoje, se eu entrar no campo, como entrei lá embaixo, para jogar futebol, eu falaria para os caras: “Vocês tão parecendo um bando de mulher! Futebol hoje é bola de vôlei!”. Sempre tem uma bolinha e eu estou sempre brincando.

E: Se você fosse presidente da CBF, o quê você faria pelo futebol feminino?

R: Profissionalizar os times. Tem muita garota aí! Eu deixava de fazer a lição para jogar bola e meu pai recebia cartinha da direção da escola. Até hoje, eu vou fazer 40 anos, e se me chamarem para jogar futebol, eu vou! Adoro assistir jogos até hoje.

E: Se você tivesse no governo, o quê você faria para ajudar o futebol feminino?

R: Profissionalizar. Eu acho que os mesmos direitos que o futebol masculino tem, as mulheres também deveriam ter. As mulheres são interessadas pelo futebol! Jogam por amor! Eu me considerava uma boa jogadora de futebol. Eu tenho o orgulho de ter jogado no meio dos homens! Eles brigavam por mim!